

Порт / П  
К 87

KOTSIURBYNSKY



SOMBRAS DOS  
ANCESTRAIS  
ESQUECIDOS



MYKHAILO KOTSIUBYNSKY

SOMBRAS DOS ANCESTRAIS  
ESQUECIDOS

COMPANHIA BRASILEIRA DE ARTES GRÁFICAS  
RIO DE JANEIRO  
1985

**Tradução do Ucrainiano: Wira Selanski, em colaboração  
com Anna Maria Muricy e Theresia de Oliveira**

**Revisão: Rui Capdeville**

**Pinturas com motivos ghutsulos: Zoya Lisowska**

**Série VERTÉP:**

- 1. Ghryghory Skovorodá: FÁBULAS (1978)**
- 2. Tarás Chewtchenko: O SONHO (1980)**
- 3. Iván Frankó: MOISÉS (1981)**
- 4. Vassyl Stefanyk: CRUZ DE PEDRA (1982)**
- 5. Léssia Ukrainka: DON JUAN (1983)**
- 6. CONTOS POPULARES UCRANIANOS (1983)**
- 7. Mykhailo Kotsiubynsky: SOMBRAS DOS ANCESTRAIS  
ESQUECIDOS (1985)**

**Capa: WW**

**© Wira Selanski  
e  
Zoya Lisowska**

## MYKHAILO KOTSIUBYNSKY (1864-1913)

Mykhailo Kotsiubynsky é uma figura de destaque dentro do quadro da Literatura Ucraniana não apenas por ser seu maior escritor impressionista, mas por sua solidariedade humana com os humildes, indefesos e sofredores.

Filho da cidade de Vínnytsia, na região de Podila, passou os primeiros anos da vida em aldeias e cidades pequenas. Cedo perdeu o pai — funcionário público — e ficou sobrecarregado de deveres familiares tendo, com isso, uma infância e juventude sacrificadas. Por posição anti-tzarista, foi impedido de terminar os estudos e adquiriu sua cultura como autodidata. Com o sustento de professor particular mantinha a mãe cega e os irmãos menores. Mais tarde trabalhou como membro de uma comissão inspetora vinícola na Criméia e na Bessarábia. De 1898 até sua morte viveu no Norte da Ucrânia, em Tchernyghiw, como diretor de estatística da economia rural.

Ainda jovem, Kotsiubynsky teve ligações com a ala dos intelectuais ucranianos liberais; disso falam seu conto KHO (1894) e a narrativa EMBAIXADOR DO TZAR NEGRO (1897). Suas obras só podiam ser publicadas no território ucraniano ocidental, que pertencia ao Império Austro-Húngaro, na Galícia, já que no Império Russo, ao qual pertencia a parte oriental da Ucrânia, por decreto do czar (1876) a língua ucraniana, escrita e falada, era ilegal. A amizade de Kotsiubynsky com o poeta Iván Frankó valeu-lhe a colaboração em vários periódicos literários do território ocidental. Mais tarde, porém, a intelectualidade liberal, com seu posicionamento político dúbio, o desaponta.

As primeiras obras do autor possuem tendência realista, assim os contos NAS ASAS DA CANÇÃO (1895), PARA O BEM COMUM (1895) e POR ALTO PREÇO (1901). As freqüentes viagens ligadas ao trabalho abriram-lhe os olhos para a condição lamentável das minorias políticas no Império Russo, que lhe parecia “madorna de mar morto, com seus surdos recantos de ursos, despojada de interesses sociais ou intelectuais”, condição esta que provocou uma profunda ignorância entre os povos subjugados, e seu genocídio. Kotsiubynsky comparava o Império Russo com uma alta escada em cuja parte superior estavam o tzar e o carrasco. Este último é a figura principal dos contos PERSONA GRATA, O DESCONHECIDO e NO CAMINHO (todos de 1907).

O romance FATA MORGANA foi escrito na primeira década do século e possui forte cunho social. O autor examinou processos jurídicos que relatavam o levante dos camponeses nos anos 1905-07, enumerando estragos de domínios senhoris, a justiça autônoma popular e sua dura punição. O sonho de liberdade foi de curta duração. O romance tem caráter de epopéia heróica. A massa do povo aparece aí como protagonista e age como modeladora de seu próprio destino. O autor abandona a narrativa cronológica e faz a montagem dos momentos mais característicos dos acontecimentos, como profundo conhecedor da alma humana, compadecido de seus personagens infelizes.

Cedo o autor aprendeu a penetrar na psicologia da criança: KHARYTIA (1891), PINHEIRO (1891), PEQUENO PECADOR (1893) são obras-primas, descobrindo em crianças do povo qualidades maravilhosas de laboriosidade, autenticidade e retidão. De acordo com o autor, a criança ainda possui sentimentos justos, em oposição aos sentimentos dos adultos, como se vê em PRESENTE DE ANIVERSÁRIO (1912).

Estes elementos humanitários são a tônica da obra de Kotsiubynsky, pronunciados expressivamente na obra INTERMEZZO (1908): “Eu não posso me desencontrar do ser humano. Eu não posso estar só.”

A narrativa de Kotsiubynsky é geralmente sucinta, às vezes até lacônica. O diálogo é concentrado. É caracte-

terística sua a personificação dos elementos da Natureza, o que encontramos numa série de obras: FLORADA DE MACIEIRA (1902), INTERMEZZO, NA ILHA (1912) e outras. Sua prosa, ao mesmo tempo colorida e musical, capta o instante passageiro, apresentando o mesmo quadro em sua mutabilidade constante; isso define o autor como impressionista.

Além de FATA MORGANA, também NA PERDA (1902), DUELO (1902), GARGALHADA (1906), ELE VEM! (1906) mostram a ação refletida na reação psicológica dos personagens: sua ânsia, seus temores, sua espera pela tragédia. Todo o conto ELE VEM!, que descreve um "pogrom" de judeus miseráveis, está pintado em vermelho e negro. A paisagem torna-se parte dos acontecimentos e o monólogo interior é expediente estilístico. Kotsiubynsky freqüentemente usa a metonímia: "Bocas desdentadas ululavam, berravam rugas de sabedoria e experiência, saltavam barbas e esqueléticas mãos ressequidas."

Os quadros de Kotsiubynsky refletem dinamismo, não estática. Numa série de obras o autor opõe-se ao tradicionalismo estéril. Em AMARRAS DO TENTADOR (1889) está espelhada a alma de uma jovem tártara em madorna de tédio durante um dia festivo, sentindo nostalgia indefinida por uma vida mais livre e um amor verdadeiro. Também o conto HUMANAMENTE (1900) mostra a ânsia por uma vida renovada na alma do aldeão Karpó. A obra termina com uma reflexão filosófica almejando dissolver a dissonância da vida humana em harmonia cósmica. As novelas BONEQUINHA (1901), NO MUNDO PECADOR (1904), SOB MINARETES (1904) criticam a humildade submissa a padrões estereotipados e a ideais falsos.

Em 1911 Kotsiubynsky esteve nos Cárpatos, na aldéia Kryvoriwnia, onde periodicamente se reuniam os intelectuais ucranianos mais importantes. O autor ficou encantado com este recanto do Sudoeste ucraniano até então desconhecido para ele. Conheceu nessa ocasião sua população pitoresca: os ghutsulos. Desligados do resto da humanidade pelas montanhas e por uma tradição milenar, eles acreditam no princípio animista que ali penetrou do Oriente provavelmente ainda na Idade Média. Sua religião é dualista: crêem na coexistência do bem e do mal,

o que propiciou sua rica demonologia, visível em lendas, contos de fadas e costumes, com muitos elementos pré-cristãos que se conservam até o nosso século. Os ghutsulos são mestres em construção de igrejas e campanários de madeira talhada, talentosos artesãos, com seus desenhos geométricos em bordados, com motivos florais e figurativos em cerâmica e pintura de ícones. Seus trajes são o que há de mais colorido e garboso entre os trajes populares europeus.

Kotsiubynsky escreveu a novela SOMBRAS DOS ANCESTRAIS ESQUECIDOS (1911) com um leve toque de dialeto ghutsulo. O autor não se propôs idealizar seus personagens: o belo e o feio, o lírico e o grotesco, o piedoso e o dionisíaco pagão recebem o mesmo tratamento e se misturam num painel de rara beleza e de alta força imaginativa e onírica. Uma tradução pode transmitir apenas pálido reflexo da obra original.

SOMBRAS DOS ANCESTRAIS ESQUECIDOS foi transformada em filme pelo produtor do estúdio cinematográfico de Kiev, Serguei Paradjanov. A obra, que foi traduzida no Brasil sob o título CAVALOS DE FOGO, recebeu a prêmio de Cannes. Com esta novela o autor iniciou uma etapa nova e muito breve de sua criação literária, interrompida pela morte em 1913.

A novela fragmentária NA ILHA, com observações extremamente sutis da natureza, é composta de pequenos quadros em mosaico. O último deles representa uma fileira de ágaves florescentes, condenadas à morte. "Ave, mare, morituri te salutant!" foram as últimas palavras do escritor Kotsiubynsky.

W.S.





## SOMBRAS DOS ANCESTRAIS ESQUECIDOS

Ivan era a décima nona criança da família ghutsula Palytchuk. A vigésima, e última, era Annytchka.

Não se sabe se o eterno bramido do rio Tcheremoch e as contínuas queixas das torrentes bravias que enchiam a solitária choupana na montanha calva ou, então, a tristeza das negras matas de pinheiros assustavam a criança; mas Ivan chorava sem parar, demorava a crescer e olhava a mãe com um olhar tão profundo, velho e sábio, que ela, aflita, desviava dele os olhos. Às vezes chegava a pensar não ser ele seu filho. De certo a parteira não havia prestado atenção, talvez não tivesse esfumado a casa ou tivesse esquecido de acender as velas, e a esperta diaba conseguira trocar seu filho pelo próprio diabinho.

O menino crescia penosamente mas acabou crescendo e nem notaram o tempo passar quando foi preciso costurar-lhe umas calças. Continuava, contudo, estranho. Olhava à sua frente vendo algo distante e desconhecido a todos ou gritava sem motivo. As calças, tecidas de lã vermelha, escorregavam-lhe pelo corpo mas ele ficava parado no meio da casa, de olhos fechados, e berrava. Então a mãe tirava o cachimbo de entre os dentes, o escorraçava, gritando furiosa:

— Manda-te, enjeitado! Some para o lago e para o matagal!

E ele sumia.

Rolava pelos prados ceifados, pequeno e branco, igual à bolha de um dente-de-leão; sem temor penetrava na floresta escura onde os pinheiros mexiam em cima dele com seus ramos como um urso com as patas.

De lá olhava os montes, os picos próximos e os distantes azulando no céu, os pinhais negros, com sua res-

piração azul escura, o claro verdor dos prados ceifados, brilhando como espelhos na moldura das árvores. Abaixo dele, no vale, fervia o gelado Tcheremoch. Nas colinas longínquas cochilavam ao sol solitárias vivendas. Tudo era silencioso e triste: os pinheiros sombrios deixavam, sem parar, sua nostalgia escorrer pelo leito do Tcheremoch, que a levava aos vales, contando histórias.

— Iva-a-n! — chamavam-no de casa; mas ele não prestava atenção, colhendo framboezas, fazendo estalar folhas, talhando um pífaro ou assoviando num talo de capim para imitar vozes de pássaros e todos aqueles outros sons que ouvia na mata. Quase invisível, no meio de plantas silvestres, colhia flores para enfeitar o chapéu e cansado deitava-se debaixo do feno empilhado que secava sobre galhos de abetos secos enquanto ribeiros dos montes o acalentavam e o despertavam novamente com seu repicar.

Quando Ivan tinha sete anos olhava o mundo de maneira diferente. Já conhecia muitas coisas. Sabia achar plantas úteis — valeriana, beladona e sanícula — entendia por que o corvo crocitava e não ignorava de onde provinha o cuco. Quando contava estas coisas em casa, a mãe o olhava desconfiada: será que *aquilo* lhe falava? Ele tinha certeza que no mundo governava o espírito mau; que Aridnyk, o tihoso, reinava em tudo; que a floresta estava cheia dos espíritos da mata, os lissovyks — eles apascentavam lá seu gado: cervos, lebres e corças — ; que lá vagueava o alegre Tchughaister, convidando, sem mais, um caminhante para dançar; que ele despedaçava as ninfas das matas, as niawkas traiçoeiras; e que na floresta vivia o som do machado. Mais em cima, nos píncaros sem água, as niawkas dançavam suas infinitas cirandas e nos rochedos escondia-se o malvado. Ivan sabia contar sobre as russalkas, que nos dias de sol saíam das águas para na margem cantar suas canções e inventar contos de fadas e orações, e sabia também discorrer sobre os afogados que, depois do pôr do sol, secavam seus corpos macilentos nas pedras do rio. Inúmeros espíritos maus enchiam rochas, florestas, precipícios, casas e cercados, espreitando o cristão ou seu gado para os prejudicar.

Às vezes, acordado à noite, no meio do silêncio inimigo, Ivan tremia cheio de pavor. O mundo todo era um

conto de fadas: repleto de maravilhas, misterioso, cativante e terrível.

Agora ele já tinha obrigações: mandavam-no pastorear as vacas. Ele tangia sua Amarelinha e sua Cinzentinha, e quando elas se afundavam nas ondas das ervas silvestres e dos renovos de pinheiros, respondendo-lhe como debaixo d'água com o toque dolente de seus sinos, ele se acomodava em qualquer parte na encosta do monte, pegava da flauta e tocava canções ingênuas, aprendidas com os mais velhos. Aquelas cantigas, porém, não lhe bastavam. Com desgosto abandonava a flauta e escutava outras melodias que viviam dentro dele, imprecisas e inalcançáveis.

Das profundezas subia até Ivan e inundava as montanhas o ruído surdo do rio, no qual gotejava de tempo em tempo transparente som de sino. Atrás dos galhos de abetos espreitavam montes preocupados, embebedos na tristeza das sombras que as nuvens lançavam, apagando o pálido sorriso dos prados ceifados. As montanhas mudavam a cada instante sua disposição: quando o prado sorria, a floresta ficava sombria. Era tão difícil fixar o rosto móvel das montanhas, quanto era difícil à criança captar a volúvel melodia da canção que serpenteava e batia asinhas junto a seu ouvido, sem se render.

Um dia, Ivan abandonou suas vacas e foi escalar o pico da montanha. Por um atalho quase imperceptível, ele subia cada vez mais alto, entre densas moitas de samambaias pálidas, amoras espinhentas e framboezas. Saltava levemente de pedra em pedra, passava por cima de troncos caídos, penetrava por entre ramos de arbustos. Atrás dele erguia-se dos vales e eterno murmúrio do rio, as montanhas cresciam, a miragem azul da cadeia de Tchernoghora levantava-se no horizonte. Comprido capim chorão cobria agora as encostas da montanha, os sinos das vacas tiniam como suspiros distantes, sempre mais freqüentes encontravam-se blocos de pedra que mais alto, no próprio cume, formavam um caos de rochas despedaçadas, marcadas por eczemas e sufocadas nos abraços serpejantes das raízes de abetos. Sob os pés de Ivan, musgos ruivos e felpudos, macios e sedosos envolviam cada pedra. Tépidos e suaves, guardavam dentro deles a água da chuva de verão, dourada pelo sol e cediam mole-

mente, envolvendo o pé como uma almofada de plumas. O verdor cacheado das murtas e airelas enraizava-se nas profundezas do musgo e orvalhava-se com os bagos vermelhos e azuis.

Aí Ivan sentou-se para descansar. Docemente tinham em cima dele os ramos dos pinheiros, misturando-se ao murmúrio do rio; o sol derramava ouro pelo vale profundo, fazendo as ervas verdejarem; em algum lugar subia fumaça azulada de fogueira e atrás do monte Ighrets rolava um trovão de voz aveludada.

Ivan escutava sentado, esquecido totalmente de que devia cuidar das vacas. De repente, neste silêncio sonoro, ele ouviu uma música suave que há tanto tempo esvoaçava incaptável em torno de seu ouvido que até lhe causava sofrimento! Rígido e quieto esticou o pescoço e, com tensão ansiosa, perseguiu a estranha melodia. Não eram homens que tocavam assim; pelo menos nunca tinha ouvido. Mas, então, quem era? Em torno havia terra brava, uma floresta solitária, e não se via viva alma. Ivan olhou para trás de si, por sobre o rochedo — e ficou petrificado. Montado sobre o penhasco *e/e*, o tihoso, de barbicha pontuda virada para um lado, de chifrinhos tortos, de olhos fechados, soprava num pífaro. “Cabras fugiram... cabras fugiram...” derramava-se, tristonho, o pífaro. Mas logo os chifres se endireitaram, os olhos se abriram, as buchechas se inflaram: “Eis minhas cabras!... Eis minhas cabras!...” saltitavam tons alegres; e, com pavor, Ivan deparou, por detrás dos galhos, com bodes barbudos sacudindo as cabeças.

Queria fugir mas não conseguia. Estava fincado no lugar, gritando com voz muda de terror gelado. Quando, finalmente, conseguiu soltar a voz, o tihoso se encolheu e sumiu de repente dentro do rochedo; e os bodes se transformaram em raízes de árvores, abatidas pelo vento.

Ivan precipitou-se à frente, sem pensar, às cegas, rasgando traiçoeiros abraços de amoreiras, quebrando galhos secos e rolando pelos musgos escorregadios, e sentia apavorado que algo o estava perseguindo. Finalmente caiu. Ignorava quanto tempo tinha ficado lá deitado.

Tendo voltado a si e reconhecido os lugares costumieiros, foi se acalmando aos poucos. Surpreso, ficou escutando algum tempo. A cantiga parecia soar por den-

tro dele. Pegou da flauta. No começo não conseguia nada, a melodia não se rendia. Recomeçava, puxava pela memória, captava alguns tons, mas quando finalmente encontrou aquilo que tanto tempo buscava e que não lhe dava sossego, uma estranha canção nunca dantes ouvida jorrou pela floresta; a alegria penetrou no coração de Ivan, encheu de sol as montanhas, a mata e a relva e ressoou nos riachos; levantou as pernas de Ivan que, atirando a flauta na grama, apoiou as mãos na cintura e girou na dança. Driblava, subia levemente nas pontas dos pés, batia a terra com os calcanhares nus, saltitava como um pombo, turbilhonava e caía de cócoras. “Eis minhas cabras!... Eis minhas cabras!...” cantava algo dentro dele. Na mancha solar de uma clareira, que secretamente penetrara no reino sombrio dos pinheiros, pulava um menino branco: parecia uma borboleta a esvoaçar de uma haste a outra, e as duas vacas — a Amarelinha e a Cinzentinha — metiam as cabeças entre os ramos, olhando o menino com benevolência, ruminando o pasto e tilintando de vez em quando para sua dança.

Assim encontrou na floresta aquilo que desejava.

Em casa, na sua família, Ivan era freqüentemente testemunha de turbulência e desgraça. Em sua lembrança ainda tocara duas vezes junto à casa deles a longa trembita de casca de bétula, proclamando aos montes e vales a morte: a primeira vez, quando uma árvore na floresta esmagou seu irmão Oleksa; a segunda, quando seu mano Vassyl — um rapaz bonito e alegre — foi morto numa briga com a família inimiga, cortado por machadinhas. Havia uma antiga rixa entre sua família e a família Ghuteniuk. Apesar de que todos da sua linhagem fervessem de raiva contra aquela estirpe diabólica, ninguém sabia contar a Ivan de que tinha partido a contenda. Ele também fervia deseioso de vingança e pegava na machadinha do pai, ainda pesada demais, pronto para se atirar na luta.

Não importava que Ivan fosse o décimo nono e Annytchka a vigésima criança de seus pais. Sua família não era muito grande: dois adultos e cinco crianças. Os quinze restantes repousavam no cemitério ao lado da igreja.

Todos eles eram piedosos, gostavam de ir à igreja, especialmente na festa do santo padroeiro. Então podiam

encontrar-se com parentes distantes que habitavam aldeias vizinhas, e podia ainda haver a oportunidade de dar aos Ghuteniuk o troco pela morte de Vassyl e por todo aquele sangue que muitas vezes tinha jorrado dos membros da sua família.

Tiravam das arcas a roupa festiva: calças novas de lã escarlate, casaquinhos de pele de ovelha bordados, cintas e bolsas de couro cravejadas, saias tecidas com fios de metal, lenços de seda vermelha e até aquela esplêndida capa de lã nívea que a mãe cuidadosamente carregava num cajado apoiado no ombro. Ivan também recebia um chapéu novo e uma bolsa tecida a tiracolo, que lhe batia nas pernas.

Selavam os cavalos e, ao longo de atalhos cercados dos dois lados, movia-se pela crista da montanha uma procissão garbosa, enfeitando o caminho como que com papoulas vermelhas. Sobre os montes, pelos vales e nas colinas ia o povo em seus trajes de festa. A verde relva dos prados floria de repente; ao longo do Tcheremoch corria o riacho multicolor e por qualquer parte no alto, contra a negra cortina dos pinhais, ardia como brasa ao sol da manhã a copa vermelha de um guarda-sol ghutsulo.

Logo, logo Ivan iria ser testemunha do encontro das famílias inimigas.

Eles já vinham vindo da igreja, o pai um pouco ébrio. Subitamente, no caminho estreito entre o rochedo e o rio Tcheremoch, deu-se o aperto. As carroças, os cavaleiros e os caminhantes, homens e mulheres, pararam formando um montão. Num ímpeto de ira que brotou igual a um vendaval, não se sabe de onde, reluziram de repente machadinhas de ferro e começaram a jogar-se bem na frente dos rostos. Como granito contra metal, confrontavam-se as estirpes Ghuteniuk e Palytchuk e, antes que Ivan compreendesse do que se tratava, seu pai tomou-se de ímpeto e bateu com o lado de sua machadinha na testa de alguém, de quem jorrou sangue, manchando-lhe o rosto e salpicando de vermelho a camisa e o casaquinho garboso. O mulherio gritou e meteu-se para separá-los, mas já um homem com face tão rubra quanto suas calças fendia com a machadinha a cabeça do inimigo; e o pai de Ivan cambaleou igual a um pinheiro cortado.

Ivan meteu-se na briga. Não pensava no que fazia. Algo o transportava. Mas os adultos pisavam nos seus pés e ele não conseguia penetrar no miolo da briga. Quente, endemoninhado de raiva, com ímpeto pulou sobre uma garotinha que tremia de medo junto à carroça. Ah! Era de certo a guria do Ghuteniuk! Sem pensar muito, deu-lhe um tapa na face. Ela torceu o rosto, apertou com as mãos a túnica ao peito e começou a correr. Ivan a pegou junto ao rio, puxou bruscamente pelo decote e o rasgou. As fitas novas para as tranças caíram no chão, e a menina lançou-se em gritos para protegê-las, mas ele as arrancou e as jogou na água. Então, a menina, toda encolhida, olhou para ele de cabeça baixa, com um olhar profundo dos aveludados olhos negros, e disse tranqüilamente:

— Não faz mal... Tenho outras... mais bonitas.

Parecia consolá-lo. Surpreso pelo tom amável, o menino calou.

— A mãe me comprou uma saia nova... e sapatos de couro pregueado, com amarras... e soquetes bordados de lã... e ...

Ele ainda não sabia o que dizer.

— Vou calçá-los e vou ficar uma moça bonita...

Aí, ele ficou com inveja.

— E eu já sei tocar flauta.

— O nosso Fedir fez um flautim bonito... e como toca!

Ivan ficou sisudo.

— Eu já vi o tinhoso.

Ela o olhou incrédula.

— E por que tu brigas?

— E por que tu estavas junto à carroça?

Ela pensou um pouco, sem saber o que responder e começou a procurar algo no decote. Tirou de lá uma bala comprida.

— Olha!

Mordeu a metade e a outra lhe ofereceu com um gesto sério, pleno de confiança.

— Toma!

Ele hesitou, mas pegou. E logo em seguida, já estavam sentados um ao lado do outro, esquecendo a gritaria da briga e o rugido brabo do rio; ela lhe contava que seu nome era Maritchka, que já apascentava ovelhas, que uma

mulher chamada Martsynova — cega de um olho — roubou farinha de sua casa... e outras coisas semelhantes, interessantes para ambos, próximas e compreensíveis. Seu negro olhar aveludado penetrava meigamente no coração de Ivan...

Pela terceira vez ressoou a trembita, anunciando morte na casa solitária sobre o alto monte calvo: dois dias após a luta tinha morrido o velho Palytchuk.

Tempos difíceis vieram para a família após a morte do chefe. Alojou-se desordem, a riqueza escorria, um após outro vendiam-se os prados, e o gado minguava igual à neve das montanhas na primavera.

No entanto, na memória de Ivan a morte do pai não durava tanto tempo quanto o conhecimento da menina que, sem culpa alguma injuriada por ele, ofereceu-lhe a metade de sua bala num gesto cheio de confiança. Pela antiga tristeza sem motivo derramava-se agora uma corrente nova. Esta o atraía inconscientemente às montanhas e conduzia-o pelas colinas vizinhas, através de florestas e vales, até onde poderia, talvez, encontrar Maritchka. E finalmente ele a encontrou apascentando ovelhas.

Maritchka o recebeu, como se tivesse esperado por ele muito tempo. Agora eles deviam apascentar juntos! Pois bem! Que a Amarelinha e a Cinzentinha tocassem guizos para si mesmas e mugissem abandonadas na mata, pois ele iria pastorear o rebanho de Maritchka!

E como eles o pastoreavam!

As ovelhas brancas, em flocos, debaixo do frescor do pinheiro, olhavam com olhos tolos como sobre os musgos rolavam as duas crianças, ressoando no silêncio ao redor seu riso jovem. Ofegantes, escalavam as pedras brancas e, temerosas, olhavam de lá para o abismo, do fundo do qual se erguia íngreme ao céu o fantasma negro da montanha, com seu bafo azul, que não queria derreter-se ao sol. Da brecha entre os montes despencava-se uma cachoeira, sacudindo pelas pedras a barba grisalha. Estava tão quente, solitária e terrível esta eterna calma, guardada pela floresta, que as crianças escutavam a própria respiração. No entanto, o ouvido captava teimosamente e aumentava ao máximo qualquer ruído que vivesse

na mata, e às vezes parecia às crianças ouvirem misteriosos passos de alguém, surdo martelar de machado, ou respiração penosa de peito cansado.

— Ouves, Ivan? — sussurrava Maritchka.

— Como não? Eu ouço!

Ambos sabiam que pela floresta vagava invisível um machado, batia contra as árvores e respirava pesadamente do peito exausto. O medo os impelia de lá para o vale, onde o riacho fluía mais calmo. Cavavam no seu leito uma bacia funda, tiravam as roupas e tomavam banho, respingando a água como dois bichinhos selvagens, inconscientes do pudor. O sol repousava no cabelo claro dos dois, cegava-lhes os olhos, e a água gelada do riacho lhes cortava o corpo.

Maritchka sentia o frio primeira e punha-se a correr.

— Pára! — gritava para ela Ivan. — De onde és?

— De Yavor-riw, — batia os dentes, a azulada Maritchka.

— De quem és?

— Do ferreiro.

— Passa bem, filha de ferreiro! — beliscava-a Ivan e corria atrás dela, até que os dois, cansados mas aquecidos, caíam na grama. Nas águas tranqüilas do riacho, sobre o qual ardiam ranúnculos com brilho de sol e onde azulavam napelos com uma fileira de chinelinhos, tristonhas coachavam as rãs. Ivan inclinava-se sobre o riacho, perguntando à rã:

— Comadre, comadre: o que cozinhaste?

— Beterr-rabas-borchtch, beterr-rabas-borchtch, beterr-rabas-borchtch... — imitava Maritchka a rã.

— Beter-raba-bas!... Beter-raba-bas!... Beter-raba-bas!... — berravam ambos, de olhos fechados, até que as rãs surpresas calavam.

Assim apascentavam eles as ovelhas, perdendo, às vezes, algumas delas.

Quando cresceram, as brincadeiras ficaram diferentes.

Ivan já era rapaz, esbelto e forte como um pinheiro, untava seus cabelos com manteiga, usava um cinto largo de couro e vistoso chapéu. Maritchka usava cabelos trançados em muitas trancinhas, e isso significava que já estava pronta para o casamento. Não cuidavam mais dos

rebanhos juntos e sé viam apenas nos domingos e feriados. Marcavam encontro ao lado da igreja ou em lugar da floresta para que os pais não soubessem como se amavam os filhos das estirpes inimigas.

Maritchka gostava quando ele tocava flauta. Sempre pensativo, com olhar para além dos montes, parecendo ver algo que os outros não viam, colocava o canudo cinzelado nos lábios cheios, e sua estranha cantiga, que ninguém sabia tocar, brandamente caía sobre a verde relva tardia dos prados ceifados, onde os pinheiros deitavam à vontade suas sombras. Estava frio e a geada penetrava a pele ao esvoaçarem pelo ar os primeiros tons agudos da flauta. Parecia que cobertas de neve estendiam-se sobre os montes mortos. Mas logo atrás dos cumes surgia o deus-sol, colocando sua cabeça na terra. As neves se moviam, agitavam-se as águas, a terra retumbava do canto dos riachos. O sol se derramava sobre o pólen das flores, com passo leve niawkas andavam pelos campos, e debaixo de seus pés verdejavam as ervas novas. Com sopro verde respiravam os pinheiros, com sorriso verde riam os capins, e no mundo todo havia só duas cores: a terra vestia o verde, o céu — o azul... Ao longo do vale corria o Tcheremoch, carregando o sangue esverdeado das montanhas, irrequieto e sonoro...

Trembita!... Turu-rai-ra... Turu-rai-ra...

O coração dos pastores rejubilava, as ovelhas baliavam, sentindo o pasto. O frio prado montês sussurrava com o capim alto, e dos precipícios selvagens, do seu covil, levantava-se o urso sobre as patas traseiras, experimentava a voz e, de olho sonolento, já fitava sua presa.

Pulsam torrentes de primavera, urram através dos trovões os picos dos montes, o sopro do maldito vem vindo de Tchernoghora... e eis que de repente aparece o sol — a face direita de Deus — fazendo tinir as foices que deitam o feno em fileiras. De um monte a outro, de riacho a riacho, esvoaça a cançãozinha dançante "kolomyka", tão leve e transparente que julgas sentir como batem suas asinhas nas costas...

"Vem correndo da clareira a ovelhinha branca,  
Eu te quero bem, menina, pela fala branda..."

Suavemente tinem os ramos dos pinheiros, em voz baixa murmuram as florestas frios sonhos de noite estival, choram os guizos das vacas, enquanto as montanhas, sem parar, deixam escoar sua tristeza pelos ribeiros.

Com estrondo e lamento despenca no vale uma árvore cortada na floresta; os montes gemem em resposta. Agora é por causa da morte... Alguém descansou depois da lida pesada.

“O pequeno cuco canta à maneira antiga...  
Para alguém acabou hoje ciranda e cantiga...”

Maritchka respondia ao toque de flauta com suas cantigas, como a pomba ao pombo selvagem. Conhecia-as sem conta. De onde elas surgiam, não sabia dizer. Parecia que tinham-se balançado com ela no berço, patinhado no seu banho quando criança; nasciam em seu peito, assim como nascem flores não semeadas nas campinas, ou como crescem abetos nas montanhas. Estavam em tudo o que reparasse seu olhar, em tudo o que acontecesse no mundo: numa ovelha que se extraviara, num rapaz que ficava apaixonado, numa moça que traía o amor, numa vaca que adoecia, num pinheiro que sussurrava — tudo se derramava em canções leves e singelas e tão antigas como aquelas montanhas.

Maritchka também sabia inventar cantos. Sentava no chão junto a Ivan, abraçando os joelhos e balançando-se suavemente ao ritmo da música. Suas pernas torneadas, bronzeadas pelo sol e nuas dos joelhos até às soquetes vermelhas, contrastavam com a brancura da túnica de linho. E os lábios cheios se moviam com graça, quando começava:

“Canta o cuco na floresta perto do ribeiro,  
Esvoaça a cançãozinha pelo mundo inteiro...”

A cantiga de Maritchka contava a todos um acontecimento conhecido, ainda recente: como Paraska enfeitiçara Andry fazendo-o morrer; como ele, morrendo, aconselhava a não amar mulheres alheias. Ou, então, ela cantava a dor materna pelo filho esmagado na floresta por uma árvore caída. Os cantos eram tristes, singelos, cortavam o coração. Ela os terminava com as palavras:

“Canta o cuco pequenino no verde recanto,  
Foi Maritchka de Ivanko que fez este canto.”

Havia tempo que ela era de Ivanko: desde seus treze anos. E o que havia de estranho nisso? Quando apassentava ovelhas, via freqüentemente como o bode cobre a cabra, ou como o cordeiro salta sobre a ovelha — tudo era tão simples e natural, desde que o mundo é mundo, que jamais um pensamento impuro perturbara seu coração. É verdade que cabras e ovelhas ficam prenhas, mas a feiticeira ajuda aos homens. Maritchka não temia nada. Atrás do cinto, no corpo nu, carregava um dente de alho sobre o qual a feiticeira fizera suas rezas; agora nada lhe podia acontecer. Pensando nisso, Maritchka sorria maliciosamente para si mesma e abraçava Ivan:

— Meu bem, Ivanko! Será que estaremos sempre juntos?

— Se Deus quiser, meu amor.

— Será? Os nossos pais têm grande ódio no coração. Não estarão de acordo.

Então, seus olhos escureciam e sua machadinha afundava na terra:

— Não preciso do consentimento deles! Que façam o que quiserem, tu serás minha!

— Ai, ai! O que falas...

— O que ouves, meu coração.

E, como que para fazer raiva aos velhos, tanto rodopiava com a moça na dança da aldeia, que seus sapatos rompiam.

No entanto, nem tudo se deu conforme os planos de Ivan. Seu lar decaía, não havia mais sustento para todos, teve que procurar emprego. A preocupação o devorava.

— Tenho que ir aos pastos monteses, Maritchka, — entristecia-se ele de antemão.

— Não há remédio, vai, Ivanko, — respondia humildemente Maritchka. — Tal é a nossa sina...

Ela enfeitava com cantigas sua separação. Doía-lhe ter que interromper por muito tempo seus encontros na mata silenciosa. Abraçava Ivan, apertando sua cabecinha clara contra seu rosto e cantava-lhe suavemente junto ao ouvido:

“Lembra de mim duas vezes por dia, amigo;  
Numa hora, sete vezes sonharei contigo.”

— Pensarás em mim?

— Pensarei, Maritchka.

— Não faz mal... — ela o consolava. — Tu, pobre, serás pastor, enquanto eu vou ceifar capim para o feno. Vou subir numa meda de feno para olhar os montes com seus pastos. Tu me tocarás na trembita... Talvez ouvirei. Quando vêm neblinas, sento-me para chorar, pois não vou ver o lugar, onde está meu bem. E quando na noite clara o céu se encher de estrelas, olharei para aquela que brilha acima do pasto montês; aquela Ivanko também estará vendo... Só que deixarei de cantar...

— Por quê? Canta, Maritchka, não percas tua alegria, eu voltarei em breve.

Mas ela só balançava tristemente a cabeça.

“Cantiguinhas, cantiguinhas alegres, amigas!

Vou semear verdes montes com minhas cantigas”,  
respondeu-lhe em voz baixa.

“Cantarão as cantiguinhas sobre meu recanto,  
Lavarei, então, meu rosto em águas de pranto.”

Maritchka suspirou e acrescentou ainda mais tristemente:

“Se chegar a boa sina, colho-as de nova,  
Se chegar o mau destino, eu as abandono.”

— Assim farei, talvez terei que abandoná-las.

Ivan escutava a voz aguda da menina e imaginava que talvez fosse ela que há muito tivesse semeado as montanhas com suas cantigas; e as florestas, os prados ceifados, as colinas e os pastos monteses as cantavam, os riachos as faziam tilintar e o sol as espalhava por toda parte... Mas chegaria o tempo quando ele iria voltar e ela colheria todas as cantigas espalhadas para enfeitar com elas suas bodas...

Numa manhã ensolarada, Ivan foi ao posto montês. As florestas ainda respiravam com frescor, as águas dos montes bramiam nas cascatas, e o atalho subia alegremente entre os cercados. Mesmo sentindo pesar em aban-

donar Maritchka, o sol e a liberdade verde sussurrante que sustentava o céu com seus cumes lhe davam ânimo. Saltava levemente de pedra em pedra, igual a um riacho das montanhas, e saudava os passantes para ouvir a sua própria voz:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

— Para sempre seja louvado.

Sobre as colinas distantes jaziam solitárias moradas ghutsulas — eram cor de cereja, por causa da fumaça dos pinheiros que as penetrava — e pontudos tetos de montões de feno perfumado, enquanto no vale o cacheado Tcheremoch brilhava brabo com suas águas grisalhas e luzia por baixo dos rochedos com uma maligna luz verde. Atravessando um riacho após outro, contornando florestas sombrias, onde se fazia ouvir às vezes uma vaca com seu guizo ou onde um esquilo derramava do pinheiro os restos das pinhas, Ivan subia sempre mais alto. O sol começava a arder, o caminho pedregoso feria-lhe os pés. Agora as casas apareciam mais raramente. O Tcheremoch se estendia pelo vale igual a um fio prateado e seu rumor não chegava até lá em cima. As florestas cederam lugar aos prados monteses, macios, generosos. Ivan afundava neles como em lagos de flores, curvava-se de vez em quando para enfeitar o chapéu com um punhado de verbena vermelha ou com a grinalda pálida das margaridas do campo. Ao lado, as encostas das montanhas afundavam-se em profundos abismos negros, onde nasciam ribeiros frios e onde não pisava pé humano; lá se criava apenas o urso pardo, o temível “tio”, o inimigo do gado. Raramente encontrava-se água. Achando um riacho, Ivan se atirava àquele cristal frio que contornava as raízes amarelas dos pinhos e que carregava até a ele o sussurro das florestas! Junto a tais riachos qualquer boa alma deixava algum canequinho ou jarrinho de coalhada.

O caminho conduzia sempre mais alto, para os rochedos quebradiços, onde apodreciam, um sobre outro, pinhos espinhentos sem casca nem agulhas, iguais a carcaças. Eram ermos e selvagens aqueles cemitérios florestais, esquecidos por Deus e pelo povo; aí só arrulhavam galos selvagens e se enroscavam serpentes. Calma reinava neste lugar, um profundo silêncio da natureza, severo e triste. Atrás dos ombros de Ivan já cresciam os montes,

azulando na distância. A águia se erguia dos cumes pétreos, abençoando-os com sua larga extensão de asas; sentia-se a respiração fria do pasto montês, ampliava-se o céu. Arbustos, em vez de floresta, cobriam o solo com seu tapete negro de pinhos rastejantes, nos quais os pés se emaranhavam, e musgos vestiam de seda verde as pedras. Os montes distantes descobriam, um após outro, seus píncaros, curvavam seus dorsos, levantavam-se, como ondas no mar azul. Era como se os vagalhões marinhos tivessem endurecido justamente no instante em que uma tempestade os tivesse levantado do fundo do mar, para lançá-los à terra e inundar o mundo. Os cumes de Bucovyna sustentavam com suas nuvens azuis o horizonte e os picos próximos: Synytsi, Dzembronia e Bila Kobyla envolviam-se no anil, Ighrets fumegava e Hoverla espetava o céu com sua ponta aguda, enquanto Tchernoghora sufocava a terra com seu corpo pesado.

Pasto montês! Ivan estava naquele vasto prado, coberto de capim espesso. Um mar azulado de montes revoltos envolvia-o num largo círculo. Parecia que aqueles infinitos vagalhões iam em sua direção, prontos para se quebrarem a seus pés.

O vento agudo, como machadinha afiada, golpeava-lhe o peito, sua respiração confluía com a respiração das montanhas, e o orgulho foi se apoderando de sua alma. Teve vontade de soltar um grito a plenos pulmões, para que o eco rolasse de uma montanha a outra, até o horizonte, fazendo oscilar o mar dos cumes; mas, de repente, sentiu que sua voz iria se perder nesses espaços, igual ao zumbido de um mosquito...

Teve que se apressar.

Atrás da colina, num afundamento de terreno, onde o vento não bulia, encontrou um aprisco esfumaçado. A goela fria da chaminé negrejava. Os cercados para as ovelhas estavam vazios e os pastores se agitavam lá dentro para preparar seu próximo pernoite com o rebanho. O pastor chefe estava atarefado em fazer nascer o fogo vivo. Colocando um cajado nos afundamentos do umbral, dois homens passavam uma cinta por cima dele, fazendo-o rodar e ranger.

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo! — saudou Ivan. Nada lhe responderam, no entanto.

O cajado continuava a zunir, e os dois homens, concentrados e sérios, em gesto ritmado, puxavam a cinta. O cajado começou a fumar e logo saltou dele uma pequena chama incendiando as duas extremidades. O pastor chefe ergueu piedosamente a centelha e meteu-a dentro da fogueira, preparada junto à porta.

— Para sempre seja louvado! — voltou-se ele para Ivan. — Agora temos o fogo vivo e, enquanto ele arder, nem fera, nem outra força impura qualquer pègará no gado ou em nós, batizados. . .

Levou Ivan até a choupana, onde exalava o cheiro do abandono das jarras e pratos de madeira vazios e prateleiras nuas.

— Amanhã vão trazer-nos o gado querido. Que Deus ajude a entregá-lo inteiro de volta ao povo! — disse o chefe, instruindo Ivan em seu serviço. Havia algo de calmo e até solene na fala e nos gestos desse dono montês.

— Mykola! . . . — chamou ele pela porta afora. — Acenda logo a fogueira na choupana. . .

O esbelto Mykola, de cabelos cacheados, com face suave de lua cheia, trouxe fogo para a casa.

— Quem és tu, irmão? Um pastor? — interessou-se Ivan. E Mykola, descobrindo a fileira de dentes:

— Não, sou guarda. Devo cuidar do fogo o verão inteiro, para que não se apague, senão haveria desgraça! . . .

Olhou temeroso em torno. — E ainda vou buscar água no riacho, e lenha na floresta. . .

Nesse ínterim a fogueira já pegava fogo no meio da pastagem. O pastor chefe lhe acrescentava, com gestos solenes, como um sacerdote pagão, galhos secos de abetos e agulhas de pinhos verdes; a fumaça azul levantou-se levemente e, mais adiante, empurrada pelo vento, já serpenteava por entre os montes, cortava a nesga negra da floresta e espreguiçava-se por sobre os distantes cumes azuis.

O pasto montês começava sua vida com o fogo inextinguível, que devia protegê-lo contra todo o mal. E, como se estivesse côm-scio disso, o fogo serpenteava orgulhosamente seu corpo de réptil, expelindo renovados bafos de fumaça. Quatro fortes cães pastores, estendendo na gra-

ma os pêlos felpudos, fitavam pensativos os montes, prontos a qualquer instante para eriçar os pêlos, arreganhar os dentes e dar um salto.

O dia já se apagava. As montanhas mudavam a veste anilada pelos paramentos róseo-dourados. Então, todos os pastores se reuniram no aprisco, sentando-se em torno do fogo vivo, para consumir em paz sua primeira polenta no pasto montês...

“Como fica lindo o pasto e risonha a senda,  
Quando acorrem ovelhinhas de cada vivenda...”

O pastor chefe, alto como o espírito dos pastos, contorna com o fogo o aprisco. Tem rosto sério de sacerdote, seus pés pisam firmes o passo largo, e o graveto fumega atrás dele, igual a uma serpente alada. No portão do curral, por onde devem passar as ovelhas, o chefe espalha a brasa no chão e escuta. Percebe o rumor do pasto não apenas com o ouvido. Sente com o coração como dos vales profundos, onde fervem rios, destroçando margens, das vivendas tranqüilas e dos campos ceifados, vem subindo, ao chamado da primavera, a onda viva do gado sob cujos pés suspira a terra contente. Sente à distância a respiração dos rebanhos de ovelhas, o mugir das vacas e a quase imperceptível voz dos cantos. E quando, finalmente, se apresentam os homens, carregando longas trembitas, douradas pelo sol, para saudar o pasto no meio dos picos azuis, quando balem as ovelhas e, como sonora cascata, encham todos os apriscos, o chefe cai de joelhos e levanta os braços ao céu. Atrás dele se curvam para orar os pastores e a gente que veio com o gado. Pedem a Deus que as ovelhas tenham coração quente como a brasa pela qual acabaram de passar, que ele, Senhor misericordioso, defenda o gadinho cristão no sereno, nas águas e em todas as passagens de qualquer mal, da fera e do acidente. Assim como Deus ajudou a juntar todo esse gado que ajude também a devolvê-lo ao povo...

O céu escutava benevolente esta reza singela que brotava do coração, a cadeia Beskyd enuviava-se bondosa, e o vento, ao passar voando, penteava com zelo os capins do pasto, como uma mãe penteia a cabeça da criança...

“Verde pasto das montanhas, que coisa de alteia?  
Será que são teus rebanhos que vieram da aldeia?”

— His! His! — o pastor tange o rebanho. As ovelhas dobram os joelhos e sacodem a lã. Focinhos nus, com uma expressão envelhecida de tédio, abrem as bocas molhadas de baba para se queixar não se sabe a quem: be-e...me-e... Dois pastores as guiam. Pernas em calças de lã vermelha cortam vigorosamente o ar, com o movimento balança-se a flor na aba do chapéu. — His! His! — Os cães pastores farejam o ar e, de soslaio, com um olho, observam as ovelhas e se tudo está conforme deve estar. Uma lã esfrega a outra, a preta contra a branca; ondulam dorsos cacheados, como ondas miúdas num lago arrefecido. — Ptruá! Ptruá!... — A voz gutural faz voltar as desviadas ao rebanho, mantendo a correnteza dentro das margens. As montanhas azulam ao redor — cor do mar — e o vento ajunta nuvens no céu. Tremulam as caudas cacheadas das ovelhas; todas as cabeças se inclinaram e brancos dentes achatados mordiscam até à raiz o doce açafião, o cardo e o trevo róseo. — Byr! Byr! — o pasto estende aos pés do rebanho seu tapete, e o rebanho o cobre com sua móvel pele parda. Be-e... me-e... Sombras de nuvens vagueiam pelas colinas próximas, deslocando-as de um lugar para o outro: as montanhas parecem movimentar-se como vagalhões pelo mar e só as distantes azulam fixas no lugar. O sol derramou-se sobre a lã das ovelhas, dispondo-se em arco-íris sobre ela e acendeu a relva com fogo verde. Atrás dos pastores andam suas longas sombras. — Ptruá!... Ptruá!... — Os pastores pisam macio, calçados com sapatos de couro plissado; brandamente rola a onda de lã sobre o pasto, e o vento principia a tocar na distante cerca de sebe. Dzzz... começa a cantar em voz aguda um estilhaço da lenha, zunindo aborrecido, como uma mosca. Dzzz... responde um outro cercado em voz grave, provocando melancolia. As nuvens se juntam mais e mais. Já cobriram a metade do céu e apagou-se o monte Beskyd distante. “Por que razão não te casas Beskyd altaneiro? — Porque a várzea florida quer ficar solteira”, suspira tristemente Beskyd. O céu azulão borrou-se de cinza, o

mar de montanhas escureceu, o pasto montês apagou-se e o rebanho arrasta-se por cima dele como um eczema cinzento. O vento frio já abriu as asas e golpeia com elas os peitos embaixo dos casaquinhos de peles. É tão penoso respirar que dá vontade de virar-lhe as costas. Que golpeie, então... Os cercados agora lamentam-se em voz aguda, igual a uma mosca na teia de aranha, a dor insuportável uiva, a tristeza solitária chora... Dz-z... Dz-z... continuamente, sem parar. Arranca veias, corta com facadas o coração. Gostarias de não escutar, mas não há como; gostarias de fugir, mas para onde? — His! His! Para onde corres, raios te partam! Byr! Byr!... Murko! — E o cão Murko já faz a ovelha voltar: corre em torno — o vento eriçou seus pêlos — pega a ovelha pela nuca e joga-a para dentro do rebanho. Dzzzê... Dzzzê... Dzzzi... Assim doem os dentes com uma dor monótona e molesta. Apertar os dentes e calar. Que doam! Zune, que o diabo te leve! O que é que chora? Seria *aquele*, o tihoso? Que se torne pedra! Assim, cair na terra, sem forças, tapar os ouvidos com as mãos, e chorar... Pois é insuportável... Dzzzê... Dzzziu... Ai!

Ivan tira a flauta e sopra com toda a força no tubo, mas *aquele*, desvairado, é mais forte. Voa da Tchornoghora, igual a um cavalo solto, bate com seus cascos a erva, espalha com sua crina os sons da flauta. E Tchornoghora, como bruxa, pisca atrás dele com seu olho cego — o campo de neve — abaixo das tranças desgrenhadas, e dá medo: Dzzzê... Dzzziu...

As ovelhas rolaram até um valezinho. Aqui está mais calmo.

No céu plúmbeo surgiu um lagozinho zuarte. O capim pontiagudo do pasto rescendeu mais ativo. O lagozinho no céu inundou as margens e esparramou largamente em volta suas águas. De novo, os píncaros azularam, e todos os vales se encheram de ouro solar.

Ivan olha para baixo. Em alguma parte, lá entre as montanhas, onde vivem homens, pelo trevo verde, anda Maritschka, cujos olhos buscam a pastagem montesa. Será que ela canta suas cantigas? Ou, talvez, semeara-as sobre os montes, fazendo-as brotar, e ela própria tinha emudecido?

“Vão pastores conduzindo ovelhas amigas,  
Seus chapéus enfeitando com minhas cantigas...”

lembra ele a meiga voz da moça e, colhendo uma flor, enfeita seu chapéu. — Ptruá! Ptruá! — o sol queima. O ar fica abafado. As ovelhas rolam, bafejam correndo, torcem os beiços envelhecidos, para os dentes poderem com mais jeito cortar o doce açafão, e deixam atrás de si bolinhas de esterco fresco. Be-e... me-e... e os cães sempre mantendo o rebanho dentro das margens!

Os cães pastores cansaram. Deitam-se, e seus flancos arfam na relva. Sobre suas longas línguas vermelhas, pendentes entre dentes caninos, pousam mascas. — Byr! Byr! — chama Ivan zangado, e os cães já estão junto às ovelhas.

Longe no pasto, sob a mata densa, pastam vacas. O vaqueiro apoiou-se, pensativo, na sua longa trembita. Devagar passa o tempo. O ar das montanhas enxágua o peito, acordando a fome. Tanta solidão! Sentes-te pequenino, como uma haste, no meio do campo. Sob os pés — uma ilha verde, banhada em torno pelas águas azuis dos montes distantes. Lá, em severos píncaros selvagens, em terra sem água e sem som, aninha-se toda a espécie de assombração, a força inimiga, contra a qual é difícil lutar. Apenas esteja alerta!...

— His! His! — As ovelhas se sacodem pelo campo, os sapatos se afundam molemente na grama... Silêncio tão profundo, que sentes o sangue correr nas veias... O sono insiste, deitando sua pata macia sobre os olhos e o rosto, sussurra ao ouvido: dorme!... As ovelhas se desmancham diante da vista... transformam-se em cordeiros e, de repente, não há mais nada. Os capins correm igual a água verde. Eis, Maritchka vem vindo. Não, tu não me enganas, malvada, estás perdendo teu tempo! Ivan sabe que é apenas uma ninfa da mata, não Maritchka, que o está tentando. Algo o puxa! Quer resistir, mas acaba fluindo atrás dela, como riacho da grama verde.

De repente, o mugido selvagem, mortal, de uma vaca o arranca do sono. O que foi? Onde? O vaqueiro enrijece onde está, apoiado com a trembita na terra. O ruivo touro bate o chão com os cascos, curva o pescoço papudo, levanta a cauda. Corre, chamado por este berro, pula alto

e arranca capim com suas patas. O vaqueiro se agita e segue-o à floresta. Ouve-se um tiro na mata. Tra-ta-ta-ta... trovejaram os montes de espingardas. Tra-ta-ta-ta... respondem outros, mais distantes, e tudo emudece. Silêncio.

De certo "o tio" matou uma vaca! pensa Ivan e mais atentamente cuida de seu rebanho.

— Ptruá! Ptruá!... — O sol parece estar dormindo, o vento calou e mudou-se da terra para o céu. Lá empurra as nuvens, juntando um mar revolto de montes, como aquele que se viu em torno do pasto. Em espaços infinitos morreu o tempo e não se sabe se o dia pára ou passa... .

Eis que chega voando até o ouvido um chamado, há muito tempo esperado, de trembita. Traz da cabana o cheiro da polenta misturado com fumaça e conta em toque melodioso que os currais estão esperando suas ovelhas... .

— His! His!... — Os cães se atiram, as ovelhas balem e se derramam como um riacho colorido no vale, sacudindo os úberes pesados de leite... .

Já é o terceiro dia que uma chuva miúda como grãos de papoula se derrama sobre o pasto. Os picos fumegam, o céu se agasalhou, na neblina cinzenta sumiram os montes. As ovelhas mal se movem, pesadas, encharcadas como esponjas, a roupa dos pastores torna-se fria e dura. Só têm descanso embaixo de tetozinho da tenda, durante a ordenha.

Ivan está sentado, apoiando-se com as costas contra a tábua, segurando o balde para o leite com os pés. Junto dele, um pastor de cabras, de cabelo negro desgredado, pragueja após cada palavra; mais adiante estão os outros pastores. Os animais irrequietos por causa do leite que lhes aflui se apertam do cercado até a tenda, para serem ordenhados mais rapidamente. — Esperem, pobrezinhas! Assim não vai! Uma após outra!... .

— Pra frente! — zangado exclama de trás o pastor no meio da queixa ovelina e estala o seu ramo úmido. — Pra frente! Pra frente! — encorajam outros pastores, afastando os joelhos da entrada, por onde salta uma ovelha para dentro da tenda. — Ah! Que o diabo te... — pragueja o pastor, mas não termina: podia dizer em má hora!

Com o gesto costumeiro, Ivan pega a ovelha pela nuca e a puxa por trás sobre uma vasilha larga. A ovelha fica ali humildemente, abrindo de maneira incômoda as pernas, tão abobalhada, escutando como o leite escorre dela à bacia. — Pra frente! Pra frente! — estala atrás o pastor. — Pra frente! Pra frente! — exclamam os outros pastores. As ovelhas ordenhadas, como se aturdidas, atiram-se no cercado sobre o chão pedregoso, deitam as cabeças sobre as patas dianteiras e retorcem os desnudados beiços envelhecidos. — Pra frente! Pra frente! — As mãos de Ivan amassam sem parar o tépido úbere ovelino, apertando as tetas, e sobre seus braços escorre leite, cheirando gordura, enquanto da bacia levanta-se vapor acre-doce. — Pra frente! Pra frente! — As ovelhas pulam desvairadas para dentro da tenda, escancaram as pernas, e dez mãos de pastores passam a amassar o úbere tépido. Tristonho bale o rebanho dos dois lados da tenda, caem dentro do cercado as ovelhas esgotadas, e o leite espesso sonoramente se derrama na vasilha e penetra como córrego tépido dentro da manga. Pra frente! Pra frente!

O pastor de cabras ri com os olhos para seus animais. Não são como ovelhas: possuem um coração forte! Não caem quais mortas, como estas ovelhas medrosas, mas ficam firmes sobre seus pés finos. Levantam os chifres com curiosidade e fitam a neblina, como se vissem algo através dela, e tão corajosamente sacodem suas barbichas ralas...

Os cercados estão vazios. Silêncio e solidão. Talvez lá longe, nos vales fundos, de onde as montanhas principiam a crescer, ressoem vozes e risos, mas quem poderia ter certeza disso? Aqui no pasto, onde o céu cobre os espaços sem alma viva e que existem só para si mesmos, paira um silêncio milenar.

Apenas na cabana crepita o fogo inextingüível e continuamente manda sua fumaça azul esvoaçar. O leite ordenhado repousa pesadamente numa vasilha de madeira; sobre ela inclinou-se o pastor chefe. Ele já o tinha preparado. Das prateleiras, onde secam grandes, redondos queijos de leite ovelino, sopra um vento sobre o chefe mas o vento não pode expulsar da choupana o cheiro de

carvão, requeijão e lã. O próprio dono está impregnado dele. Jarros novos de madeira e barrizinhos quedam-se num canto: se bateres neles, responderá a voz que mora lá dentro. O soro frio reluz do gomil com olho esverdeado. O chefe está sentado no meio de seus utensílios como um pai no meio dos filhos. Tudo aquilo: os bancos enegrecidos, as paredes, a fogueira e a fumaça, o queijo, as jarras e o soro — tudo lhe é próximo e caro, sobre tudo paira sua mão tépida.

O leite começa a tornar-se espesso, mas ainda não chegou sua vez. Então o chefe tira de baixo de seu largo cinto de couro um punhado de tábulas e começa a ler. Lá está gravado tudo, nesse livro de madeira: quantas ovelhas possui cada um, o que lhe é devido. A preocupação enrugou suas sobrancelhas quando procede lendo: — Massytchuk tem quatorze ovelhas, deve-se a ele...

De outro lado da parede cantarola o guarda:

“A ovelhinha cacheada pergunta ao cordeiro  
Se ele sabe fazer feno pro redil inteiro.”

— Deu pra cantar! — zanga-se o chefe e volta a calcular nas marcas das tabulazinhas.

“Tu não sabes, cacheada, qual é tua sina:  
Se tu voltas da pastagem, ou não voltas viva...”  
termina o guarda do fogo no vestíbulo e entra na choupana.

Cheio de fuligem, negro, ele se curva sobre a chama; os dentes brancos reluzem. O fogo crepita baixinho.

O leite no alguidar amarelece e se densifica. O chefe baixou-se sobre ele concentrado, até severo. Devagar desabotoa a manga até o cotovelo e submerge no leite os braços nus, cheios de pêlos. E assim enrijece sobre o leite...

Agora, na cabana deve ser mantido silêncio, a porta está fechada, ao próprio guarda não é possível dar uma olhada no leite, enquanto lá algo se forma, enquanto o chefe faz feitiçaria. Tudo parece imóvel, na espera muda: os barris calaram a voz dentro deles, os queijos se recolheram nas prateleiras, adormeceram paredes e bancos enegrecidos, o fogo mal respira, até a fumaça, acanhada, fuge pela janela. Apenas pelo movimento leve das

veias nas mãos do chefe pode se perceber que algo se passa no alguidar. Aos poucos os braços revivem: sobem ou se afundam, os cotovelos se arredondam, as mãos batem, amassam e alisam alguma coisa lá dentro e, de repente, do fundo da vasilha, debaixo do leite, ergue-se o redondo corpo da ricota, que nasceu não se sabe como. Ele cresce, vira seus lados achatados, molha-se no banho branco, ele próprio branco e delicado, e quando o chefe o levanta, as verdes águas do parto sonoramente escorrem no alguidar...

O chefe suspira de leve. Agora também o guarda já pode dar uma olhada. Nasceu um bom queijo de ovelhas, alegria do dono e proveito dos homens...

Escancara-se a porta, o vento sopra de cima das prateleiras, a fogueira lambe de alegria o caldeirão preto, no qual o soro canta sua "kolomyka", e no meio da fumaça e do fogo brilham os dentes do guarda.

Quando o sol se deita, o chefe leva para fora da choupana sua trembita e sopra vitorioso, sobre todos os picos desertos, que a polenta está pronta e que as tendas aguardam o novo leite...

Durante seu veraneio no pasto montês Ivan experimentara muitas aventuras. Um vez viu um quadro estranho. Estava na hora de tocar as ovelhas para o aprisco, quando lançou o olhar atrás de si, sobre um pico próximo. A neblina baixou e envolveu a floresta, que ficou leve e cinzenta como miragem. Só a clareira verdejava sob seus pés e um único abeto erguia-se negro no meio. Eis que o abeto principiou a fumegar e a crescer. Aumentava mais e mais, até que dele saiu um homem. Ficou no meio da clareira, branco e alto, e deu um grito para a floresta atrás de si. Logo começaram a sair da mata cervos, um após outro, cada qual com galhada mais bela e mais alegre. Em rebanhos, saíram correndo corças, tremendo sobre suas pernas finas, e começaram a morder a grama. Quando se espalhavam, um urso as fazia voltar ao grupo, que nem um cão pastor as ovelhas. O branco apascentava seu gadinho e gritava-lhe: — Hê! Hê! — Eis que de repente levantou-se um vento, e aquele rebanho — zás — sumiu. Assim como o bafo no vidro, que fica suado, e depois tudo

desaparece como se nunca tivesse existido. Ivan apontava aquilo para os outros, mas eles se espantavam: — Onde? É só neblina!

Duas semanas mais tarde “o grande” (assim os pastores denominavam, sussurrando, o urso) sangrara cinco vacas.

Muitas vezes o nevoeiro surpreendia as ovelhas no pasto. Na bruma espessa, branca que nem leite, tudo sumia: o céu, montanhas, florestas, pastores. — Hei! — gritava Ivan a sua frente. — Hei! — respondia algo surdamente a seu chamado, como de debaixo da água; mas onde estava mesmo aquele que respondia — ninguém sabia. As ovelhas rolavam iguais neblina cinzenta a seus pés, depois também elas desapareciam. Ivan caminhava perdido, esticando os braços à sua frente, como se temesse topar em alguma coisa, chamando: — Hei!... — Onde estás? — respondia-lhe algo dos fundos, e ele tinha que parar. Ficava de pé, sem ação, abandonado no nevoeiro pegajoso e, quando punha a trembita à boca, a outra ponta do instrumento dissolvia-se na bruma, a sua voz abafada caía no mesmo lugar a seus pés. Assim, os pastores perderam várias ovelhas.

“O tio” ainda dilacerou duas vacas, mas foi pela última vez: penetrando à noite no redil, espetou-se numa estaca. Agora sua pele estava secando, esticada e presa pelas buchas, e os cães ladravam para ela.

Às vezes o pasto montês era açoitado pela tempestade. Santo Elias guerreava os tinhosos. Reluzia com sua espada, e tanto estrondo fazia com sua espingarda que o céu se despedaçava caindo sobre os montes; e cada vez que trovejava, algo preto corria para cá e para lá e se metia debaixo da pedra... O malvado zombava de Deus, mostrando-lhe o traseiro; e o pastor ficava apavorado, molhado de suor até os ossos...

Na época de São Pedro caiu neve tão pesada que por três dias não se derreteu. Então muitas ovelhas pereceram.

Raramente vinha gente do vale. Cercavam-na, então, perguntando desordenadamente: — O que se passa na aldeia?

E, como crianças, escutavam relatos singelos sobre quanto feno o povo colhera, sobre as batatas que faltavam,

o milho que nascera escasso, e llena de Motcharyk, que falecera. Depois todos juntos bebiam à saúde do gadiño; as visitas pegavam queijo de ovelha em seus jarros de madeira e tranqüilamente desciam aos vales.

À noitinha, junto aos currais chamejavam fogos. Os pastores tiravam as roupas, sacudindo os piolhos sobre a chama ou então reunindo-se, sedentos durante o verão pelas mulheres, mantinham infindas conversas licenciosas. Suas gargalhadas abafavam até os suspiros sonolentos do gado.

Ivan, antes de deitar, chamava o cantante e falante Mykola.

— Vem para cá, mano Mykola!

— Espera, mano Ivan, já vou, — respondia o guarda do aprisco, e de lá já vinha voando sua cantiga:

“Na formosa Tchernoghora centeio não brota,  
Ela cria só pastores, queijo e ricota...”

Mykola era órfã e cresceu no pasto montês. — As ovelhas me criaram — dizia ele alisando o irrequieto cabelo cacheado. Depois de arrumar suas coisas, o guarda, negro e embebido de fumaça, se acomodava junto a Ivan, brilhando com dentes jovens junto às labaredas da fogueira. Ivan chegava perto, deitava a mão no seu pescoço e pedia:

— Conta, mano, alguma lenda. Tu sabes tantas...

Do céu negro gotejavam estrelas, e o rio celeste se derramava como murmúrio branco. Nos vales cochilavam as montanhas.

— Elas crescem, — dizia Ivan para si próprio.

— Quem?

— As montanhas.

— Elas cresciam outrora, mas agora pararam... — Mykola se cala mas depois continua em voz baixa: — No princípio dos tempos não havia montanhas, só água... Água que nem mar sem margens. E Deus andava pelas ondas. Um dia ele viu uma espuma rodopiar na água. “Quem és?” perguntou. E aquilo respondeu: “Não sei. Sou vivo, mas não posso andar.” Era Aridnyk, o diabo. Deus não o conhecia, pois ele era, como Deus, desde o começo dos tempos. Deus lhe deu mãos e pés, e os dois

caminharam juntos, como compadres. Quando se cansaram, Deus quis fazer a terra, mas não sabia como tirar argila do fundo do mar, pois embora conhecesse tudo no mundo, não tinha habilidade para realizá-lo. Aridnyk, no entanto, tinha peito para tudo e disse: "Eu mergulharia até o fundo." "Pois mergulha", respondeu-lhe Deus. Então, o diabo mergulhou até o fundo do mar, juntou um pouco de argila na palma da mão e o resto escondeu para si próprio na boca. Deus recebeu a terra e a semeou. "Não tens mais?" perguntou. "Não tenho", mentiu o diabo. Deus abençoou a terra, e ela deu para crescer. Também aquela, na goela do malvado, estava crescendo. Cresceu, cresceu, começou a fazer a boca escancarar-se, Aridnyk já nem respirar podia, os olhos saltando da testa... "Cuspa!" aconselhou-lhe Deus. O tinoso começou a cuspir, e onde caiu sua saliva, lá cresceram montanhas, uma mais alta que a outra, chegando perto do céu. Teriam furado o céu, se Deus não as tivesse esconjurado. A partir de então, as montanhas deixaram de crescer...

Ivan achava estranho que montanhas tão belas, tão alegres tivessem sido criadas pelo malvado.

— Conta mais, maninho, — pedia ele, e Mykola recomçava:

— Aridnyk tinha jeito para tudo, fazia tudo o que imaginava. E quando Deus queria possuir algo, tinha que conseguir dele com esperteza, ou então passava a mão nas coisas do diabo. Aridnyk criou ovelhas, fabricou para si um violino e tocava enquanto suas ovelhas pastavam. Deus viu aquilo e copiou dele; então os dois passaram a apascentar o rebanho. O que existe no mundo — qualquer arte ou manha — tudo veio dele, de sataná. Qualquer coisa que seja — carroça, cavalo, música, moinho ou casa — tudo foi ele quem inventou... Deus só tirava dele e dava aos homens. Assim era...

Um dia Aridnyk sentiu frio e, para se aquecer, inventou a fogueira. Deus veio para perto, olhando o fogo. O outro logo percebeu seu propósito: "Tu tiraste tudo de mim", disse, "mas isso não te cederei!" Daí a algum tempo Aridnyk reparou que também Deus já acendia sua fogueira. Então ficou tão desgostoso que se aproximou e cuspiu na fogueira divina. De saliva levantou-se fumaça acima

do fogo. A primeira fogueira era sem fumaça, limpa, mas desde então fumega...

Por muito tempo vai discorrendo Mykola e cada vez que menciona o diabo Ivan persigna-se embaixo do seu casaquinho de peles. Mykola cospe em seguida, para que o imundo não tenha poder sobre ele...

Mykola adoeceu e Ivan cuida da fogueira em seu lugar. Em frente ao fogo, no banco, dorme o chefe, e lá no canto, onde ondulam as sombras irrequietas dos barris, geme o doente. No caldeirão negro ferve a água, a fumaça se junta em cima sob o teto, escapando por entre as vigas de madeira. Às vezes o imundo sopra pelas brechas; então a fumaça bufa com força e arde nos olhos; mas é bom assim porque não deixa dormir. O sono insiste. Para espantá-lo Ivan fita o fogo vivo. Ivan deve protegê-lo, esta alma do pasto montês, pois quem sabe o que aconteceria se não a resguardasse! A brasa alegre ri para ele debaixo da carga pesada e, de repente, some. Diante dos olhos já bóiam manchas verdes diluindo-se em prados ceifados, em pinheirais. Sobre o prado caminham os alvos pés de Maritchka. Ela joga seu ancinho na grama cortada e estende os braços para Ivan. Neste momento, quando Ivan quase, quase sente o corpo macio de Maritchka no peito, salta da floresta urrando um urso, e as ovelhas brancas atiram-se para o lado, separando-o da bem-amada. — Cruz credo... Será que adormeci? — A brasa da fogueira pisca com seu olho, o chefe ronca e debaixo da cobertura de sombras móveis geme Mykola.

Não estaria na hora de cozinhar polenta para os pastores?

Ivan sai da choupana. Silêncio e frescor o envolvem. Nos cercados, em qualquer parte, respira o gadinho, as ovelhas se juntaram num novelo, o fogo brilha com uma luz fraca junto às cercas. Os cães pastores rodeiam Ivan, espreguiçando os corpos dormentes, arranham o chão e se esfregam contra as pernas. Montanhas negras encheram o vale, como um rebanho gigantesco. Elas passam séculos em silêncio sentindo até a respiração do gado. Sobre Ivan desfraldou-se o céu — pasto dos ares — onde se derramaram estrelas — ovelhas brancas. Existiria algo no mundo

além desses dois pastos? Um em cima, outro embaixo, e entre eles aquele ponto minúsculo: o pastor.

Mas, talvez nada existisse. Teria a noite submergido as montanhas, teriam os montes se apertado uns contra os outros, esmagando tudo o que é vivo, e apenas o coração de Ivan bateria surdamente embaixo do casaquinho, nestes infinitos espaços mortos? A solidão, pungente qual dor de dente, sorve seu coração. Algo grande, hostil, o asfixia: esta calma rígida, este silêncio indiferente, este sonho de não ser. A inquietação golpeia-lhe a cabeça, a impaciência aperta-lhe a garganta e, estremecendo de repente, ele se atira ao pasto em gritos, lamentos e gemidos para, em meio ao pavor dos cães, como um ser acuado que berra com selvageria, despedaçar a noite em estilhaços, assim como a pedra rompe a vidraça... Ow-ow-ow! — respondem as montanhas acordadas. Ha-ha-ha-ha — repetem, alarmados, picos distantes e de novo recompõe-se o silêncio quebrado. Os cães voltam, desnudando os dentes para Ivan e sacudindo as caudas.

No entanto, tudo fica mais triste ainda. Ivan sente vontade do sol, do alegre murmúrio do rio, do cálido sopro caseiro, da conversa. Mágoa e doce saudade apoderam-se do seu coração. Lembranças pousam sobre ele e ondulam diante de seus olhos. Eis que subitamente ouve bem baixinho:

— Iva-a-an!...

Alguém o chama. Oh, de novo:

— Iva-a-an!...

Maritchka? De onde ela surgiu? Veio até o pasto montês? À noite? Perdeu o caminho e o procura? Ou, talvez, apenas lhe parece que ela o chama? Não, ela está próximo! O coração troveja no peito de Ivan, mas ele ainda vacila. Para onde ir? E de novo, pela terceira vez, vem voando até junto dele de alguma parte:

— Iva-a-an!...

Maritchka... é ela, certamente... Ivan corre à sua frente, sem rumo, para de onde lhe vem o chamado, e se depara à beira de um precipício, por onde não se pode nem descer nem subir ao pasto. Detém-se aí, olhando o negro abismo. Então fica-lhe claro: é a virgem da floresta que o atrai. Persignando-se e olhando com temor para trás, volta ao aprisco.

Está na hora de cozinhar a polenta. Derrama farinha de milho no caldeirão com água fervendo e corta a papa em forma de cruz; logo o vapor se mistura com a cheiro da fumaça. O chefe já se espreguiça... começa o amanhecer. Quem o tinha chamado? Talvez tenha sido Maritchka mesmo?

Tem vontade de ir olhar novamente aquele lugar, quando o dia se tornar mais claro. Sai ao pasto. O sereno frio molha seus sapatos com amarras, o céu está enrubescendo, as estrelas empalidecem. Sobe ao cume e subitamente é tomado pelo frio. Onde está? O que se passa com ele? Onde sumiram os montes? Águas cercaram o pasto, inundaram os picos; e o pasto flutua solitário num mar sem limites. De Tchornoghora sopra o vento, as copiosas águas ondulam baixinho, ouve-se como o sol, ainda invisível, cresce no fundo, e eis que do mar ergue-se inteiro o pico cinzento, do qual escorrem as águas. Mais forte sopra o frio, crescem vagalhões no mar, e os picos, um após outro, furam a espuma branca. O mundo parece renascer. Águas descem dos picos e agora correm embaixo de seus pés. O sol já projetou sua coroa no céu e logo-logo mostrará sua face; do redil vem vindo a voz tristonha da trembita, acordando o pasto montês.

Assim, Ivan veraneou na pastagem dos montes até que esta esvaziou-se. O gadinho escorreu para os vales, recebido de volta pelos donos, as trembitas tocaram o que era devido, a relva se estendia pisoteada, e o vento outonal lamentava-se sobre ela como sobre um morto. Ficaram só o chefe do aprisco e o guarda. Tiveram que esperar até que se apagasse o fogo, aquele fogo do pasto, que nasceu de si mesmo, como um deus, e que devia adormecer sozinho. E quando também eles se foram chegou ao pasto a marmota para fuçar no aprisco e nos cercados à procura de alguma coisa que tivesse sobrado para ela.

Em vão Ivan se apressava de volta do pasto: ele não mais encontraria Maritchka viva. Um dia antes, atravessando o leito do Tcheremoch, as águas cheias a levaram. De repente sobreveio a inundação, as ondas iradas abateram Maritchka, jogaram-na sobre a cachoeira e carregaram-na por entre as rochas consigo. Maritchka estava

sendo levada pelo rio, o povo vira como as ondas a faziam rodar, ouviram gritos e rogos, mas não puderam salvá-la.

Ivan não podia acreditar. Certamente eram manhas da estirpe Ghuteniuk: ouviram falar sobre seus amores e esconderam Maritchka.

Porém, quando de todos os lados escutava sempre os mesmos relatos, saiu à procura de seu corpo. Tinha que ter ido parar em algum lugar à margem, revestida de madeira, e certamente em alguma parte o povo o tinha deitado. Ia caminhando ao longo do rio, repleto de revolta pungente e de ódio contra seu eterno bramido e sua raiva fervente.

Numa aldeia encontraram o corpo. Já o tinham puxado por sobre os seixos da margem mas Ivan não reconheceu nele Maritchka. Não era ela, e sim um saco molhado, uma massa de carne azul e sangrenta, triturada pelas pedras do rio, como num moinho. . .

Uma grande mágoa apoderou-se do seu coração. No começo teve vontade de saltar do rochedo ao redemoinho: — Aqui, devora-me também! — mas depois a saudade pungente o impeliu às montanhas, longe do rio. Tapava os ouvidos para não ouvir o murmúrio traiçoeiro que tinha recebido o último alento da sua Maritchka.

Vagava pela floresta, entre as pedras, pelos precipícios — igual a um urso que lambe suas feridas — e nem a fome conseguia conduzi-lo de volta para a aldeia. Colhia amoras silvestres e airelas, bebia água dos riachos e assim se mantinha vivo. Depois sumiu. O povo presupunha que tivesse perecido de seu grande pesar, e as moças compunham cantigas que se espalharam pelas montanhas, sobre seu amor e sua morte. Seis anos não houve notícia dele, mas, ao sétimo, ele apareceu subitamente. Estava magro, enegrecido, parecendo muito mais velho do que sua idade, mas tranqüilo. Contava que tinha apascentando rebanhos do lado húngaro dos Cárpatos. Andou ainda um ano desse jeito, depois casou-se: era preciso tornar-se dono de casa.

Quando os tiros das pistolas emudeceram, as bodas acabaram por serem cantadas, e sua mulher tocou até o cercado as ovelhas e as vacas, Ivan ficou até contente. Sua Palaghna era de família rica, orgulhosa, uma moça sábia, de voz grave e pescoço bovino. Era verdade que ela

gostava de roupas vistosas, e bastante dinheiro seria gasto em lenços de seda e colares preciosos de cruces de estanho, mas não tinha importância. Olhando as ovelhinhas que baliavam nos cercados, o gado malhado, as vacas que tilintavam com guizos e remoíam na mata, Ivan não se preocupava.

Agora possuía algo de que cuidar. Não era ávido de riquezas — não era para isso que um ghutsulo vive no mundo — mas a criação de animais enchia seu coração de ternura. Como um filho para a mãe, assim lhe era seu gadinho. O tempo todo a preocupação pelo feno e pelo bem estar dos animais ocupava seu pensamento: para que não adoecessem, para que as ovelhas ficassem fecundas, para que as vacas dessem cria. Por toda a parte espreitava o perigo: era preciso defender o gadinho da cobra, da fera e das bruxas, que de várias maneiras tiravam leite das vacas e faziam o gado perecer. Era necessário saber muita coisa: esfumaçar, encantar, colher ervas benévolas, pronunciar rezas. Palahna o ajudava. Era boa dona de casa, e ele partilhava com ela suas eternas preocupações.

— Que vizinhos nos deu Nosso Senhor! — queixava-se ela ao marido. — Mal entrou Khyrna no pátio, olhou os cordeiros e bateu palmas: “Como são bonitinhos!” Pronto, pensei comigo mesma. Ela nem tinha ainda passado pela soleira, e já dois deles rodopiavam e morriam... Vai-te tu, bruxa!

— E eu, ladeando à noite sua casa, olho, e o que vejo? Algo redondo rolando pelo chão que nem bexiga de porco, reluzindo que nem estrela. Parei para ver, e aquilo rolando pelo prado... pulou o cercado e se meteu direitinho na porta de Khyrna... Por minha alma! Se tivesse pensado antes, teria tirado minhas calças — talvez conseguisse pegar com elas a bruxa, mas agora é tarde...

De outro lado, na colina próxima vivia Yura como vizinho. O povo dizia que era feiticeiro. Ele era como um deus, sabido e forte, aquele senhor dos granizos, o bruxo. Nas mãos poderosas segurava todas as forças celestes e terrestres, morte e vida, saúde do ser humano e do gado. Temiam-no mas precisavam dele. Acontecia que também Ivan se dirigia a ele, mas cada vez que seu olhar encontrava o negro olhar chamejante do bruxo, cuspiam às escondidas: “Sal em teu olho!”

No entanto, mais do que outros perturbava-os Khyrna. Mulher velha, bajuladeira, sempre parecendo tão amável, às noitinhas se transformava num cachorro branco e fuçava nos cercados próximos. Acontecia mais de uma vez Ivan jogar sua machadinha na direção dela ou atirar forquilhas para espantá-la. A vaca malhada emagrecia a olho nu e a cada vez dava menos leite. Palaghna sabia de quem eram essas artes. Ela vigiava o animal, dizia rezas, muitas vezes à noitinha corria para junto das vacas, até de noite se levantava. Uma vez fez um tal escarcéu que Ivan veio correndo como doido ao estábulo e teve que espantar da soleira um grande sapo que se esforçava por passar para o chiqueiro. Mas o sapo desapareceu, não se sabe para onde, e atrás do cercado de vimes já crocitava a voz de Khyrna:

— Boa tarde, meus caros vizinhos... hê-hê...

Sem-vergonha!

O que ela não aprontava, aquela bruxa nata! Transformava-se em linho, que alveja no crepúsculo sob a mata, rastejava como serpente ou rolava pelas colinas como uma bolha transparente. E finalmente ela bebia a lua para que houvesse escuridão quando ia para o gado alheio. Muitos juravam que tinham visto como ela ordenhava uma sela: metia nela quatro buchas de madeira em forma de úbere e tirava de lá um balde cheio de leite!

Quanto trabalho tinha Ivan! Não havia tempo nem para pensar. O sítio necessitava de esforço contínuo, a vida do gado era ligada intensamente com sua vida e espantava outras divagações. Mas às vezes, de supetão, quando levantava os olhos para os prados verdes ceifados onde repousava o feno em medas, ou para a profunda mata pensativa, vinha-lhe de lá uma voz, havia muito esquecida:

“Lembra de mim duas vezes por dia, amigo;  
Sete vezes numa hora sonharei contigo...”

Então ele abandonava o trabalho e sumia.

A orgulhosa Palaghna, que era acostumada a trabalhar seis dias na semana e só descansar no feriado, ostentando lindos trajes, zangada recriminava suas esquesitices. Mas ele se aborrecia:

— Cala tua boca. Cuida das tuas coisas e deixa-me em paz...

Ele próprio se irritava consigo mesmo: Para que isso? E, sentindo-se culpado, ia cuidar do gado. Trazia-lhe pão ou um torrão de sal. Com mugido confiante vinha em sua direção uma Amarelinha ou Cinzentina, estendia uma tépida língua vermelha e junto com o sal lambia suas mãos. Os úmidos olhos brilhantes olhavam-no amigavelmente, e o sopro morno do úbere cheio de leite e do estrume fresco devolvia-lhe a tranqüilidade e o equilíbrio perdidos.

No cercado, o mar inteiro de pequenos, redondos cordeiros e contornava. Conheciam o seu dono, aqueles carneiros e ovelhas, e com alegre balido roçavam suas pernas. Ele afundava os dedos na lã fofa, ou com sentimento paterno tomava no braço um cordeirinho, e o espírito do pasto soprava sobre ele e o chamava às montanhas. Sentia, então, calma e calor no coração. Nisso consistia sua felicidade.

Será que ele amava Palaghna? Tal pensamento nunca ocupava sua cabeça. Ele era dono, ela — dona; apesar de não terem filhos tinham o gadinho. De que mais precisavam? Na boa vida doméstica Palaghna tornou-se mais carnuda, ficou cheia e rosada; fumava cachimbo, igual à mãe de Ivan, usava lenços garbosos de seda, e no seu pescoço bovino reluziam tantas voltas de coral que o mulherio se mordida de inveja. Cavalgavam juntos à cidade ou para a festa do santo padroeiro. Palaghna sozinha selava seu cavalo e punha seu sapato vermelho tão orgulhosamente no estribo como se todos os montes só a ela pertencessem. Nas festas votivas havia muito povo, apareciam parentes distantes, a cerveja espumava, derramava-se aguardente, notícias variadas dos montes afastados vinham se juntando. Ivan abraçava mulheres casadas, Palaghna era beijada pelos maridos alheios — o que havia de mal nisso? — e, contentes de ter passado seu tempo tão agradavelmente, voltavam às suas preocupações cotidianas.

Também montanhesees honrados vinham à sua casa para fazer-lhes visita.

— Seja louvado Jesus Cristo! Como vai vossa mulher, o gado; estais com saúde?

— Bem, e vós?

Sentavam-se em torno da mesa cinzelada, pesados de seus trajes ovelinos, e consumiam juntos polenta fresca e yoghurt tão ácido que a língua deles se pelava.

Assim passava a vida. Para o trabalho havia o dia a dia; o feriado para o feitiço.

Na Vigília de Natal Ivan sempre ficava numa estranha disposição de espírito como se tudo fosse cheio de coisas misteriosas, sagradas. Fazia tudo com solenidade como se estivesse a celebrar Missa. Acendia para Palaghna o fogo vivo, destinado a preparar a ceia, punha feno em cima e embaixo da mesa e, ao mesmo tempo, com toda unção mugia qual uma vaca, balia como uma ovelha e relinchava igual a um cavalo para que o gado se multiplicasse. Incensava a casa e os rediz para afugentar as feras e as bruxas e, quando Palaghna, vermelha de tanta agitação, proclamava finalmente que todos os doze pratos, como exigia a tradição, estavam prontos, ele levava a ceia primeiro para o gado. Este tinha de experimentar em primeiro lugar os enrolados de repolho, as ameixas-passadas, a fava e o prato de grãos de cevada, mel e sementes de papoula, preparados cuidadosamente por Palaghna para Ivan. Mas isso ainda não era tudo. Era mister convocar para a ceia santa todos os poderes inimigos dos quais ele se protegia a vida inteira. Tomava em uma das mãos a comida numa tigela, na outra segurava uma machadinha, e saía. As montanhas verdes, envoltas em capas de neve, escutavam com atenção o tinido de ouro das estrelas do céu. A geada reluzia com seu gládio de prata, cortando os sons no ar, e Ivan estendia a mão para aquela solidão aprisionada pelo inverno e convidava para a sua santa ceia todos os feiticeiros, bruxos, magos, lobos silvestres e ursos. Convidava a tempestade para que esta gentilmente viesse degustar as comidas abundantes, a aguardente, a sua santa ceia; mas todos continuavam desatentos, ninguém aparecia apesar de Ivan tê-los invocado por três vezes. Então ele os esconjurava para não mais aparecerem e depois suspirava de leve.

Palaghna esperava em casa. O fogo, deitado no forno, cansado, cochilava em brasas e as comidas repousavam sobre o feno. A paz de Natal se espalhava, vinda dos recantos escuros. A fome os impelia mas eles ainda não tinham coragem para sentar. Palaghna olhou para o ma-

rido e, de acordo, curvaram os joelhos pedindo a Deus que Ele permitisse que da ceia se aproximassem almas desconhecidas de todos, almas que se perdem não se sabe onde, mortas pelas árvores na floresta, mutiladas pelos caminhos, afogadas pelas águas. Ninguém se lembra delas ao levantar-se nem ao deitar-se e aquelas pobres almas permanecem no duro inferno, esperando a Vigília de Natal.

Enquanto rezavam, Ivan tinha certeza de que atrás dele Maritchka chorava, curvando-se, e de que as almas invisíveis dos que haviam morrido inesperadamente assentavam-se nos bancos.

— Assopra antes de te sentares! — ordenou Palaghna a Ivan.

Ele sabia disto sem que ela precisasse dizer-lhe. Soprou com cuidado seu lugar no banco para que não acontecesse perturbar alguma alma, e sentou-se para cear...

Na Vigília de Ano Bom era o próprio Deus que visitava o gado no cercado. No alto dos céus as estrelas brilhavam claras, a geada crepitava irada, e Deus grisalho caminhava descalço sobre a neve macia, abrindo silenciosamente a porta do redil. Acordado durante a noite, Ivan escutava e parecia ouvir uma voz bondosa que perguntava ao gado:

— Estás bem alimentado e dão-te bastante de beber, ó gadinho? O teu dono cuida de ti?

As ovelhas baliavam com alegria, as vacas mugiam satisfeitas: o dono cuidava bem delas: dava-lhes de beber, com toda a consciência alimentava-as e hoje até escovara-lhes os pêlos. Agora era certo que o Senhor Deus iria presenteá-lo com novas crias.

E Deus lhe concedia novas crias, mesmo. As ovelhas pacificamente geravam cordeirinhos; as vacas, felizes, pariam.

Palaghna estava sempre preocupada com superstições. Acendia uma fogueira no meio do gado para torná-lo lustroso e belo como a luz sagrada e para que o maligno não se aproximasse dele. Ela fazia tudo o que sabia para que o gado fosse tão manso como a raiz no solo, tão abundante de leite como os riachos de água. Ela lhe falava com doçura:

— Hás de alimentar-me, a mim e a meu senhor, e eu te respeitarei, para que durmas um sono leve, para que

não te queixes mugindo, para que a feiticeira não saiba onde passas a noite e onde descansas, para que ninguém te jogue mau-olhado.

Assim a vida passava — a do gado e a dos homens; as duas se fundiam, como duas fontes das montanhas se fundem num mesmo riacho.

Amanhã será um dia de grande festa. O São Jorge quente receberá de São Demétrio frio as chaves do mundo para governar sobre a terra. As águas cheias, sobre as quais flutua a terra, iam levá-la para mais próximo do sol. São Jorge ia enfeitar as florestas e os prados, as ovelhas iam vestir a lã, como no verão o solo veste a grama, e os pastos iam descansar do gadinho cobrindo-se amplamente de ervas. Amanhã será primavera, dia de alegria e de sol, e já no dia anterior as montanhas floresciam com fogos, e a fumaça azul envolvia os abetos com um véu transparente. Quando o sol se baixava, as fogueiras chegavam ao fim de sua floração, e as fumaças partiam para o céu; com mugido alegre manifestava-se o gado, impelido pelas brasas, para que no verão fosse vigoroso como aquela fogueira, para que se multiplicasse tanto quanto a cinza do fogo.

Tarde se deitaram as pessoas antes da festa de São Jorge apesar de que devessem levantar cedo.

Palaghna acordou, apenas começava a madrugar. — Será que ainda é cedo? — pensou em voz alta, mas logo lembrou-se de que era dia de festa e que devia ir para o prado. Jogou para o lado a cobertura quente de lã e se pôs de pé. Ivan dormia ainda, a lareira bocejava no canto, com sua negra cavidade, sob a qual tristemente zirzava um grilo. Palaghna desabotoou a túnica, despindo-se dela, ficou nua no meio do cômodo e, olhando medrosamente para Ivan, dirigiu-se à porta. Esta rangeu e um frescor matutino soprou em seu corpo. As montanhas dormiam ainda. Dormitavam ainda as matas de abetos, parecidos com monges severos, os prados acinzentados pela noite e os picos grisalhos que se dissolviam na neblina. Névoa fria subia dos vales e estendia suas patas brancas e felpudas aos abetos negros; sob um céu ainda pálido o Tcheremóch contava seu sonho.

Palaghna pisava o capim molhado e tremia levemente ao frescor da manhã. Estava segura de que ninguém iria vê-la mas, se a vissem — o que teria demais? Certamente seria uma pena, pois seu feitiço ficaria desfeito. Não tinha outro pensamento. Ainda na festa da Anunciação ela tinha enterrado sal, pão branco e um colar de corais e hoje devia recuperar tudo aquilo. Aos poucos acostumou-se ao frio. Seu corpo rijo, que ainda não conhecia a maternidade, nadava livre e orgulhoso nos capins ainda novos do prado, tão fresco e rosado qual uma nuvem dourada, repleta da tépida chuva de primavera. Finalmente parou embaixo de um ácer. Antes, porém, de revirar o formigueiro, levantou os braços e se espreguiçou gostosamente, fazendo estalar as articulações. De repente notou que estava perdendo as forças. Sentiu-se mal. Deixou os braços cair, olhou em frente e subitamente mergulhou num abismo negro, chamejante, que não a largava.

Yura, o bruxo, estava do outro lado do cercado e a olhava. Ela queria gritar para ele mas não conseguia. Queria tapar os seios com as mãos — mas não tinha forças para levantá-las. Esforçava-se para fugir e permanecia fincada na terra. Estava lá sem ação, quase desmaiada, e teimosamente olhava as duas brasas negras que hauriam dela todo o vigor.

Finalmente a raiva se agitou dentro dela. Todo o seu feitiço foi desfeito! Palaghna fez um esforço sobre si para aumentar esta raiva, e dirigiu-se zangada a ele:

— Por que arregalaste os olhos? Não viste nenhuma mulher?

Não tirando dela o olhar, com o qual a algemou inteira, Yura reluziu os dentes:

— Tal como vós, Palaghna, por Deus que não vi!

E passou uma perna pela cerca. Ela viu claramente como as duas brasas, que reduziram sua vontade à cinza, nadavam em sua direção; mas ela ainda estava ali, incapaz de se mover, numa espera — seja doce, seja terrível.

Ele já estava próximo. Ela via os bordados nas costuras de seu casaco, os dentes reluzentes na sua boca... o braço meio levantado... O calor de seu corpo soprou de perto para ela; no entanto, ela ainda não se movia. E só quando os dedos de ferro apertaram sua mão e a

puxaram para si, ela desvencilhou-se com um grito e correu para casa.

O bruxo estava ali alargando as narinas com seu bufar, olhando Palaghna afastar-se, observando como seu corpo branco ondulava nas ervas igual às ondas do Tcheremoch.

Depois de Palaghna sumir, Yura passou novamente pelo cercado pondo-se a espalhar pelo prado as cinzas da fogueira do dia anterior, para que as vacas e as ovelhas que fossem pastar ali parissem garbosamente e para que cada ovelha ficasse prenhe de dois cordeirinhos...

Palaghna voltou furiosa para casa. Ainda bem que Ivan nada percebera. Que bonitinho de vizinho, que se arrebetasse duma vez! Não tinha outra hora para molestá-la?... Que se mandasse para o diabo! Mas que seu feitiço fora desfeito, fora... Vacilava se devia contar o acontecido a Ivan ou se calar. Poderia surgir disso uma discussão com briga; e o bruxo só precisa de pretexto... Devia ter-lhe dado um tapa na cara, isso sim... Mas palaghna sabia que não era capaz de levantar sua mão contra ele. Só de pensar nisso sentia fraqueza no corpo todo — nos braços e nas pernas — uma doce impotência. Era como se teias de aranha emaranhassem seu corpo inteiro do olhar quente daqueles olhos negros, do reluzir daqueles dentes e da ávida boca semiaberta. O que ela fizesse nesse dia, o olhar do bruxo a perseguia.

Passaram-se duas semanas daquele dia, e Palaghna nada contou a Ivan sobre o encontro com Yura. Ela só observava o marido. Ele tinha um ar pesado, qualquer preocupação o devorava, enfraquecendo seu corpo; algo envelhecido, aguado, luzia nos seus olhos cansados. Emagrecia visivelmente, tornava-se indiferente. Não, Yura era mais belo. Se ela quisesse possuir um amante, seria Yura. Mas Palaghna era orgulhosa, ninguém a conquistaria pela força. Além de tudo, estava zangada com o bruxo.

Uma vez eles se encontraram junto ao rio. Palaghna, de repente, tinha a impressão de estar nua, de finas teias de aranha emaranharem seu corpo inteiro. Ouviu como em sonho:

— Como passastes a noite, Palaghna, minh'alma?

Na sua língua já se mexia a resposta: "Bem, e vós?"

— mas ela se conteve, mordeu o lábio e passou por ele orgulhosa como se não o visse.

— Estais com saúde? — ouviu pela segunda vez. No entanto, não se virou. “Agora posso esperar uma desgraça!” pensou com medo.

E, na verdade, mal estava chegando em casa, Ivan veio-lhe ao encontro com a notícia de que uma rez tinha morrido. Mas, estranho: Palaghna não sentia nem um pouco pena desta rez! Ficou até com raiva de que Ivan se lamentasse tanto por causa da mesma.

Yura não cruzava mais o caminho de Palaghna. No entanto, os pensamentos dela dirigiam-se sempre mais freqüentemente para ele. Curiosa e prazerosa, Palaghna escutava relatos sobre sua coragem e se admirava de seu poder, daquele Yura fogoso, que não via mulher mais bela do que Palaghna! Ele era potente, forte, sabia tudo. De sua palavra logo finava-se o gado e um ser humano emagrecia como fumaça; ele podia enviar morte e vida, dissipar uma nuvem, impedir granizo; possuía energia para com o fogo de seu olhar negro transformar inimigos em cinza ou acender amor no coração de uma mulher. Ele era um deus terreno, aquele Yura que desejava Palaghna, que estendia a ela suas mãos, nas quais segurava as forças do mundo.

O coração de Palaghna tornava-se indiferente às vacas e ao marido: estes empalideciam, como empalidece a névoa que se deita por um instante sobre os abetos. Ela se dirigia com saudade ao prado, embaixo do ácer, e lá sentia no peito a tépida respiração de Yura, os dedos férreos da sua mão. Ele a teria feito sua amante se tivesse então aparecido.

Mas ele não aparecia.

Era um dia quente... Da terra subia vapor, da Tchor-noghora as nuvens corriam sem cessar, e as chuvas se derramavam iluminadas frontalmente pelo sol. Estava tão abafado que Palaghna por preço algum subiria ao alto da montanha se não tivesse tido um sonho que pressagiava mal ao gado. Queria visitar as vacas na mata. Em redor as montanhas fumegavam na neblina, como se estivessem a ferver e os riachos a evaporar. O rio Tcheremoch bra-





mia lá embaixo. Seu leito duro, entre os rochedos, fazia-o saltar de pedra em pedra. Mal Palaghna conseguira atingir o cume, quando da Tchernoghora irrompeu o vento agitando as asas, sacudindo as árvores.

“Tomara que não venha tempestade”, pensou ela e virou-se de frente para o vento. Pois sim, era isso mesmo... Lá estava a pesada nuvem plúmbea roncando. Parecia a própria Tchernoghora erguida ao céu, preparando-se para cair sobre a terra, esmagando tudo. O vento corria à sua frente, empurrando os pinheiros; e os montes e vales tornaram-se subitamente negros, como depois de um incêndio. Nem se podia pensar em ir adiante. Palaghna abrigou-se sob a tenda de um pinheiro. Este rangia. Ao longe rolava surdamente um trovão. As sombras corriam ligeiras pelas montanhas borrando as cores, enquanto altas árvores nos cumes distantes inclinavam-se até o chão.

“Tomara que não caia granizo”, pensou, temerosa, Palaghna e abotoou bem o casaquinho.

Acima de sua cabeça já bramia a tempestade. Lá na Tchernoghora feiticeiros cortavam o gelo nos lagos congelados, e as almas dos condenados ajuntavam rapidamente aquele gelo todo em sacos e voavam com ele pelas nuvens para espalhá-lo sobre a terra.

“Pronto, acabou-se o feno! Vão cobrir tudo de gelo, e o gado vai chorar faminto”, pensou amargamente. Mas nem terminou o pensamento e já um raio caiu. As montanhas tremeram, as árvores vergaram-se para a terra, a terra se empinou e tudo turbilhou ao vento. Palaghna mal conseguiu agarrar-se a um tronco de árvore quando, através da bruma, viu um homem escalando o monte. Lutando contra o vento, escanchava as pernas, segurava-se às rochas com as mãos e, com esforço, subia cada vez mais. Já estava perto; curvou-se, correu e por fim alcançou o cume. Palaghna reconheceu Yura.

“Ele veio por minha causa”, assustou-se Palaghna. Mas Yura nem a viu.

Ele se postou em face da nuvem, uma perna diante da outra, juntando as mãos no peito. Deitou o pálido rosto para trás, encarando a nuvem com olhos sombrios. Permaneceu longo tempo assim. A nuvem avançava sempre mais em sua direção. De súbito, num gesto brusco, atirou o chapéu ao chão. O vento carregou-o no mesmo instante

lá para baixo e mergulhou nos compridos cabelos de Yura. Então este ergueu para a nuvem o cajado que tinha nas mãos e gritou à massa de chumbo que bramia:

— Pára! Não te deixo ir adiante!...

A nuvem hesitou um instante e enviou como resposta uma flecha de fogo.

— Ai! — Palaghna cobriu os olhos com a mão enquanto as montanhas tombavam em pedaços. Yura continuava seguro como antes, e os cachos de cabelo se lhe enroscavam na cabeça quais serpentes no ninho.

— Ah! Ah! É assim que fazes! — gritou à nuvem. — Vou esconjurar-te, então! Eu vos esconjuro, trovões grandes e pequenos, chuvas e chuvaradas! Eu te ordeno, ó saraiva, que vás para o lado esquerdo sobre as matas e as águas... Vai-te, espalha-te com o vento pelo mundo!.. Acalma-te! Que aqui não tenhas mais poder!

Mas a nuvem apenas piscou desdenhosamente com sua asa esquerda e principiou a dirigir-se para a direita, em direção aos prados.

“Que desgraça!” Palaghna torceu as mãos. “Vai acabar com o feno!..” Porém Yura não pensava em se render. Apenas empalidecera ainda mais e seus olhos se tornaram ainda mais escuros. A nuvem virava à direita, ele também; ela ia para a esquerda — ele atrás. Corria junto dela, lutando contra o vento, bracejava, ameaçando com seu pequeno cajado. Serpenteava como uma enguia na montanha, compelindo a nuvem a voltar, fazendo-lhe guerra, barrando-lhe o caminho... Ainda um pouco, ainda deste lado... Sentia força dentro do peito, lançava trovões pelos olhos, erguia as mãos e esconjurava. O vento rasgava-lhe o casaco, chicoteava-lhe o peito, a nuvem rosnavava, retumbava com seus trovões, cegava-lhe os olhos com a chuva, tremia acima de sua cabeça, pronta para cair, e ele, banhado de suor, mal respirando, atirava-se loucamente pelo cume temendo perder o que lhe restava de vigor. Sentia-se já enfraquecido, um vazio no peito, o vento arrancando-lhe os cabelos, a chuva se despejando dentro dos olhos, a nuvem vencendo. Com um último esforço ergueu para os céus seu curto cajado:

— Pára!

E a nuvem, de súbito, parou. Levantou, surpresa, suas franjas, apoiando-se como um cavalo sobre as patas tra-

seiras e esbravejou com ira interior, com desespero de fraqueza, implorando agora:

— Deixa-me! Para onde irei?

— Não deixarei!

— Deixa, pois sucumbiremos! — exclamaram tristonhas as almas curvadas sob o peso dos sacos repletos de granizo.

— Ah! Agora pedes!.. Eu te esconjuro: vai para as profundezas, para os abismos, onde não penetra o relinchar dos cavalos, o mugir das vacas, o balir das ovelhas, onde o grasnar dos corvos não chega nem se ouve a voz cristã... Lá eu te deixo ir...

E, coisa estranha — a nuvem se rendeu, mansamente deu volta à esquerda e despejou seus sacos sobre o rio, cobrindo com granizo denso suas margens de seixos. Uma cortina branca envolveu as montanhas; no vale profundo algo se pôs a bramar, a se quebrar, zunindo surdamente. Yura caiu por terra respirando pesadamente.

E quando o sol rasgou a nuvem e as verdes relvas se puseram a sorrir Yura viu, como num sonho, Palaghna correr em sua direção. Resplandecia toda, amigável como o sol, e se curvou sobre ele com uma pergunta cheia de preocupação:

— Não te aconteceu nada de mal, Yurtchyk?

— Nada, Palaghna, minh'alma, nada. Veja! Eu espantei a tempestade... — E estendeu-lhe os braços.

Assim Palaghna se fez amante de Yura.

Ivan estranhava Palaghna. Já antes ela gostava de vestir-se vistosamente, mas agora parecia que algo tinha entrado nela: até em dia comum usava caros lenços de seda com belíssimos desenhos, brilhantes saias de fios de metal, e colares de cruces de estanho envergavam seu pescoço. Às vezes sumia de casa e voltava tarde, vermelha, desgrenhada, parecendo ébria.

— Aonde tu te metes sempre? — zangava-se Ivan — Olha lá, mulher!

Mas Palaghna ria apenas.

— O que que há? Não posso mais me divertir?.. Eu quero aproveitar. Só uma vez vivemos neste mundo...

É bem verdade que nossa vida é breve: ilumina-se e já se apaga. Ivan também pensava assim, mas Palaghna exagerava. Todo dia embriagava-se na taberna com o bruxo Yura, beijava-o e abraçava-se com ele em público, sem fazer segredo disso, que possuía um amante. Não seria a primeira a ter um: desde quando existia mundo não havia isso, que uma mulher se prendesse a um homem só!

Todos comentavam Palaghna e Yura, Ivan também ouvia os boatos, mas aceitava tudo indiferentemente. No entanto, bruxo é bruxo. Palaghna florescia e se alegrava enquanto Ivan definhava e secava perdendo vigor. Ele próprio se admirava de tal mudança. O que se passava com ele? Suas forças o abandonavam, seus olhos distraídos e aguados afundavam-se cada vez mais, a vida perdia o gosto. Até o seu gadinho não lhe proporcionava o antigo contentamento. Será que alguém lhe fizera algo, alguém o enfeitiçara? Não tinha mágoa de Palaghna, nem sentia a injustiça no seu coração, apesar de ter lutado com Yura por causa dela.

Não foi por Ivan ter raiva, mas por cumprir seu dever, quando o povo fez com que se confrontassem. Se não fosse Ssemen, seu compadre, que tomou o partido de Ivan, talvez nada tivesse acontecido.

Encontrando-se uma vez na taberna, Ssemen bateu Yura no rosto.

— Tu, patife, larga Palaghna, não te basta tua própria mulher?

Então Ivan sentiu vergonha. Pulou para junto de Yura.

— Cuida da tua Gháfia, não mexas com a minha! — e sacudiu diante do rosto dele sua machadinha.

— Compraste-a na feira? — explodiu Yura. E sua machadinha também tremulou diante dos olhos de Ivan.

— Que a mó te triture!

— Bandoleiro danado!

— Pois toma!

Ivan feriu primeiro, diretamente na testa. Mas Yura, lavado de sangue, conseguiu atingir Ivan no meio dos olhos, manchando-o até o peito. Ambos ficaram cegos do sangue quente que lhes inundava os olhos, mas continuavam a cruzar as machadinhas, golpeando reciprocamente seus peitos. Dançavam a dança da morte, estas máscaras vermelhas, das quais evaporava sangue fervendo. Yura

tinha a mão ferida mas, com um golpe certo, quebrou em duas partes a machadinha de Ivan. Este curvou-se, esperando a morte, no entanto Yura freou ao avançar sua ira e, com um gesto belo e generoso, jogou fora sua machadinha:

— Não ataco com arma um desarmado!..

Então, eles se engalfinharam pelos ombros. Com dificuldade os separaram. E o que mais? Ivan lavou as feridas, colorindo o Tcheremoch com o sangue, e foi para o meio dos cordeiros. Lá encontrou seu repouso e seu consolo.

No entanto, a luta de nada tinha valido. Tudo permanecia como estava antes. Palaghna, da mesma maneira, não se prendia à casa, Ivan, do mesmo jeito, minguava. Sua pele enegrecia e envolvia os ossos, os olhos se afundavam sempre mais; febre, irritação e inquietude o devoravam. Perdeu até o gosto pelos alimentos.

“Não é outra coisa senão artes do bruxo” pensava Ivan amargamente. “Implicou com a minha vida, quer tirar-me deste mundo, então me resseca...”

la à feiticeira, esta fazia suas rezas, mas de nada lhe adiantaram: o bruxo era, provavelmente, mais forte.

Ivan tinha certeza disso. Passando uma vez ao longo da casa de Yura, escutou a voz de Palaghna. Seria ela? Seu peito ficou dormente. Apertando o coração com a mão, Ivan encostou o ouvido junto à porta. Não se enganara. Lá estava Palaghna. Procurando uma fenda na cerca para dar uma espiada, Ivan se movia silenciosamente ao longo dela. Finalmente, conseguiu achar uma brecha, e então viu Palaghna e o bruxo. Yura, curvado, segurava diante de Palaghna uma boneca de barro e espetava-a com seus dedos, dos pés à cabeça.

— Se eu enfiar aqui um prego — sussurrava com maldade — secam-lhe os braços e as pernas. Se meter o prego na barriga, vai se queixar dela, não conseguirá comer...

— E se enfiasse o prego na cabeça? — perguntou, curiosa, Palaghna.

— Aí, morre duma vez...

Foram eles, então, que conspiraram contra Ivan!..

A ciência disso enevoou sua cabeça. Teve em mente saltar pela cerca e matar os dois no mesmo lugar. Aper-

tou nas mãos a machadinha, mediu a cerca com os olhos; mas logo murchou: fraqueza e desânimo tomaram de novo conta de seu corpo. Para quê? Em prol de quê? Era esta, de certo, sua sina. Sentiu um frio súbito, abandonou, sem ânimo, a machadinha e foi empurrando seu corpo para frente. Andava como esvaziado, sem sentir o chão sob os pés, tendo perdido o atalho. Círculos vermelhos voavam diante de seus olhos e desmanchavam-se nas montanhas. Para onde ia? Não soube adivinhar. Vagava sem meta, escalando montes; descia e subia aonde o carregavam as pernas. Finalmente, deparou-se sentado à beira do rio. Este ululava e bramia a seus pés, carregando o sangue verde dos montes, e Ivan olhava desvairadamente sua correnteza, até que no cérebro cansado acendeu-se o primeiro pensamento mais claro: era nesse lugar que outrora Maritchka passava o vau. Fora ali que as águas a carregaram. Então as lembranças começaram a se manifestar, sozinhas, uma após outra, enchendo seu peito vazio. Ele via Maritchka novamente, seu rosto amigo, sua graça simples e verdadeira; ouvia sua voz, suas cantigas... “Lembra de mim duas vezes por dia, amigo; sete vezes numa hora sonharei contigo...” Agora não havia nada mais disso. Não havia e não haveria, como a espuma do rio que desce com as águas nunca pode voltar. Outrora Maritchka, agora ele... Sua estrela já mal se segurava no céu, pronta para rolar. O que é a vida? Um clarão no céu, uma florada de cerejeira... frágil e passageira...

O sol se escondeu atrás dos montes, em calmas sombras vespertinas, as casas ghutsulas puseram-se a fumar. A fumaça azul-marinho escapava pelas frestas dos caibros de madeira, envolvendo com densidão as moradas que floresciam no meio do verdor dos montes como grandes flores azuis. Saudade envadia o coração de Ivan, sua alma ansiava por algo mais belo, embora desconhecido, e se estendia até mundos diferentes, melhores, onde se podia descansar.

Quando veio a noite as montanhas negras piscaram com a luz das moradas solitárias como monstros com seus olhos malvados, então Ivan sentiu que as forças inimigas foram vencedoras e que ele já sucumbira na batalha contra elas.

Ivan acordou.

— Levanta-te — despertou-o Maritchka — Levanta e vamos!

Ele a olhou e não se surpreendeu. Era bom Maritchka ter vindo finalmente.

Ergueu-se e saiu com ela.

Calados eles subiam as encostas e, embora já noite, Ivan percebia claramente seu rosto ao brilho das estrelas. Passaram pelo cercado trançado que separava o prado ceifado da floresta e entraram no denso matagal dos abetos.

— Por que emagreceste tanto? Estás doente? — perguntou Maritchka.

— Tive saudade de ti, minh'alma querida...

Ele não indagava para onde iam. Sentia-se tão bem em sua companhia.

— Lembras-te, meu bem, como nós nos encontrávamos aqui, nesta mata: tu tocaste para mim e eu te abraçava, beijando teu querido cabelo cacheado...

— Ah, lembro-me bem, Maritchka, não esquecerei enquanto viver.

Ele via Maritchka diante de si mas estranhava isso pois, ao mesmo tempo, sabia que não era Maritchka, e sim uma niawka. Caminhava ao lado dela e tinha medo de deixá-la passar à frente, para não ver aquele buraco sangrento em suas costas, pelo qual se viam o coração, o fígado e tudo mais, como sucede com uma niawka. Nos atalhos estreitos ele se apertava contra Maritchka para ficar junto dela e não ficar para trás, e sentia o calor de seu corpo.

— Eu queria perguntar há muito tempo: por que me batestes no rosto? Naquele tempo, lembras? quando os nossos pais brigaram e eu tremia embaixo da carroça, vendo sangue...

— Depois tu correste e eu joguei na corrente tuas fitas de tranças e tu me deste uma bala...

— Eu te amei desde o primeiro instante...

Eles penetravam na floresta. Os abetos negros estendiam, benévolo, suas patas felpudas sobre eles; pareciam abençoá-los; em torno reinava uma calma severa,

fechada em si mesma; só mais fundo quebrava-se com rugido a espumosa anarquia dos riachos.

— Uma vez eu te quis assustar e escondi-me. Enfi-me no musgo, cobri-me com samambaias e fiquei deitada, calada. Tu me chamaste, procuraste-me quase chorando. E eu, escondida, abafando meu riso. E quando tu me achaste finalmente, o que fizeste comigo?..

— Ha-ha!

— Sem-vergonha!..

Ela fez um muchocho e o olhou maliciosamente.

— Ha-ha! — ria Ivan.

— Ha-ha! — riam ambos, apertando-se um contra outro.

Ela lhe lembrava todas as suas brincadeiras de crianças, banhos nos ribeiros, gracejos e cantigas, medo e alegrias, abraços ardentes e suplícios de separação. Todas aquelas coisas pequenas que esquentavam seus corações.

Ivan tinha vontade de contar-lhe como uma ninfa da mata o chamara no pasto, imitando a voz de Maritchka, mas contornou este pensamento. Sua consciência se desdobrava. Sentia Maritchka junto de si e sabia que não havia Maritchka no mundo, que um outro ser o conduzia ao nada, aos picos desertos, para lá fazê-lo perecer. No entanto, sentia-se tão bem, seguia seu riso, ia atrás de seu gorjeio de menina, não temendo nada, leve e feliz, como outrora. Todas as suas desgraças e preocupações, medo da morte, Palaghna e o bruxo inimigo, tudo sumiu, voou para longe, como se nunca tivesse existido. Juventude despreocupada e alegria o guiavam novamente sobre esses píncaros despovoados, tão mortos e solitários que nem o sussurro da floresta podia manter-se lá e descia ao vale com o murmurar dos riachos.

— Eu estava sempre te aguardando, esperando quando voltarias do pasto montês. Não comia, não dormia; perdi minhas cantigas, o meu mundo murchou... “Secos troncos floresciam, quando nos amamos; verdes árvores murcharam, pois nos separamos...”

— Não digas isso, Maritchka, não digas, querida... Agora estaremos sempre juntos...

— Sempre? Ha-ha!..

Ivan estremeceu e parou. Um riso seco e malvado cortou seu coração. Olhou-a incrédulo.

— Tu ris, Maritchka?

— Que dizes, Ivanko! Eu não ri. Deves ter ouvido mal. Paraste? Tens dificuldade de andar? Vamos ainda um pouco. Vamos!..

Ela suplicava — e ele caminhou adiante, apertando firmemente seu ombro ao ombro dela com o único desejo de continuar assim, não ficar por trás, para não ver que, em vez de roupa, em vez das costas... Não importava, não queria pensar.

A floresta tornava-se mais espessa. Cheiro de suados troncos podres, hálito de cemitério florestal acompanhava-os do matagal onde apodreciam abetos mortos e se aninhavam cogumelos venenosos — tortulho e fungo satânico. Grandes pedras esfriavam sob o musgo escorregadio, raízes despidas de abetos entrançavam-se com os atalhos, cobertos pela camada de agulhas secas. Caminhavam sempre mais adiante, penetrando no interior inóspito das matas da serra alta.

Chegaram a uma clareira. Aí estava um pouco mais claro, os abetos pareciam fechar atrás de si o negrume da noite profunda. De repente Maritchka estremeceu e parou. Esticou o pescoço, escutando. Ivan percebeu que uma inquietação passou pelo seu rosto, juntou-lhe as sobrancelhas. O que tinha acontecido? Mas Maritchka, impacientemente, interrompeu sua pergunta, colocando o dedo nos lábios, em sinal de silêncio — e subitamente sumiu. Tudo aconteceu tão inesperado e estranho que Ivan nada conseguiu entender.

Por que ela se assustou, para onde fugiu? Ficou um tempo fincado no mesmo lugar, esperando que Maritchka voltasse, mas como ela já estava demorando ele chamou em voz baixa:

— Maritchka!

A macia cortina dos galhos de abetos engoliu aquele chamado, e de novo fez-se silêncio.

Ivan ficou alarmado. Queria procurar Maritchka, mas não sabia que direção devia seguir pois não notara quando ela desaparecera. Não deveria, acaso, acender uma fogueira? Ela veria o fogo e saberia para onde voltar.

Juntou alguns galhos secos e os acendeu. O fogo crepitou um pouco embaixo deles e depois soltou fumaça. Agitando-se a fumaça sobre a chama, agitaram-se também

as sombras dos abetos desgrenhados e povoaram a pequena clareira.

Ivan sentou-se no toco de uma árvore e olhou em volta. A clareira estava repleta de troncos podres e de uma rede espinhenta de cumes pontiagudos, entre os quais serpenteava a framboeza selvagem. Os galhos inferiores, finos e ressequidos, pendiam dos abetos como barba ruiva.

De novo a tristeza envolveu Ivan. Estava outra vez só. Maritchka não voltava. Acendeu o cachimbo, olhando as chamas, para encurtar com algo sua espera. Maritchka teve que voltar afinal. Parecia-lhe até que ouvia seus passos, o estalar de ramos sob seus pés. Oh! Finalmente ela... Quis levantar-se para ir a seu encontro mas não deu tempo. Os galhos secos se afastaram silenciosamente, e da floresta saiu um homem. Estava sem roupa. Macios cabelos escuros cobriam-lhe todo o corpo, envolviam os olhos redondos e bondosos, pendiam-lhe em barba pontuda sobre o peito. Ele cruzou as mãos sobre a barriga grande e aproximou-se de Ivan.

Então Ivan logo o reconheceu. Era o alegre Tchughaster, o bom espírito das matas que defende os homens das niawkas. Ele significava para elas morte: pegava-as e dilacerava.

Tchughaster sorriu com bondade, piscou maliciosamente com o olho e perguntou a Ivan:

— Para onde correu?

— Quem?

— Niawka.

“Ele fala de Maritchka”, pensou assustado Ivan, e seu coração bateu forte no peito. “É por isso que ela desapareceu!”

— Não sei... Não vi — respondeu com indiferença Ivan e convidou Tchughaster: — Sentai-vos.

Tchughaster sentou-se no toco, sacudindo de si folhas secas e esticou as pernas em direção ao fogo. Ambos calavam. O homem da floresta esquentava-se junto à fogueira e esfregava a barriga redonda enquanto Ivan refletia teimosamente como entretê-lo, para que Maritchka conseguisse fugir para o mais longe possível. O próprio Tchughaster ajudou. Piscou para Ivan com olho sagaz, perguntando:

— Será que dançarias um pouco comigo?

— Pois não! — Ivan levantou-se de boa vontade. Jogou mais ramos de pinheiros à fogueira, olhou seus sapatos, ajeitou a camisa e apresentou-se para a dança.

Tchughaister colocou as mãos felpudas nos quadris e já se balançava.

— Começa, então!..

— Se é pra começar, comecemos então!

Ivan bateu com o pé no lugar onde estava, esticou a perna, sacudiu o corpo todo e nadou na leve dança ghut-sula. Diante dele Tchughaister ondulava comicamente. Apertava os olhos, estalava com a língua, sacudia a barriga, e as pernas peludas como as de um urso batiam no mesmo lugar, dobrando-se e desdobrando-se como galhos grossos. A dança o esquentava, visivelmente. Ele já pulava mais alto, caía mais profundo de cócoras, aumentava o próprio ânimo com alegre grunhido, e inflava-se como o fole do ferreiro. O suor subia em gotas em torno de seus olhos, descia em córregos da testa até a boca, as axilas e a barriga luziam como as de um cavalo, e Tchughaister já estava bem quente:

— Bate o pé! Bem assim! — gritava ele para Ivan e batia a terra com seus calcanhares.

— Coxo assim! Cego assim! — atiçava Ivan. Eh! Eh! Se é pra dançar, dancemos!

— Mais uma vez! — batia palmas Tchughaister, acoorava-se até o chão e girava em torno de si mesmo.

— Ha-ha-ha! — batia Ivan suas coxas com a palma da mão. Acaso não sabia ele mais dançar?

A fogueira se animava com uma chama alegre e separava as sombras dos dançarinos que se encolhiam e se batiam na clareira banhada pela luz.

Tchughaister começou a se cansar. A cada instante levantava a mão com as unhas sujas à testa, enxugando o suor, e já não pulava, apenas sacudia miudamente no mesmo lugar o corpo felpudo.

— Vamos parar? — bufava Tchughaister.

— Não... ainda um pouco mais.

Ivan também desmaiava de exaustão. Estava quente, inteiramente molhado, as pernas lhe doíam, o peito mal sorvia o ar.

— Eu vou tocar ainda para a dança! — acrescentou ele com entusiasmo para o Tchughaister e pegou da flauta

atrás do cinturão. — Tu não ouviste ainda uma igual a essa, camarada...

Tocou a cantiga que ouviu do tinhoso na mata: “Eis minhas cabras!.. Eis minhas cabras!..” e Tchughaister, animado pelos sons da canção, atirava mais alto os calcanhares, fechando os olhos de contentamento, parecendo esquecer o cansaço.

Agora Maritchka podia estar tranqüila. “Foge, Maritchka... não temas, meu coração... teu inimigo dança...” cantava a flauta.

Os pêlos colaram no corpo de Tchughaister como se ele tivesse saído da água, a baba escorria-lhe num fio da boca, aberta pela alegria dos gestos; ele todo brilhava junto ao fogo e Ivan lhe acrescentava ânimo com sua música alegre. Ele próprio, como que desvairado, desfalecido, esquecido de si mesmo, batia a clareira com os pés, dos quais já tinham caído os sapatos arrebetados...

Finalmente Tchughaister se exauriu.

— Basta. Não posso mais...

Caiu na grama e bufava com dificuldade, fechando os olhos. Ivan deixou-se cair na terra junto dele. Ambos respiravam pesadamente. Enfim Tchughaister riu baixinho:

— Hoje me sacudi com gosto!..

Amassou contente a barriga redonda, crocitou, alisou no peito os pêlos e começou a despedir-se.

— Agradeço muito pela dança...

— Ide com saúde.

— Passa bem!..

Abriu os ramos secos do abeto e mergulhou na floresta.

A clareira submergiu de novo na escuridão e no silêncio. A fogueira que se extinguiu piscava nas tenebras com um único olho vermelho.

Mas onde estava Maritchka? Ivan tinha ainda muitas coisas para lhe contar. Sentia necessidade de relatar-lhe a sua vida inteira: a saudade por ela, os dias sem alegria, a solidão no meio dos inimigos, o casamento infeliz... Onde tardava ela? Em que direção tinha ido? Talvez à esquerda? Parecia-lhe tê-la visto pela última vez do lado esquerdo.

Foi à esquerda. Lá havia mata cerrada. Os abetos se juntaram tão apertados que era difícil passar por entre os

troncos ásperos. A ramagem seca debaixo espetava seu rosto, mas ele avançava. Nadava numa escuridão espessa, tropeçava e esbarrava continuamente contra os troncos. Às vezes lhe parecia que alguém o chamava. Parava, prendendo a respiração e escutava. Porém uma calma tão profunda enchia a floresta que o sussurrar dos galhos secos, contra os quais roçava seu ombro, lhe parecia um estrondo de troncos, abalados na mata pelo machado. Ivan prosseguia, esticando os braços qual um cego que tenta pegar o ar com as mãos, com medo de ir de encontro a um empecilho.

Eis que um tênue sopro veio voando, mal perceptível ao ouvido:

— Iva-an!..

A voz vinha de trás, de qualquer parte dos fundos, como se aparecesse à tona através de um mar de agulhas de pinheiros. Então Maritchka não estava por ali. Era preciso voltar. Ivan se apressava, batendo com os joelhos contra os abetos, afastando com as mãos os ramos e apertando os olhos para não furá-los nos galhos espinhentos. A noite parecia pegar nos seus pés para detê-lo, e ele a arrastava consigo e a afastava com o peito. Estava vagando por muito tempo sem encontrar a clareira. Agora, o solo sob os seus pés começou a descer. Grandes pedras impediam-lhe o caminho. Ele as contornava, escorregando sempre e sempre no musgo liso, tropeçando nas raízes resistentes, segurando-se no capim para não cair em algum precipício.

E outra vez, do abismo a seus pés, veio até junto a ele um chamado fraco, abafado pela floresta:

— Iva-an!..

Queria responder à voz de Maritchka, mas não ouvia, para que Tchughaster não ouvisse. Agora sabia onde devia procurá-la. Foi à direita, descendo. No entanto, aí o chão caía íngreme; parecia estranho que Maritchka tivesse podido passar por ali. Pedras miúdas despencavam de sob seus pés, caindo com surdo rosnar num abismo negro. Porém ele, jeitoso e acostumado às montanhas, conseguia deter-se à beira do abismo e, com cuidado, encontrou novamente apoio para os pés. Adiante estava mais difícil de descer. Uma vez quase caiu mas soube segurar-se pelo canto do rochedo e pendeu sobre

os braços. Ignorava o que houvesse debaixo dele mas sentia o frio e a respiração malévola da voragem que abria para ele a goela insaciável.

— Iva-an!.. — gemia Maritchka de alguma parte do abismo; e na sua voz havia chamado de amor e de suplício.

“Eu vou, Maritchka!” batia-se no peito de Ivan a resposta, temendo se manifestar. Ele já esquecia todo o cuidado. Saltava as pedras como carneiro selvagem, mal sorvendo o ar pela boca aberta; feria as mãos e os pés, caía de peito contra a rocha escarpada, às vezes perdendo o chão debaixo dos pés, e pela neblina quente do desejo, na qual rolava para baixo, ouvia apenas como urgia a voz tão querida:

— Iva-an!..

— Estou aqui! — exclamou Ivan, sentindo subitamente, que o abismo o puxava. Prendeu-o pelo pescoço e o curvou para trás. Ele pegava o ar com as mãos, prendia a pedra que quebrara com os pés e sentia que voava cabisbaixo, pleno de frio e com estranho vazio no corpo. A pesada montanha negra abriu as asas de abetos e, de repente, como uma ave, esvoaçou sobre ele para o céu, enquanto uma penetrante curiosidade mortal abrasou-lhe o cérebro: contra que iria romper-se sua cabeça? Sentiu ainda o estalo dos ossos, uma dor aguda, insuportável, que encolheu seu corpo — e tudo diluiu-se no fogo vermelho, em que queimou sua vida. . .

No dia seguinte os pastores encontraram o corpo de Ivan.

Triste, a trembita anunciava sua morte às montanhas.

Pois aqui a morte possuía uma voz com que falava aos montes solitários. Os cavalos batiam os cascos nos atalhos pedregosos, os sapatos de couro plissado rangiam na escuridão da noite, quando dos abrigos humanos, perdidos nas alturas, apressavam-se os vizinhos para os “fogos tardios”. Dobravam os joelhos diante do corpo morto, punham dinheiro no peito para a travessia da sua alma e, calados, sentavam-se nos bancos. Misturavam-se cabelos grisalhos com o fogo dos lenços vermelhos; o sadio rubor dos rostos, com a cera das faces enrugadas.

A luz mortuária tecia uma rede de sombras iguais na face do morto e dos vivos. Tremiam queixos duplos de mulheres ricas, tranqüilamente brilhavam olhos senis diante da seriedade da morte, uma calma sábia ligava vida e morte, enquanto grossas mãos curtidas jaziam pesadamente sobre os joelhos de todos.

Palaghna ajeitava o linho sobre o defunto, seus dedos sentiam o frio do seu corpo, enquanto o sopro tépido e adocicado da cera, que escorria pelas velas, fazia a mágoa subir do peito até a garganta.

A trembita chorava sob a janela.

A face amarela de Ivan jazia calmamente no linho, encerrando dentro de si algo só a ele conhecido, e o olho direito olhava com deboche, por debaixo da pálpebra um pouco levantada, o montãozinho de moedas de estanho sobre o peito e as mãos postas, nas quais ardia uma vela.

Junto à cabeceira do morto, invisível, repousava a alma: ela ainda não tinha direito de voar para fora da casa. Palaghna dirigia-se a ela, a esta solitária alma do seu marido, que se apertava, como uma órfã, ao corpo inerte.

— Por que não me falas, por que não me olhas, por que não envolves os calos das pontas dos meus dedos? Que caminho vais trilhar, meu marido, de onde devo esperar-te novamente de volta? — lamentava-se Palaghna, e sua voz grossa se rompia em tons tristonhos.

— Ela sabe carpir-se bonito... — acenavam com as cabeças as velhas vizinhas e, em resposta, escutavam suspiros, que se diluíam no marulho do vozerio.

— Nós estivemos juntos no pasto montês... Uma vez íamos apascentar ovelhas, quando levantou-se um vento frio, que nem no inverno... Um temporal rodopiou, que não se via o mundo de Deus, e ele, o finado... — contava um aldeão aos vizinhos. Os lábios deles se moviam de lembranças, pois era preciso alegrar a alma tristonha, separada do corpo.

— Tu foste e me abandonaste... Com quem irei agora manter a casa, com quem cuidarei do gadinho?... — perguntava Palaghna à alma do marido.

Porta adentro, diretamente da noite sombria, entravam sempre mais visitantes. Dobravam os joelhos diante do defunto, moedas de estanho tinham no peito de Ivan, e o

povo se ajeitava nos bancos, cedendo lugar aos recém-chegados.

Velas grossas se derretiam lentamente, escorrendo lágrimas de cera; a chama pálida lambia o ar gasto, e a fumaça azul escura, misturada com o enjoativo cheiro da cera e da transpiração dos corpos, pendia sobre o surdo burburinho da casa.

Estava ficando apertado. Faces se inclinavam sobre faces, uma respiração tépida mesclava-se à outra e testas suadas captavam em si o brilho da luz mortuária, que acendeu fogos cintilantes nas saias tecidas de fios metálicos, nas cintas cravejadas e nas bolsas a tiracolo. E a casa se enchia ainda mais de visitantes, que já se tumultuavam junto à soleira.

O cadáver se decompunha. Manchas brancas, como eczemas, arrastavam-se por ele, iguais a sombras mal perceptíveis.

— Meu doce marido, deixaste-me para a desgraça... — lamentava-se Palaghna. — Não haverá ninguém para ir à cidade, nem para trazer, nem para oferecer, nem para levar, nem para ajudar...

Além da janela, a trembita anunciava dolentemente suas palavras, aumentando seu pesar.

Não seria já bastante tristeza para a pobre alma?

Tal pensamento, aparentemente, se escondia sob o peso do lamento que esmagava, pois da soleira iniciou-se um movimento. Ainda timidamente, começavam a bater os pés, a empurrar os cotovelos; às vezes um banquinho fazia barulho e vozes se rasgavam, misturando-se no surdo burburinhar da multidão. Eis que de repente uma aguda voz feminina cortou nitidamente as pesadas cortinas do luto, e o rumor contido irrompeu como labareda debaixo da cobertura de fumaça negra.

— Hê, narigudo, compra minha lebre! — dizia uma voz jovem em baixo profundo, e em resposta ouvia-se riso abafado:

— Ha-ha! Narigudo!..

— Não quero!

A brincadeira começava.

Aqueles que estavam sentados mais próximos da porta viraram as costas para o cadáver, prontos para entrar no jogo. Um sorriso alegre alargava seus rostos, há pouco

recolhidos no luto, e a “lebre” passava cada vez mais longe, descrevendo um círculo sempre mais largo, chegando já perto do morto.

— Ha-ha! Corcunda!.. Ha-ha! Coxo!..

A luz se balançava de riso e sentia-se o odor da fumaça. Um após outro, os visitantes se levantavam dos bancos e distribuíam-se pelos cantos, onde estivesse alegre e apertado.

No rosto do defunto cresciam manchas, como se seus pensamentos ocultos se movessem, trocando sem parar de expressão. No canto da boca levantado parecia estar fincada uma ponderação amarga: que é a vida? Clarão no céu, florada de cerejeira...

Junto à porta para o vestíbulo já se beijavam.

— Para quem estás pendendo?

— Para Annytchka morena.

Annytchka fazia de conta que não queria e estrebuchava, mas dezenas de braços a punham fora do montão apertado, e lábios quentes acrescentavam-lhe ânimo:

— Vai, menininha, vai...

E Annytchka abraçava aquele que “pendia” para ela e gostosamente o beijava nos lábios, aos alegres gritos gerais.

O cadáver fora esquecido. Apenas três velhas estavam sentadas junto dele e olhavam dolentemente, com seus olhos vítreos, como sobre o rígido rosto amarelo andava uma mosca.

As mulheres casadas se entregavam ao jogo. Com os olhos nos quais ainda não se apagou a luz mortuária e não se diluiu a imagem do cadáver, elas iam, com vontade, beijar outros homens, indiferentes a seus maridos, que também abraçavam e apertavam mulheres alheias.

Beijos sonoros estalavam pela casa e se entrelaçavam com o choro da trembita lastimosa, que ainda informava as montanhas sobre a morte num monte calvo solitário.

Palaghna não se lamentava mais. Já era tarde; precisava receber os visitantes.

A alegria já tinha pegado fogo. Estava ficando abafado, o povo suava em seus casaquinhos de pele de ovelha e aspirava o suor, a fumaça enjoativa de cera quente e o cheiro do defunto que já se decompunha. Todos falavam em voz alta, como se esquecessem para que vieram; con-

tavam proezas e gargalhavam. Acenavam com as mãos, batiam uns nas costas dos outros e piscavam para o mulherio.

Aqueles que já não cabiam em casa acenderam fogo no pátio e faziam em sua volta jogos alegres. No vestibulo apagaram a luz, as raparigas gritavam e os rapazes asfixiavam-se de riso. A brincadeira sacudia as paredes da casa e golpeava com ondas de gemidos doídos o catre pacífico do morto.

A chama amarela das velas escurecia no ar pesado.

Até os velhos participavam da brincadeira. Uma gargalhada despreocupada sacudia suas cãs, alisava suas rugas e desnudava os tocos de dentes podres. Eles ajudavam aos mais jovens pegar mulheres, abrindo os braços já trêmulos. As voltas de corais tilintavam no peito das casadas, o babaréu das mulheres cortava o ouvido, batendo contra o catre, onde jazia o defunto.

— Ha-ha-ha!.. Ha-ha-ha!.. — rolava do canto dos ícones até à soleira, e fileiras inteiras de homens dobravam-se de riso, apertando a barriga com as mãos.

Em meio aos guinchos e apertos, impacientemente rangia, por alguma parte, o “moinho” de madeira.

— Tens algo para moer? — exclamava, zeloso, o “moleiro”.

— Temos milho... — empurravam-se para ele as moças, brigavam entre si os “comerciantes”, colando longas barbas de cânhamo às suas faces.

Um forte torcilhão molhado e elástico espancava nuças à direita e à esquerda. Fugiam dele, em meio a gargalhadas e urros, derrubavam os que estavam no caminho, levantavam poeira e poluíam o ar. O chão da casa cedia abaixo do peso das pernas jovens e o corpo morto saltava no banco, sacudindo a face amarela, na qual ainda luzia o enigmático sorriso da morte.

Sobre seu peito silenciosamente tiniam moedas de estanho, jogadas pelas almas piedosas para a travessia.

Sob as janelas tristemente soluçavam as trembitas..

MYCHAJLO KOZJUBYNSKYJ

SCHATTEN VERGESSENER AHNEN

Übersetzung aus dem Ukrainischen: Wira Selanski,  
in Zusammenarbeit  
mit Sabine Grosskopf und Udo Dengler

Guaschbilder mit huzulischen Motiven:  
Zoya Lisowska

## MYCHAJLO KOZJUBYNSKYJ

(1864-1913)

Die Persönlichkeit von Mychajlo Kozjubynskyj zeichnet sich in der ukrainischen Literatur nicht nur deswegen aus, dass er ihr bedeutendster Impressionist ist, sondern weil es sich um einen tiefen Denker handelt, der als ein literarischer Vormund von Schutzlosen, Leidenden und Ausgenutzten das humanitäre Ideal verkörpert.

Als Gebürtiger der Stadt Winnyzja in der Podillaregion, hat er seine Kindheit in einer Reihe von Dörfern und Kleinstädten verbracht; früh verwaist — sein Vater war ein Beamter — musste er die Familienpflichten übernehmen und verbrachte eine schwere Jugend. Seiner antizaristischen Haltung wegen konnte er sein Studium nur als Autodidakt beenden, um mit seinem Privatlehrergehalt für die erblindete Mutter und die jüngeren Geschwister aufzukommen. Später arbeitete er als Mitglied einer staatlichen Weinbergkommission auf der Krim und in Bessarabien. Von 1898 an lebte er in Tschernyhiw, im Norden der Ukraine, als Statistikleiter in der Landwirtschaft.

Schon als junger Mann hatte Kozjubynskyj Verbindungen mit der ukrainischen liberalen Intelligenz; davon sprechen seine Erzählungen CHO (1894) und GESANDTER DES SCHWARZEN ZAREN (1897). Seine Werke konnten nur im westukrainischen Territorium, in Galizien, gedruckt werden, das damals zur österreichisch-ungarischen Monarchie gehörte. In Lwiw (Lemberg) wurde die ukrainische Kultur zwar nicht gefördert, aber auch nicht verfolgt, während im Russischen Imperium, dem der östliche Teil der Ukraine angegliedert war, seit dem Zarendekret aus dem Jahre 1876 die ukrainische Sprache, als staatsfeindlich geprägt, verboten war. Die Freundschaft mit dem Schrift-

steller Iwan Franko hat Kozjubynskij die Mitarbeit an verschiedenen westukrainischen Zeitschriften ermöglicht.

Später wurde er von liberalen Kreisen ihrer zweideutigen politischen Haltung wegen enttäuscht, was aus einer Reihe seiner satyrischen Werke zu erlesen ist.

Die ersten literarischen Schriften Kozjubynskyjs zeigen eine starke realistische Tendenz, so die Erzählungen AUF DEN FLÜGELN DES LIEDES (1895), FÜR DAS ALLGEMEINE WOHL (1895), HOHER PREIS (1901) u. a. Die häufigen Amtsreisen öffneten ihm die Augen für das rückständige Dasein der politischen Minderheiten im Russischen Grossreich, das ihm "mit seinen Bärenschlupfwinkeln ohne soziale oder intellektuelle Interessen" den "Schlaf des Toten Meeres" versinnbildlichte. Es regierte dort ein erschreckendes Unwissen, bedingt durch die allumfassende Unterdrückung der nicht-russischen Völker. Kozjubynskij vergleicht das Russische Imperium mit einer hohen Leiter, auf deren Spitze sich der Zar und der Henker befinden.

Der letzte figuriert als Hauptgestalt in den Erzählungen PERSONA GRATA, DER UNBEKANNTE und AUF DEM WEG (alle aus dem Jahre 1907).

FATA MORGANA (1907) ist ein Sozialroman und das wichtigste Werk Kozjubynskyjs. Der Verfasser untersuchte vorher juristische Protokolle, in denen die Verwüstungen der herrschaftlichen Besitztümer durch die Dorfbevölkerung, die anonyme Volksjustiz und die darauf folgenden Strafen aufgezeichnet waren. Das Werk hat den Charakter eines Volksepos. Es handelt sich darin um einen Bauernaufstand in den Jahren 1905-07. Als Handlungsheld steht die gesamte Volkmasse da, die zugleich zum Beschwörer ihres eigenen Schicksals wird. Der Freiheitstraum ist jedoch von kurzer Dauer, und der Preis dafür ist tragisch. Der Verfasser gibt die chronologische Folge der Erzählung auf und fertigt eine Montage aus ihren charakteristischsten Momenten.

Früh lernte Kozjubynskij, in die Kinderseele vorzudringen: CHARYTIA (1891), TANNENBAUM (1891), DER KLEINE SÜNDER (1893) sind feine psychologische Studien, welche die Kinder aus dem Volk in ihrer Emsigkeit, Wahrhaftigkeit und Geradheit beleuchten. Im Gegensatz zu Erwachsenen zeigt ein Kind Gefühl für wahre Werte und

hat das richtige Einfühlungsvermögen. Dies wird in der Erzählung GEBURTSTAGSGESCHENK (1912) besonders deutlich.

Das humane Element ist vorherrschend im Werk von Kozjubynskyj. In INTERMEZZO (1908) schreibt er: "Ich kann am Menschen nicht vorübergehen. Ich kann nicht allein sein."

Kozjubynskyjs Werke bestehen aus dynamischen Szenen. Statik bleibt ihnen fremd. In einer Reihe von Werken widersteht er der toten, seelenlosen Tradition. FESSELN DES VERSUCHERS (1899) spiegelt den überlebten Konservatismus eines tatarischen Dorfes wider und das Erwachen von neuen Empfindungen einer jungen Tatarin, die mitten im öden Festtag sich nach Freiheit und wahrer Liebe sehnt. Auch die Erzählung MENSCHLICH (1900) schildert die Sehnsucht des Bauern Karpo nach einem neuen Leben, das die Dissonanz des menschlichen Daseins in Naturharmonie verwandeln sollte. In den Novellen PÜPPCHEN (1901), IN DER SÜNDHAFTEN WELT (1904) und UNTER DEN MINARETTEN (1904) tadelt der Schriftsteller die Haltung der Hörigkeit alten, vorgeschriebenen Mustern und falschen Idealen gegenüber.

Die Erzählkunst Kozjubynskyjs ist wortkarg, machmal sogar lakonisch, der Dialog ist konzentriert. Charakteristisch darin ist die Beseelung der Natur, so in APFELBLÜTE (1902), INTERMEZZO und AUF DER INSEL (1912). Seine zugleich bildreiche und musikalische Prosa hält den vergänglichen Augenblick fest und zeigt das gleiche Bild in verschiedenen Varianten, um seinen ständigen Wechsel zu betonen. Diese fließende Wiedergabe der Wahrnehmung stempelt Kozjubynsky zum Impressionisten. Ausser FATA MORGANA sind noch vor allem die Erzählungen AUF DEM FELSEN (1902), DER ZWEIKAMPF (1902), DAS LACHEN (1906), ER KOMMT! (1906) und DER UNBEKANNTE (1907), welche das Geschehen durch die psychologische Reaktion der handelnden Figuren darstellen, denn die äussere und die innere Wirklichkeit decken sich hier. Die ganze Erzählung ER KOMMT!, die einen Judenpogrom in Schwarz und Rot schildert, wird durch die Seelenzustände von Esther: ihr Bangen, ihre Angst, ihre Erwartung der unausweichlichen Tragödie wiedergegeben. Sehr oft tritt Metonimik als stilistisches Mittel auf, etwa: "zahnlose

Münder jellten, Runzeln der Weisheit und der Erfahrung schrien, Bärte und bleiche, ausgedörrte Arme hüpften" . . .

1911 ist Kozjubynskyj in den Karpaten, im Dorf Kryworiwnja gewesen, wo alljährlich die Hauptvertreter ukrainischer Literatur und Künste zusammentrafen. Der Schriftsteller wurde ganz von dieser ihm bis dahin unbekanntem Region eingenommen. Er lernte dabei ihre malerische Bevölkerung, die Huzulen, kennen. Von der übrigen Welt hinter Bergen und alten Bräuchen versteckt, glauben sie an das animistische Prinzip, das wahrscheinlich noch im Mittelalter aus dem Orient dorthin eingewandert war. Die Religion der Huzulen ist dualistisch: sie nehmen die Koexistenz des Guten und des Bösen an, was ihre reiche Dämonologie, die sich in Märchen, Sagen und Gebräuchen offenbart, befruchtet hat. Viele vorchristliche Elemente darin sind bis ins zwanzigste Jahrhundert vorgezogen. Die huzulischen Trachten gehören zu den prächtigsten in Europa. Huzulen sind Meister in Holzkirchen- und Glockenturmbauten, in Stickereien und Gewebe, in Keramik und Ikonenmalerei.

Die Novelle SCHATTEN VERGESSENER AHNEN (1911) wurde von Kozjubynskyj mit leichtem huzulischen Dialektanklang geschrieben. Er hat sich nicht vorgenommen, seine Gestalten in irgendeiner Weise zu idealisieren. Das Schöne und das Hässliche, das Lyrische und das Groteske, das Christliche und das orgiastisch Heidnische vermengen sich darin gleichberechtigt zu einem Gemälde seltener Schönheit, die in der Übersetzung natürlicherweise verblasen muss.

Die Novelle wurde von dem Kiewer Filmproduzenten Sergei Paradzanov verfilmt und gewann den Cannespreis. Mit ihr begann sein Verfasser einen neuen künstlerischen Aufschwung, der leider durch seinen Tod 1913 unterbrochen wurde.

Im Fragment AUF DER INSEL gibt es feine, symbolisch angehauchte Naturbeobachtungen. Das Ganze scheint von bunten Mosaikbildern geformt zu sein. Das letzte davon stellt eine Reihe von blühenden, dem Tode geweihten Agaven dar. "Ave, mare, morituri te salutant." waren die letzten Worte des Schriftstellers Kozjubynskyj.

W.S.





## SCHATTEN VERGESSENER AHNEN

Iwan war das neunzehnte Kind der huzulischen Familie Palijschuk. Als zwanzigstes und letztes kam Annytschka zur Welt.

War es nun das ewige Brausen des Flusses Tschere-mosch und das Klagen der Sturzbäche, welche die einsame Hütte auf dem hohen, kahlen Berge erfüllten, oder das Rauschen schwarzer Fichtenwälder, die das Kind erschreckten, — es weinte immerfort, schrie nächtelang, gedieh kärglich und schaute seine Mutter mit so tiefem, altklugem Blick an, dass diese mit Furcht ihre Augen von ihm wandte. Manchmal dachte sie sogar, es sei nicht ihr eigenes Kind. Die Hebamme habe wohl bei der Geburt nicht aufgepasst, das Haus nicht sorgfältig umräuchert, keine Kerzen angezündet, und einer schlaunen Teufelin sei es gelungen, ihren Buben gegen das eigene Teufelchen einzutauschen.

Obwohl mühsam, wuchs der Knabe schliesslich dennoch heran, und man wusste nicht, wohin die Zeit entschwunden war, als man ihm schon Hosen nähen musste. Doch sonderlich blieb er immer noch: manchmal schaute er so vor sich hin und sah etwas Fernes, von niemandem Wahrnehmbares, oder er schrie ohne Grund. Die gewebten roten Hosen rutschten ihm am Körper, er aber stand mitten in der Stube mit geschlossenen Augen und brüllte aus aufgesperrtem Mund. Da nahm die Mutter ihre Pfeife zwischen den Zähnen heraus, holte nach ihm aus und schrie zornig:

“Hol dich der Böse, du Wechselbalg! Verschwinde im See, im Gehölz!”

Und er verschwand. Rollte durch die grünen Wiesen klein und weiss wie ein Löwenzahnball, furchtlos drang er in den dunklen Wald, wo Tannen ihre Zweige wie Bären-tatzen über ihm bewegten.

Von dort schaute er die Berge, die nahen und fernen Gipfel, die sich bläulich vom Himmel abhoben, die schwarzen Fichtenwälder mit ihrem dunkelblauen Atem, das helle Grün der Heuwiesen, die wie Spiegel in den Rahmen der Bäume glänzten. Zu seinen Füßen, im Tale, kochte der kalte Tschere mosch. Auf fernen Hügeln schlummerten in der Sonne einsame Siedlungen. Es war so still und wehmütig ringsum, schwarze Fichten liessen unaufhörlich ihre Trauer in den Tschere mosch hinabgleiten, und er trug sie landabwärts und erzählte von ihr.

“Iwa-a-an!” — rief man den Knaben von der Hütte, doch er achtete nicht darauf, sammelte Himbeeren, liess Blätter knallen, schnitzte sich eine Schalmei oder blies schrill auf einem Grashalm, um Vogelstimmen und all jene Laute nachzuahmen, die er im Walde hörte. Kaum bemerkbar unter den Waldkräutern, pflückte er Blumen und schmückte seinen Strohhut. Wurde er müde, so legte er sich unter das Heu, welches auf Fichtengerippen trocknete, und die Bergbäche sangen ihn in den Schlaf und weckten ihn mit Geläut wieder auf.

Mit seinen sieben Jahren schaute Iwan die Welt bereits ganz anders an. Er kannte schon allerlei: verstand heilende Kräuter zu finden — Raintarn, Arnika und Nelkenwurz —, wusste, was die Gabelweihe schrie und woher ein Kuckuck kam. Als er das alles zu Hause erzählte, blickte ihn seine Mutter misstrauisch an: vielleicht sprach das alles zu ihm? Er wusste, dass der böse Geist die Welt beherrschte, dass der Bergteufel Aridnyk in allem waltete, dass die Wälder voller Erlgeister waren, die dort ihre Herden weideten: Hirsche, Hasen und Rehe; dass dort auch der fröhliche Tschuhajster streifte und sofort jeden, den er traf, zum Tanz aufforderte und dass er Niawkas, die Waldelfen, in Stücke riss; dass im Walde die Beilstimme lebte. Noch höher, auf fernen, wasserlosen, wilden Gipfeln tanzten Niawkas ihre endlosen Reigen, und in den Felsspalten hielt sich der Böse versteckt. Iwan konnte auch von Russalkas erzählen, die an schönen Tagen aus dem Wasser ans Ufer kamen, um Lieder zu singen und Märchen und Gebete zu erfinden; von Ertrunkenen, die nach Sonnenuntergang ihre bleichen Körper auf dem Flussgestein trockneten. Allerlei feindliche Geister bevölkerten Felsen, Wälder, Schluchten, Hütten und Gehege.

lauerten auf den Christen oder auf das Vieh, um ihnen Schaden anzutun.

Manchmal erwachte Iwan mitten in der feindseligen Stille und zitterte vor Angst. Die ganze Welt war ihm wie ein Märchen voller Wunder: geheimnisvoll, lockend und erschreckend.

Nun hatte er bereits Pflichten: man schickte ihn zum Kühehüten. Er trieb sein Gelbchen und sein Grauchen hinaus; sie versanken in dem Wogen der Waldgräser und junger Fichten, und er vernahm von dorthier, als wären sie unter Wasser, das wehmütige Klingen ihrer Glöckchen. Dann setzte er sich irgendwo auf den Berghang, zog seine Schalmei hervor und spielte einfältige Weisen, die er von Älteren übernommen hatte, und lauschte anderen Melodien, die unfassbar und verschwommen in ihm lebten.

Eines Tages verliess er seine Kühe und stieg bis zum Berggipfel hinauf. Ein kaum sichtbarer Pfad führte ihn höher und höher, ins verwachsene Dickicht bleicher Farnkräuter und stacheliger Brom — und Himbeersträuche. Er sprang leicht von einem Stein auf den anderen, stieg über umgefallene Bäume, arbeitete sich durch das Gestrüpp hindurch. Ihm folgte das ewige Rauschen des Flusses, Berge wuchsen empor, und schon erhob sich am Himmelsrand das blaue Phantom der Tschornohorahöhe. Lange, trauernde Gräser bedeckten nun den Berghang, Kuhglocken klangen wie fernes Seufzen, immer häufiger wurde das grobe Gestein, das weiter oben, auf dem Gipfel, ein Chaos zerfurchter Felsen bildete, von Moosflechten gezeichnet und von schlangenhaften Umarmungen der Fichtenwurzeln erdrückt. Unter Iwans Füßen war jeder Stein von dicken, seidigen, molligen Moosen umhüllt. Warm und zart bargen sie in sich das sonnengoldene Wasser der Sommerregen, gaben sanft nach und nahmen den Fuss wie ein Daunenkissen auf. Das lockige Grün der Preissel- und Heidelbeerstengel senkte seine Wurzeln in die Tiefe des Moooses und überschüttete sich oben mit dem Tau roter und blauer Beeren.

Hier setzte sich Iwan zum Ausruhen. Über ihm läutete zart die Fichtenföhre, vermengte sich mit dem Rauschen des Flusses, die Sonne goss das tiefe Tal voll Gold, die Gräser strahlten grün, irgendwo wand sich bläulicher

Rauch eines Feuers, hinter dem Berg Ihrez rollte Donner in samtigem Hall.

Iwan sass im Lauschen verloren da und vergass, dass er Kühe weiden sollte. Und plötzlich vernahm er in der klingenden Stille eine leise Musik, die sich so lange unfassbar um sein Ohr wand, dass sie ihm Pein bereitete! Gebannt und unbeweglich streckte er den Hals hoch und fing mit freudiger Spannung diese seltsame Liedmelodie ein. So spielten Menschen nicht, wenigstens hatte er es niemals gehört. Aber wer spielte dann? Ringsum war Wildnis, einsamer Wald, keine lebende Seele zu sehen. Iwan blickte sich nach den Felsen um — und versteinerte. Im Spreizsitz auf einem Felsbrocken sass *Jener*, der Teufel, und blies, den Spitzbart seitlings, mit gekrümmten Hörnern und geschlossenen Augen, die Schalmel.

“Meine Ziegen sind weg. . . Meine Ziegen sind weg. . .” entströmte es traurig dem Rohr. Und dann erhoben sich die Hörner, die Backen bliesen sich auf und die Augen öffneten sich: “Meine Ziegen sind da! . . . Meine Ziegen sind da! . . .” sprangen lustigen Töne, und Iwan sah erschrocken, wie hinter den Zweigen hervor bärtige Böcke ihre Köpfe schüttelten.

Er wollte fliehen und vermochte es nicht. Auf der Stelle festgenagelt sass er da und schrie lautlos vor kaltem Schrecken. Als er schliesslich seine Stimme hervorbrachte, wand sich der Böse und verschwand in den Felsen, und die Böcke verwandelten sich in umgestürzte Baumwurzeln.

Da rannte Iwan besinnungslos davon, auf gut Glück, riss sich durch verräterische Umarmungen des Brombeerestrüpps, brach trockene Zweige, rutschte über das glitschige Moos und hörte voll Grauen, dass etwas hinter ihm her war. Schliesslich stürzte er hin. Wie lange er da gelegen hatte, daran konnte er sich später nicht mehr erinnern.

Als er zu sich kam und vertraute Winkel wiedersah, beruhigte er sich ein wenig. Erstaunt lauschte er eine Weile in sich hinein. Das Lied schien bereits in seinem Innern zu summen. Er brachte seine Schalmel hervor. Am Anfang ging es nicht, die Melodie sträubte sich. Er begann von Neuem, strengte sein Gedächtnis an, fing irgendwelche Töne auf, und als er endlich fand, was er längst gesucht hatte, was ihm keine Ruhe liess, da floss

durch den Wald eine seltsame, noch unbekannte Weise, Freude zog in sein Herz ein, übergoss Berge, Wald und Wiese mit Sonne, sprudelte in Bächen, hob Iwan auf die Beine, und er warf die Schalmei ins Gras, stemmte seine Hände gegen die Hüften und fing an, sich im Tanze zu drehen. Er bewegte flink seine Beine, erhob sich leicht auf die Zehen, stampfte die nackten Fersen gegen den Boden, "rupfte Tauben", wirbelte und fiel in die Sitzhaltung. "Meine Ziegen sind da!.. Meine Ziegen sind da!.." sang etwas in ihm. Auf dem Sonnenfleck einer Lichtung, die sich im dunklen Reich der Fichten barg, hüpfte ein weisser Knabe, wie ein Schmetterling von Halm zu Halm flattert, und die beiden Kühe, das Gelbchen und das Grauchen, steckten wiederkäuend ihre Köpfe zwischen den Zweigen hindurch, spähten freundlich nach ihm und läuteten ihm hin und wieder zum Tanze. So fand er im Walde, was er gesucht hatte.

Zu Hause, in der Familie, war Iwan öfters Zeuge von Zwist und Unglück. Er erinnerte sich, dass neben seinem Hause zweimal die lange Trembita aus Birkenholz geblasen worden war und den Bergen und Tälern den Tod verkündet hatte: einmal, als ein Baum im Walde seinen Bruder Oleksa erschlagen hatte, und das zweite Mal, als sein Bruder Wassyl, ein schöner, lustiger Bursche, im Kampf mit einer feindlichen Sippe von Wanderäxten zerhauen worden war. Eine alte Feindschaft lebte zwischen seiner Familie und der Familie Huteniuk. Obwohl sie alle vor Wut und Verbissenheit gegen jenen teuflischen Stamm kochten, konnte doch keiner von ihnen genau sagen, weswegen die Fehde aufloderte. Iwan wünschte auch brennend, sich zu rächen; er packte die Wanderaxt seines Vaters, die ihm noch zu schwer war, bereit, sich in den Kampf zu stürzen.

Es hatte wenig zu sagen, dass Iwan das neunzehnte und Annytschka das zwanzigste Kind ihrer Eltern waren. Ihre Familie war nicht gross: die beiden Alten und fünf Kinder. Die restlichen fünfzehn ruhten auf dem Friedhof neben dem Kirchlein.

Sie alle waren fromm und gingen gern zur Kirche, besonders am Kirchweihfest. Da konnte man die fernen Verwandten treffen, die sich in den Nachbardörfern niedergelassen hatten, ausserdem ergab sich Gelegenheit, Was-

syls Tod, wie auch jenes Blut, das die Familie Palijschuk des öfteren vergoss, an der Familie Huteniuk zu rächen.

Man nahm aus den Truhen die schönsten Kleider heraus, neue rote Wollhosen, bestickte Schafjacken, reich mit Nägeln beschlagene Gürtel und Ledertaschen, gold- und silbergewirkte Doppelröcke, rote Seidentücher und sogar den herrlichen, schneeweissen Wollumhang, welchen die Mutter vorsichtig auf einem Stock gehängt über der Schulter trug. Iwan bekam auch einen neuen Hut und eine lange Umhängetasche, die ihm an den Beinen baumelte.

Man sattelte die Pferde, und die umzäunten Pfade, die grünen Hügel entlang bewegte sich ein prächtiger Zug und schmückte den Weg gleich rotem Mohn. Über Höhen, in Tälern und auf Bergrücken zogen festlich gekleidete Menschen. Das grüne Frühgras der Pfade blühte plötzlich auf, am Tscheremosch entlang floss der farbige Bach, und irgendwo oben, gegen den schwarzen Vorhang der Fichtenwälder, brannte wie Glut in der Morgensonne das rote Dach eines huzulischen Sonnenschirms.

Bald erlebte Iwan das Zusammentreffen der verfehdeten Familien.

Sie kamen bereits von dem Kirchweihfest heim, der Vater war etwas angeheitert. Plötzlich entstand auf der engen Strasse zwischen dem Tscheremosch und dem Felsen ein Gedränge. Fuhrwerke, Reiter und Fussgänger, Männer und Frauen hielten an und häuften sich zusammen. In wütender Verbissenheit, die auf einmal wie ein Wind, keiner weiss woher, stürmisch heranzog, erblitzten eiserne Wanderäxte und begannen gleich vor den Gesichtern zu tanzen. Wie Feuerstein gegen Erz, prallten die beiden Stämme — Huteniuk und Palijschuk — gegeneinander, und ehe Iwan verstehen konnte, worum es ging, schwenkte sein Vater seine Axt und schlug jemanden flach über die Stirn, daraus Blut spritzte und das Gesicht, das Hemd und die prächtige Schafjacke übergoss. Die Weiber kreischten und stürzten sich, die Streitenden zu trennen, aber ein Mann mit einem Gesicht so rot wie seine Wollhosen, traf den Feind in den Kopf. Iwans Vater wankte wie eine angeschlagene Fichte.

Iwan warf sich in das Gemenge. Er wusste nicht, was er tat. Etwas trieb ihn. Doch die Erwachsenen traten ihm auf die Füsse, und er konnte nicht bis zu den Strei-

zenden durchdringen. Immer noch hitzig und kochend vor Wut sprang er mit Anlauf auf ein kleines Mädchen, das dicht am Fuhrwerk vor Angst zitterte. Aha! Das musste wohl ein Mädchel von Hutenuks sein! Und ohne lange zu überlegen, schlug er ihm auf die Wange. Das Mädchen verzog das Gesicht, presste mit ihren Händen das Hemd an die Brust und begann zu fliehen. Iwan fing die Kleine am Fluss, zerrte an ihrem Halsausschnitt und zerriss ihn. Neue Zopfbänder fielen daraus auf die Erde, und das Mädchen sprang auf mit einem Schrei, sie zu verteidigen. Er entriss ihm die Bänder und warf sie ins Wasser. Da schaute es ihn noch in gebeugter Haltung von unter seinen Augenbrauen mit einem tiefen Blick schwarzer, matter Augen und sagte ruhig:

“Macht nichts... Ich habe andere... viel schönere.” Sie schien ihn zu trösten. Der Knabe schwieg, erstaunt über den sanften Ton.

“Meine Mutter hat mir einen Doppelrock gekauft... und Bundschuhe und gestickte Socken...”

Er wusste immer noch nicht, was er sagen sollte.

“Ich ziehe mich schön an und werde ein grosses Mädchel sein.”

Da wurde er neidisch.

“Ich kann schon auf der Schalmei spielen.”

“Unser Fedir hat sich eine schöne Flöte geschnitzt... Und der kann spielen!..”

Iwan verdüsterte sich.

“Ich habe schon den Bösen gesehen.”

Sie schaute ihn ungläubig an.

“Und warum prügeist du dich herum?”

“Und warum standest du an der Fuhre?”

Sie dachte ein wenig nach, wusste nicht, was sie antworten sollte und begann, etwas im Halsausschnitt zu suchen. Endlich brachte sie eine lange Zuckerstange hervor. Die Hälfte biss sie ab, und die andere reichte sie ihm mit einer ernsten, vertrauensvollen Geste.

“Da, nimm!”

Er zögerte, doch nahm er sie an. Dann sassen sie schon nebeneinander, vergassen das Streitgeschrei und das zornige Rauschen des Flusses, und sie erzählte ihm, dass sie Maritschka heisse und bereits Schafe hüte, dass irgendeine

Marzynowa, die auf einem Auge blind war, bei ihnen Mehl gestohlen habe... und Ähnliches, für sie beide Interessantes, Nahes und Verständliches. Und der Blick ihrer schwarzen, matten Augen drang weich in Iwans Herz ein...

Schon zum dritten Mal verkündete die Trembita den Tod in der einsamen Hütte auf dem hohen Gipfel. Am zweiten Tag nach dem Streit verschied der alte Palijtschuk.

Schwere Zeiten kamen nach dem Tode des Hausherrn über die Familie. Unordnung nistete sich ein, der Wohlstand wurde weggeschwemmt, eine Heuwiese nach der anderen wurde verkauft, und das Vieh schwand wie der Schnee im Frühjahr auf den Bergen.

Doch in Iwans Erinnerung lebte nicht so lange der Tod des Vaters wie die Bekanntschaft mit dem Mädchen, das obwohl unverdient schlecht behandelt, ihm doch mit einer vertrauensvollen Gebärde die Hälfte ihrer Zuckerstange gereicht hatte. In seine frühere unbegründete Trauer goss sich nun eine neue Strömung. Es zog ihn unbewusst in die Berge, er strauchelte auf benachbarten Höhen, in Wäldern und Tälern, wo er Maritschka finden konnte. Und er begegnete ihr endlich: sie weidete Schafe!

Maritschka empfing ihn, als ob sie schon lange auf ihn gewartet hätte: er sollte mit ihr die Schafe hüten. Wirklich! Das Gelbchen und das Grauchen sollten doch für sich allein schellen, er würde Maritschkas Schafe weiden!

Und wie sie die Tiere weideten!

Die weissen Schafe, die sich in der Kühle der Fichten sammelten, schauten mit ihren blöden Augen, wie über das Moos hin zwei Kinder herumtollten und in der Stille mit ihrem jungen Lachen klingelten. Wurden sie müde, so bestiegen sie die weissen Felsblöcke und schauten furchtsam in die Kluft, daraus steil in den Himmel die schwarze Erscheinung des Berges emporragte und Bläue atmete, die in der Sonne nicht auftauen wollte. Den Bergspalt hinab sauste ein Sturzbach und schüttelte über die Steine seinen weissen Bart. Es war so warm, einsam und beängstigend in der ewigen Stille, die der Wald barg, dass die Kinder ihren eigenen Atem hörten. Aber das Ohr fing hartnäckig und vergrösserte bis zum Äussersten jeden Laut, der im Walde leben musste. Sie glaubten zuweilen,

jemandes geheime Schritte, das dumpfe Schlagen des Breitbeils, das Ächzen einer müden Brust zu vernehmen.

„Hörst du, Iwan?“ flüsterte Maritschka.

„Sicher höre ich's.“

Sie wussten beide, dass durch den Wald das unsichtbare Beil streifte, gegen die Bäume schlug und aus müder Brust keuchte.

Die Angst trieb sie in das Tal, wo der Bach ruhiger floss. Sie gruben sich einen Trog im Wasser, eine Vertiefung, streiften die Kleider ab und plätscherten darin wie zwei Waldtiere, die von Scham nichts wissen. Die Sonne erholte sich auf ihren hellen Haaren und blendete in die Augen, und das eisige Wasser des Baches kniff den Körper.

Maritschka fror als erste und begann davon zu laufen.

„Halt an!“ schrie Iwan. „Woher bist du?“

„Aus Ja-wo-riw“, klapperte mit den Zähnen die blaue Maritschka.

„Wessen Tochter bist du?“

„Des Schmied-des.“

„Ade, Schmiedstochter“, kniff sie Iwan und lief ihr nach, bis sie beide ermüdet doch erwärmt ins Gras fielen.

In dem ruhigen Gewässer des Baches, über dem Butterblumen mit ihren Sonnenblüten brannten und der Eisenhut mit einer Reihe zierlicher Pantöffelchen blaute, quakten traurig die Frösche.

Iwan neigte sich über den Bach und fragte den Frosch:

„Muhme, Muhme, was hast du gekocht?“

„Rübensuppe. Rübensuppe. Rübensuppe...“ unkte Maritschka.

„Rote Rü-be-ben!.. Rote Rü-be-ben!.. Rote Rü-be-ben!..“ schrien sie beide mit geschlossenen Augen, so dass sogar die Frösche verwundert verstummten. Und so weideten sie, und ab und zu gingen ihnen dabei Schafe verloren.

Als sie heranwachsen, hatten sie andere Spiele.

Dann war Iwan schon ein Bursche, schlank und stark wie eine Fichte. Er rieb seine Kräuselhaare mit Butter ein, trug einen prächtigen Hut und einen breiten Leder-gürtel. Maritschka flocht ihre Haare in viele Zöpfe, und

das sollte heissen, dass sie bereit war, sich zu verheiraten. Nun weideten sie die Schafe nicht mehr zusammen und begegnete sich nur an Fest- oder Sonntagen. Sie trafen sich bei der Kirche, oder irgendwo im Walde, damit die Eltern nicht erfuhren, dass die Kinder feindlicher Stämme einander liebten.

Maritschka hatte es gern, wenn Iwan auf der Schalmei spielte. Sinnend schweifte sein Blick irgendwohin jenseits der Berge, als ob er sähe, was andere nicht wahrnahmen. Er legte die geschnitzte Schalmei an seine vollen Lippen, und ein seltsames, von niemandem gespieltes Lied fiel leise auf das grüne Neugras der Bergweide, wo die Fichten behaglich ihre Schatten ausbreiteten. Es war kühl, und es fröstelte einen, wenn die ersten pfeifenden Töne herausgeflogen kamen. Schneedecken schienen auf toten Bergen zu liegen.

Aber auf einmal, hinter dem Gipfel her, erhebt sich die Sonnengottheit und neigt ihr Haupt der Erde zu. Der Schnee schmilzt, Gewässer erwachen, die Erde läutet vom Singen der Bäche. Die Sonne zerstreut sich in den Blütenstaub der Blumen, mit leichten Schritten wandeln Niawkas über die Alm, und unter ihren Füßen leuchtet das erste Gras. Mit ihrem grünen Hauch atmen die Fichten, grün lachen die Gräser, und auf der ganzen Welt gibt es nur zwei Farben: die Erde in Grün und in Blau der Himmel. Im Tale wallt der Tscheremosch, treibt das grüne, unruhig brausende Blut der Berge hinab.

Trembita!... Turu-raj-ra... Turu-raj-ra...

Das Herz des Schäfers jauchzt auf, die Schafe blöken: sie fühlen die Weide... Die kühle Alm rauscht mit ihrem Rispengras, und aus wilden Schluchten, aus seinem Lager, erhebt sich der Bär auf die Hintertatzen, prüft seine Stimme und späht verschlafenen Auges bereits nach der Beute.

Frühlingsregen peitschen, Berggipfel brüllen mit Donnerstimmen, und der Geist des Bösen weht vom Tscheremosch her... Und wieder einmal erscheint die Sonne, die rechte Wange Gottes, und schon hört man Sensen klingen, die das Gras reihweise niederlegen. Von Berg zu Berg, von Bach zu Bach flattert leicht und durchsichtig die Tanzweise "Kolomyjka". Man glaubt hinter ihr das Fächeln ihrer Flügel zu spüren:

„Kam ein weisses Lamm gelaufen von dem Weideorte, . . .“  
Teuer sind mir, mein Feinsliebchen, deine guten Worte.“  
Leise klingelt das Fichtengezweig, leise flüstern die Wälder kühle Träume sommerlicher Nächte, die Kuhglocken klagen, und die Berge lassen unaufhörlich ihre Trauer die Bäche hinabrinnen. Krachend und stöhnend fällt im Wald ein abgehauener Baum das Tal hinunter, die Berge seufzen widerhallend, und wieder weint die Trembita. Diesmal gibt sie von einem Tod die Kunde. Jemand ist nach harter Arbeit auf ewig eingeschlafen.

„In dem Walde schreit ein Kuckuck mitten in der Föhre, Jemand wird wohl diese Weise nimmer wieder hören.“

Maritschka antwortete dem Spiel der Hirtenflöte, wie die Taube dem wilden Tauberich antwortet — mit Liedern. Sie kannte zahllose. Woher kamen sie? Keiner konnte es sagen. Scheinbar wiegten sie sich mit ihr noch in der Wiege, plätscherten mit ihr im Bade, keimten in ihrer Brust, wie ungesäte Blumen, die nach dem Mähen aufgehen, wie Fichten, die auf Bergen wachsen. Was ihr Auge nur streifte, was auch in der Welt geschah: ob ein Schaf verschwand, ein Bursche sein Herz verlor, ein Mädchen treulos wurde, eine Kuh erkrankte, eine Fichte rauschte, das alles ergoss sich in eine leichte, einfache Weise, wie die Berge in ihrer frühzeitigen, urtümlichen Art.

Maritschka verstand es, Lieder zu ersinnen. Am Boden neben Iwan hockend, umarmte sie ihre Knie und wiegte sich leicht im Takt. Ihre runden, von der Sonne gebräunten, von den Knien bis zu roten Wollsocken unbedeckten Waden hoben sich vom weissen Leinhemd dunkel ab, und die vollen Lippen bogen sich anmutig, als sie begann:

„Ruft ein kleiner, grauer Kuckuck aus dem Fichtengrunde. Nun ist eine neue Weise für das Dorf erfunden.“

Maritschkas Weise erzählte das allen bekannte doch immer wieder neue Begebnis, wie Paraska ihren Andrij so bezauberte, dass er sterben musste, wie er andere davor warnte, fremde Frauen zu lieben. Oder vom Leid einer Mutter, deren Sohn im Walde durch einen umgefallenen Baum erschlagen wurde. Die Lieder waren traurig, einfach und leidenschaftlich, sie gingen ans Herz. Maritschka endete gewöhnlich:

“Ruft ein Kuckuck an dem Bache bald laut und bald leise: Iwans Liebste hat erfunden diese neue Weise.”

Sie war schon seit langem Iwans Liebste, seit ihrem dreizehnten Lebensjahr. Was war denn Sonderbares daran? Beim Herdehüten sah sie oft, wie der Bock die Ziege besprang, oder wie der Widder Schafe belegte. Es war so einfach, natürlich, seit je her, dass kein unreiner Gedanke ihr Herz beschmutzte. Zwar wurden die Ziegen und die Schafe davon trüchtig, aber den Menschen half die Zauberin. Maritschka fürchtete sich vor nichts. Hinter dem gewebten Gürtel, am nackten Leibe, trug sie eine Knoblauchzehe, welche die Zauberin besprochen hatte, so konnte ihr nichts mehr schaden. Bei diesem Gedanken lächelte sie schelmisch vor sich hin und umhalste Iwan:

“Liebster Iwanko! Werden wir immer zusammenbleiben?”

“Wenn’s Gott erlaubt, mein Herz.”

“Ach, nein! Unsere Eltern tragen grossen Hass im Herzen. Wir sollen nicht glücklich werden.”

Da wurden seine Augen finster und er schlug die Axt in die Erde.

“Ich brauche ihr Einverständnis nicht. Sie sollen tun, was sie mögen, aber du wirst doch mein werden.”

“Ai, ai, was du sagst...”

“Was du hörst, mein Lieb.”

Und, wie den Alten zum Trotz, schwang er das Mädchen so fest beim Tanze, dass ihm die Bundschuhe auseinanderbarsten.

Doch es kam nicht alles so, wie Iwan gehofft hatte. Sein Hof verfiel und brauchte nicht mehr die Bestellung durch alle Familienglieder, er musste anderswo Arbeit suchen. Die Sorge zehrte ihn.

“Ich muss auf die Alm gehen, Maritschka”, trauerte er im voraus.

“Nun, dann geh, Iwanko”, antwortete gefügig Maritschka. “Es scheint halt unser Schicksal zu sein...”

Sie schmückte ihren Abschied mit Liedern. Es war ihr traurig zumute, dass ihre Begegnungen im stillen Wald für lange Zeit ausbleiben mussten. Sie schlug ihre Arme um Iwans Hals, schmiegte ihr helles Köpfchen an sein Gesicht und sang ihm leise ins Ohr:

“Denke an mich, Liebster, zweimal in der Tagesrunde,  
Und ich werde dein gedenken zehnmal in der Stunde.

Wirst du an mich denken?”

“Ja, Maritschka.”

“Es tut nichts”, tröstete sie ihn. “Du Armer wirst Schafe hüten, und ich werde Heu stapeln. Ich werde auf einen Schober klettern und von dort auf die Berge, auf die Alm schauen. Spiele mir mal auf der Trembita... Vielleicht höre ich's. Doch wenn Nebel die Berge einhüllen, da werde ich mich hinsetzen und weinen, weil ich dann nicht sehen kann, wo mein Liebster weilt. Wenn aber in klarer Nacht am Himmel Sterne aufgehen, dann will ich schauen, welcher Stern über der Alm steht — jenen wird auch mein Iwanko sehen. Das Singen werde ich sein lassen...”

“Nicht doch! Singe, Maritschka, gib deinen Frohmut nicht auf, ich komme ja bald wieder!”

Doch sie schüttelte traurig ihren Kopf:

“Wo soll ich euch, meine Lieder, verstecken, verbergen?  
Oder soll ich euch zerstreuen auf den grünen Bergen?

Dort werdet ihr, meine Lieder, an den Hängen spriessen,  
Und ich werde euch mit Tränen wie mit Tau begiessen.

Kommt das Glück zurück nach Hause, werde ich euch  
pflücken,  
Kommt das Unglück, sollt ihr weiter Bergeshänge  
schmücken.

So ist's... Vielleicht werde ich euch verlassen...”

Iwan horchte der feinen Mädchenstimme und sann darüber nach, dass sie wohl seit langem schon alle Berge herum mit ihren Liedern besät hatte, dass Wälder, Heuwiesen, Gipfel und Almen schon ihre Lieder sängen, dass sie im Bache klingelten und in der Sonne widerhallten... Doch es würde die Zeit seiner Wiederkehr kommen, und Maritschka müsste dann all die Lieder aufsammeln, um ihre Hochzeit damit zu schmücken...

An einem warmen Frühlingsmorgen ging Iwan auf die Alm. Die Wälder atmeten noch Kühle, das Berggewässer rauschte an den Fällen, und der Pfad stieg fröhlich zwischen

den Umzäunungen hinan. Es war ihm schwer, Maritschka zu verlassen, doch die Sonne und die rauschende grüne Freiheit, welche mit den Gipfeln den Himmel stützte, gossen Frohsinn in seine Seele. Wie ein Bergbach sprang er von Stein zu Stein und begrüßte die Wanderer, nur um seine eigene Stimme zu hören:

“Gelobt sei Jesus...”

“In Ewigkeit.”

Auf fernen Hügeln ruhten einsame huzulische Siedlungen, kirschfarben vom Fichtenholzrauch, der sie durchdrang, die spitzen Dächer der Schober mit duftendem Heu, und unten im Tal glitzerte böse der graue, kraushaarige Tscheremosch und leuchtete unter den Felsen mit ungutem, grünem Feuer. Iwan stieg immer höher, durchwatete einen Bach nach dem anderen, durchquerte düstere Wälder, wo ab und zu eine Kuh mit ihrer Glocke schellte, oder ein Eichhörnchen die abgeknabberten Reste der Fichtenzapfen hinunterstreute. Die Sonne begann zu stechen, und der steinerne Pfad zernagte die Füße. Nun wurden die Hütten schon seltener. Der Tscheremosch streckte sich unten wie ein silberner Faden, und sein Rauschen war nicht mehr vernehmbar. Die Wälder wichen vollen, weichen Bergwiesen. Iwan watete darin, wie auf Blumeninseln. Er bückte sich manchmal, um seinen Strohhut mit dem Bündel des roten Almenrausches oder mit dem blassen Kranz der Silberwurz zu schmücken. Die Berghänge versanken in tiefe, schwarze Schluchten, wo kühle Bäche geboren wurden und wohin der menschliche Fuss niemals gelangte, wo nur der graue Bär, “der Onkel”, zu Hause war. Das Wasser wurde spärlicher. Dafür, wie lechzte er danach, wenn er ein kleines Rinnsal fand, jenen kühlen Kristall, der gelbe Fichtenwurzeln umspülte und bis zu ihm her das Rauschen der Wälder brachte! An solchen Stellen pflegte immer irgendeine gute Seele ein Krüglein saure Schafmilch zu stellen.

Der Pfad wand sich indessen immer weiter, in die Öde, dort, wo Gerippe stacheliger rind- und nadelloser Fichten aufeinandergehäuft moderten. Es war wüst und verwildert auf diesen von Gott und Menschen verlassenen Waldfriedhöfen, wo nur Auerhähne streiften und Schlangen nisteten. Hier herrschte Schweigen, eine grosse Stille der

Natur, Strenge und Trauer. Hinter Iwans Rücken wuchsen schon Berge und schimmerten blau in der Ferne. Der Adler erhob sich aus den zerklüfteten Felsen und segnete sie mit weitem Flügelschwung. Man spürte den kalten Atem der Alm, der Himmel wurde immer weiter. Die Erde war nicht mehr von Wäldern bewachsen, sondern mit einem schwarzen Teppich kriechender Zwergfichten, in dem die Füße sich verstrickten, und wo Moose die Steine mit grüner Seide umzogen. Weite Berge entblößten einer nach dem anderen ihre Spitzen, bogen ihre Rücken, bäumten sich wie Meereswogen. Es schien, als wären die Wasserwälle gerade in dem Augenblick erstarrt, als der Sturm sie aus dem Meeresboden erhoben hatte, damit sie auf die Erde niederprallten und die Welt überfluteten. Mit blauen Wolken stützten schon die bukowinischen Höhen den Himmelsrand, mit blauem Dunst umhüllten sich die nahen Gipfel: Synyzi, Dzembronja und Bila Kobyla. Es rauchte Ihrez, und Howerla stach in den Himmel mit ihrer scharfen Spitze, während Tschornohora die Erde mit ihrem schweren Körper drückte.

Die Alm! Er stand bereits mitten auf dieser mit dichtem Gras bedeckten Au. Das lichtblaue Meer aufgerührter Berge umgab ihn mit breitem Ring, und die endlosen blauen Wellen schienen auf ihn zuzulaufen, als wollten sie ihm zu Füßen fallen.

Der Wind, scharf wie eine gewetzte Wanderaxt, schlug gegen seine Brust, sein Atem mengte sich mit dem Atem der Berge, und Stolz bemächtigte sich seiner Seele. Er hatte Lust, aus voller Brust zu schreien, damit der Widerhall von Berg zu Berg bis an den Horizont rollte und das Meer der Höhen auswühlte. Doch auf einmal fühlte er, dass seine Stimme in diesen Räumen wie das Summen einer Mücke verklänge...

Er musste sich beeilen.

Hinter dem Hügel, in einer Mulde, wo der Wind nicht so sehr belästigte, fand er eine vom Rauch geschwärzte Sennhütte. Kalt gähnte die Rauchöffnung. Die Schafgehege standen leer, und die Senner waren dabei, ihr künftiges Nachtlager neben den Schafen zu bereiten. Der Oberhirt mühte sich um die lebendige Flamme. Zwei Männer legten einen Kienspan in den Türstock und schoben darüber einen

Riemen hin und her, wovon der Span sich drehte und knarrte.

“Gelobt sei Jesus!” grüßte Iwan, aber man antwortete ihm nicht. Der Span schwirrte weiter, und die zwei Männer, vertieft und ernst, zogen mit derselben Bewegung am Riemen. Der Span begann zu rauchen, und bald sprang ein kleiner Funke und entzündete ihn an beiden Reibungsstellen. Andächtig hob der Oberhirt das Feuer auf und steckte es in das Holzgerüst vor der Tür.

“In Ewigkeit!” wandte er sich nun zu Iwan. “Jetzt haben wir die lebendige Flamme, und so lange sie brennt, können weder wilde Tiere noch böse Mächte dem Vieh oder uns Getauften etwas antun...”

Daraufhin führte er Iwan zur Sennhütte, wo ein Geruch von leeren Holzfässern, Zubern und rohen Bänken sich breit machte.

“Morgen wird man uns das liebe Vieh bringen. Möge der Herrgott nur erlauben, es den Menschen wieder heil zurückzugeben”, sagte der Oberhirt und erklärte Iwan, was er tun sollte. Es war etwas Ruhiges, ja Erhabenes in der Sprache und den Gebärden des Almherrn.

“Mykola!” rief er durch die Tür. “Zünde schnell das Feuer in der Senne an...”

Der schlanke, kraushaarige Mykola mit seinem runden Mädchengesicht brachte das Feuer herein.

“Wer magst du sein, kleiner Bruder? Ein Hirte?” fragte Iwan neugierig.

“Nein, ich bin Feuerhüter”, entblöste Mykola lächelnd seine Zähne. “Ich soll die Flamme nähren. Sie darf während des ganzen Sommers nicht ausgehen, sonst geschieht ein Unglück...” schaute er sich ängstlich um. “Und vom Bach Wasser holen, und vom Walde Holz bringen...”

Währenddessen wurde die Almflamme immer mächtiger. Mit einer weihevollen Bewegung, wie ein Priester aus alter Zeit, warf der Oberhirt trockene Fichtenzweige und frische Föhre hinein; ein blauer Rauch stieg leicht empor, und weiter vom Winde getrieben, rührte er an den Bergen, überschnitt den schwarzen Streifen der Wälder und breitete sich über ferne, blaue Gipfel aus. Die Alm begann ihr Leben mit der lebendigen, unlöschbaren Flamme, die sie gegen alles Böse schützen sollte. Und als ob sie sich

dessen bewusst wäre, wand sich die Flamme stolz mit ihrem Schlangenkörper hoch und pustete immer neue Rauchwolken.

Vier starke Schäferhunde wälzten ihr Fell im Grase und schauten bedächtig die Berge an, bereit augenblicklich aufzuschneiden, die Zähne zu fletschen und die Haare zu sträuben.

Der Tag verlosch bereits. Die Berge wechselten ihr blaues Kleid in rosafarbene und goldene Gewänder.

Mykola rief zum Abendessen. Da versammelten sich alle Hirten in der Sennhütte und setzten sich um das lebendige Feuer, um ihre erste Almmahlzeit in Frieden zu verzehren...

“Freue dich, du Bergeswiese, viele hundertmale,  
Weil die Schäflein mit dem Frühjahr kommen aus dem  
Tale!..”

:-

Wie ein Almgeist, umschreitet der hochgewachsene Oberhirt mit dem Feuer die Senne. Sein Gesicht ist ernst wie das eines Opferbringers, seine Fusse treten fest und breit, und der Rauch entströmt dem brennenden Holzscheit hinter ihm her einem fliegenden Drachen gleich. Er streut die Glut auf den Boden am Tore der Gehege, durch welches die Schafe laufen sollen, und horcht. Nicht nur mit seinem Ohr vernimmt er das Traben nahender Herden. Er spürt es im Herzen, wie aus tiefen Tälern, wo Flüsse kochen und Ufer zerreißen, aus stillen Siedlungen und Mähwiesen, dem Frühlingsruf folgend, die lebendige Woge der Tiere hinaufrollt, und wie unter ihren Füßen die Erde zufrieden seufzt. Er vernimmt den fernen Atem der Herde, das Muhen der Kühe und das kaum vernehmbare Getöse der Lieder. Und als endlich Menschen erscheinen und ihre langen Trembiten emporheben, um die Alm inmitten der blauen Gipfel zu grüssen, als der rauschende Bach der Schafe alle Umzäunungen vollgiesst, fällt der Oberhirt auf seine Knie nieder und hebt die Hände zum Himmel. Hinter ihm verneigen sich im Gebet Senner und Dorfleute, die das Vieh hergetrieben haben. Sie bitten Gott, dass die Schafe so heisses Herz bewahren mögen, wie die Glut, über die sie getreten sind; dass der barmherzige Gott dem Christenvieh im Tau und Regen und auf allen Wegen gegen

alles Böse, gegen wilde Tiere und jegliches Übel beistehe. So wie Gott erlaubt hat, die guten Schafe zusammenzutreiben, so solle Er auch erlauben, sie den Menschen heil zurückzugeben. . .

Der Himmel hörte gütig jenem einfältigen Gebet zu, gutmütig bewölkte sich Beskyd, und der Wind kämmte emsig im Vorüberfliegen die Almgräser, so wie Mutter einen Kinderkopf zu kämmen pflegt. . .

“Warum bist du, Bergeshöhe, schön und stolz geraten? Ist’s von vielen neuen Schafen auf den grünen Matten?”

“Hei, hei!” treibt der Hirte seine Tiere an. Die Schafe beugen träge ihre Knie, zittern auf dünnen Beinen und schütteln ihr Fell. “Hei, hei!” Nackte Mäuler mit greisenhaftem, gelangweiltem Ausdruck öffnen ihre speichelden Lippen, um Gott weiss was zu klagen: be-e . . . me-e . . . Zwei Hirten führen die Herde. Rote Wollhosen zerschneiden rhythmisch die Luft, vom Gehen wackelt die Blume am Strohhut. “Byr-byr!” Die Schäferhunde wittern den Wind und schräglings mit einem Auge schauen sie auf die Schafe, ob alles in Ordnung ist. Wolle reibt sich an Wolle, weisse an schwarzer, mollige Rücken wogen, wie feine Wellen im See, und die Herde scheint eine Gallertfläche zu sein. “Ptruá! . . . Ptruá! . . .” Der gutturale Ruf treibt immer wieder die Ausschweifenden in die Herde zurück und hält die Flut in Ufern. Die Berge — wie ein Meer — schimmern blau umher, der Wind häuft Wolken am Himmel auf. Es zittern krause Schafschwänze, alle Häupter neigen sich, und weisse, flache Zähne beißen bis an die Wurzel den süssen Krokus, die Kohlkrazdistel oder den Rotklee. “Byr! . . . Byr! . . .” Die Alm breitet der Herde ihren Teppich unter die Füsse, und die Herde bedeckt sie mit ihrem beweglichen, scheckigen Pelzmantel. Chrum-chrusj, be-e-me-e, chrusj-chrusj. . .

Wolkenschatten schweifen über nahe Hügel, schieben sie von einem Platz zum anderen. Die Berge scheinen sich zu bewegen wie Meereswogen, nur die entfernteren unter ihnen schimmern blau am Platz, ohne sich zu rühren. Die Sonne überflutet die Schafwolle, zerlegt sich in Regenbogenfarben darüber, zündet Gräser mit grünem Feuer an.

Hinter den Hirten wandeln ihre langen Schatten. "Ptruá!.. Ptruá!.." Chrum-chrusj... chrusj-chrusj... Hirtenfüsse in Bundschuhen aus gepresstem Leder treten unhörbar, die Wollwoge rollt weich über die Alm, der Wind beginnt auf einem fernen geflochtenen Zaun zu spielen. Dz-z... bläst er hochtönig auf einem abgespaltenen Span, summt lastig wie eine Fliege. Dz-z... antwortet tief ein anderer Zaunpfosten und ruft Schwermut hervor.

Wolken vermehren sich. Sie haben bereits die Hälfte des Himmels bedeckt, der ferne Beskyd erlischt, wird finster und trübt sich im Schatten einem Witwer gleich, während die Alm immer noch jugendlich blüht. Und der Wind auf der Umzäunung fragt in hoher Stimme: "Warum machst du keine Hochzeit, du hoher Titane?" "Weil die grüne Alm nicht wählte mich zu ihrem Manne", seufzt traurig der Berg.

Der blaue Himmel ist mit grau vermengt, das Bergmeer verdunkelt sich, die Alm erlischt, die Schafherde kriecht an ihr dahin wie eine graue Flechte. Der kalte Wind breitet seine Flügel aus und schlägt gegen die Brust unter der Schafjacke. Es ist so mühsam zu atmen, dass man ihm am liebsten den Rücken kehren möchte. Soll er nur schlagen!..

Der Zaun heult mit seiner dünnen Stimme, wie eine Fliege in Spinnweben, ein unerträglicher Schmerz jammert, die einsame Trauer wehklagt... Dz-z... Dze-e... Immerfort, ohne Aufhören. Er reisst Adern auf, schneidet wie ein Messer ins Herz. Man möchte nicht zuhören, aber es ist unmöglich, man möchte entrinnen — aber wohin? "Der Schlag soll dich treffen! Verdammtes Biest! Byr-byr!.. Murko!.." Und Murko treibt schon das Schaf zurück. Er umkreist es, der Wind sträubt sein Fell, er packt es mit seinen Zähnen am Nacken und wirft es in die Herde zurück.

Dz-z-e-e-e... Dz-z-i-i-i... So nagt einen Zahnweh, mit einem monotonen, unausstehlichen Schmerz. Man möchte die Zähne zusammenbeißen und schweigen. Schmerze, wenn es dir beliebt! Nage, zum Teufel! Wer weint denn da? Scheinbar ist es *Jener*, möge er doch versteinern!.. Am liebsten würde man kraftlos zur Erde fallen, Ohren mit Händen stopfen und weinen... Denn man kann es nicht mehr ertragen... Dz-z-y-y-y... Dz-z-i-u-u... Ai!

Iwan holt seine Schalmei hervor und bläst aus ganzer Kraft hinein, doch jener Besessene ist mächtiger als er. Er fliegt von Tschornohora her wie ein aufgebracht Ross, zertrabt Gräser mit seinen Hufen und zerstreut mit seiner Mähne die Schalmeitöne. Tschornohora funkelt wie eine Hexe hinter ihm her mit ihrem blinden Auge — dem weissen Schneefeld — unter schwarzen zerzausten Zöpfen, dass es einem graut. Dz-z-e-e-e... Dz-z-i-u-u...

Die Schafe sind in eine Mulde gerollt, hier ist es ruhiger. Am grauen Himmel erscheint ein kleiner blauer See. Das würzige Almgras beginnt nun stärker zu duften. Der Himmel tritt über die Ufer und überflutet alles weit mit seinem Gewässer. Wieder leuchten die Höhen blau auf, und alle Täler füllen sich mit Sonnengold.

Iwan schaut hinab. Irgendwo dort zwischen den Bergen, wo Menschen leben, wandeln die weissen Füsse Maritschkas über das grüne Neugras. Ihre Augen sind auf die Alm gerichtet. Ob sie wohl ihre Lieder singt? Oder vielleicht hat sie damit die Berge besät, sie sind als Blumen aufgegangen und Maritschka ist verstummt?

“Wenn die Hirten weisse Schafe auf die Weiden führen, Werden sie mit meinen Liedern ihre Hüte zieren...”

erinnert er die liebliche Mädchenstimme, pflückt eine Blume und schmückt damit seinen Strohhut.

“Ptruá!.. Ptruá!..” Die Sonne brennt. Es wird schwül. Die Schafe rollen dahin, schnauben im Lauf, krümmen ihre greisenhaften Mäuler, um besser die süssen Disteln zu grasen, und lassen auf ihrem Wege frische Kotkugeln. Chrusj-chrusj... chrum-chrum... Ein Fell reibt sich an dem anderen, weisses an schwarzem, die Rücken wogen, wie Seewellen... Be-e... me-e... und die Hunde halten die Herde in Ufern.

Die Schäferhunde werden müde. Sie legen sich hin und atmen schwer im Grase. Auf die langen Zungen, die zwischen den Eckzähnen herabhängen, setzen sich Fliegen. “Byr-byr!” ruft Iwan böse, und sofort sind die Hunde wieder bei den Schafen.

Weit im Inneren der Alm, unter dem dichten Wald, da weiden Kühe. Der Kuhhirt stützt sich versonnen auf seine lange Trembita.

So vergeht die Zeit. Die Bergluft spült die Brust, lässt Hunger fühlen. Wie einsam ist es ringsum! Man steht so klein da, wie ein Halm mitten im Felde. Unter den Füßen breitet sich die grüne Insel aus, von blauen Gewässern ferner Berge umflossen. Dort, auf entfernten, wilden Gipfeln, irgendwo im Land ohne Wasser und ohne Klang, da nisten allerlei Trugbilder, böse Mächte, mit denen es schwer ist zu ringen. Nur eines: man nehme sich in Acht... "Hisj-hisj!" Die Schafe schütteln sich in der grünen Wiese, die Bundschuhe treten weich über das Gras... Solch eine Stille, dass man Blut in den Adern rinnen hört... Schläfrigkeit übermannt einen. Sie legt ihre weiche Pfote auf die Augen, aufs Gesicht und flüstert ins Ohr: schlafe! Schafe zergehen vor Augen... Sie verwandeln sich in Lämmer, und dann ist nichts mehr da. Gräser rinnen wie grünes Wasser. Es erscheint Maritschka. O nein, du wirst mich nicht betören! Iwan weiss Bescheid, dass es eine Niawka ist und nicht Maritschka, die ihn lockt. Sie zieht ihn an! Er möchte sich sträuben, und dennoch schwebt er ihr nach, wie die Gräser im grünen Bache...

Auf einmal reisst ihn ein schreckliches, von Todesangst erfülltes Kuhgebrüll aus Träumereien. Was ist es? Der Kuhhirt bleibt starr auf der Stelle, so wie er da gestanden hat, mit der Trembita gegen die Erde gestemmt. Der rostfarbene Stier stampft mit seinen Beinen gegen die Erde, krümmt den kropfigen Hals, hebt den Schwanz hoch. Er stürzt sich auf dieses Gebrüll in hohen Sprüngen, zermalmt das Gras mit den Hufen, schneidet die Luft mit seinen Beinen. Der Kuhhirt fährt zusammen und eilt ihm in den Wald nach. Ein Schuss fällt im Walde. Bach-bach-bach... donnern die Höhen von Pistolenschüssen. Bach-bach-bach... antworten entferntere Gipfel, dann hüllt sich alles ins Schweigen. Stille.

Sicher hat "der Onkel" eine Kuh geschlachtet, denkt Iwan und widmet sich mehr seiner Herde.

"Ptruá!.. Ptruá!.." Die Sonne scheint eingeschlafen zu sein, der Wind ist verstummt und hat seinen Wohnsitz von der Erde zum Himmel gewechselt. Dort treibt er Wolken zusammen, dasselbe aufgewühlte Höhenmeer, das er um die Alm herum gesehen hat. In unendlichen Räumen

ist die Zeit aufgehoben. Man weiss es nicht: blieb der Tag stehen, oder vergeht er?..

Plötzlich gelangt an sein Ohr der lang erwartete Trembitaruf. Er bringt Mais- und Rauchduft von der Sennhütte herüber und erzählt mit seinem melodischen Schwingen, dass die Hürden ihre Schafe erwarten... "Hisj-hisj!.." Die Hunde werfen sich hin, die Schafe blöken und giessen sich hinab wie ein scheckiger Bach, die von der Milch beschwerten Euter schwenkend.

Den dritten Tag bereits rieselt über der Alm ein feiner, mohnsamenähnlicher Regen. Die Gipfel rauchen, der Himmel steht eingemummt da, im grauen Nebel verschwinden die Berge. Schafe, vollgesogenen Schwämmen gleich, laufen mühsam herum, die Kleidung der Senner wird kalt und klamm. Nur das Dächlein der Melkstelle bietet Zuflucht.

Iwan sitzt gegen das Rückbrett gelehnt und stützt den Milchzuber mit seinen Beinen. Neben ihm sitzen der schwarze, zerzauste Ziegenhirt, welcher bei jedem Wort flucht, und noch andere Schäfer. Die ungeduldigen Tiere, die an Milch zunehmen, umdrängen die Umfriedung der Melkstätte, um möglichst bald ihre Last loszuwerden. Wartet doch mal, ihr Ärmsten, so geht es nicht... Artig eines nach dem anderen...

"Los!" ruft zornig von hinten her der Antreiber in das Schafgeblök hinein und lässt seine nasse Rute knallen. "Los, los!" flössen die Schäfer den Tieren Mut ein und lassen mit ihren Knien so viel Eingang frei, damit ein Schaf zum Melken hereinspringt. "Dass dich der..." flucht der Ziegenhirt und hält inne: womöglichst sagt man's in einer bösen Stunde!

Mit gewohntem Griff fängt Iwan ein Schaf am Rücken und zieht es heran über den breiten Milchzuber. Das Tier steht demütig still und blöde da mit unbequem gespreizten Beinen und horcht, wie seine Milch in den Kübel rinnt. "Los!" knallt wieder der Antreiber mit seiner Rute. "Los, los!" rufen auch die Schafhirte. Die gemelkten Schafe, wie betäubt, lassen sich im Gehege auf den steinernen Boden fallen, legen ihre Köpfe auf die Vorderbeine und krümmen ihre nackten, greisenhaften Mäuler. "Los, los!"

Jwans Hände bearbeiten unentwegt warme Schafeuter, ziehen an den Melkwarzen, und über seine Hände rinnt Milch, die nach Tierfett riecht und aus dem Zuber einen fetten, süssen Dampf steigen lässt. "Los, los!.." Die Schafe springen wie betrunken herein, spreizen über dem Kübel ihre Beine, und zehn Schäferhände kneten warme Euter. Traurig blökt die nasse Herde beiderseits der Melkstelle, innerhalb des Geheges fallen die ermüdeten Tiere, während die dickflüssige Milch klangvoll in den Milchkübel fließt und mit einem warmen Strahl in den Ärmel hineindringt. "Los, los!"

Der Ziegenhirt liebäugelt mit seinen Tieren. Sie gleichen nicht den Schafen, haben ein schärferes Herz, fallen nicht totgleich um, wie jene, sondern stehen fest auf ihren dünnen Beinen. Sie haben neugierig ihre Hörnchen aufgerichtet und schauen in den Nebel hinein, als ob sie dadurch etwas sähen, und schütteln so zuversichtlich ihre kargen Bärte...

Die Hürden stehen leer. Stille und Verlassenheit. Vielleicht dort in tiefen Tälern, wo Berge anfangen zu wachsen, erklingen menschliche Stimmen und Lachen, aber es ist kaum zu glauben. Hier auf der Alm, wo der Himmel menschenleere Räume bedeckt, die nur für sich selbst in Einsamkeit leben, herrscht ewiges Schweigen.

Nur in der Sennhütte knistert die unauslöschbare Flamme und sendet immerzu blauen Rauch auf Wanderschaft aus. Die gemolkene Milch ruht schwer in Holzgefässen, darüber neigt sich der Oberhirt. Er hat sie schon zubereftet. Vom obersten Wandbrett, wo grosse, runde Laiber von Schafkäse trocknen, zieht es auf den Oberhirten herab, aber man kann den Geruch von Kohlen, Käse und Schafwolle aus der Hütte nicht vertreiben, denn auch der Oberhirt scheint ganz davon durchdrungen zu sein. Neue Fässchen und Holzkrüge stehen stumm in der Ecke. Wenn man daran klopft, antwortet von Innen die darin lebende Stimme. Die kühle Molke leuchtet aus dem Krug mit ihrem grünlichen Auge. Der Oberhirt sitzt mitten unter seinem Geschirr wie ein Vater unter seinen Kindern. Das alles: schwarze Bänke und Wände, Flamme und Rauch, Schaf-

käse, Fässer und Molke — alles ist ihm nah und vertraut, auf allem ruht seine warme Hand.

Die Milch wird dicker, aber ihre Zeit ist noch nicht gekommen. Da nimmt der Oberhirt hinter seinem breiten Ledergurt ein Bündel Holztäfelchen hervor und beginnt zu lesen. Dort steht eingekerbt, in jenem Holzbuch, wieviel Schafe jeder besitzt und was ihm gehört. Die Sorge schiebt seine Brauen herab, und er liest eifrig: "Mossjtschuk hat vierzehn Schafe, ihm gehören..."

Jenseits der Hüttenwand singt der Feuerhüter:

"Fragt den krummhörnigen Widder ein Schäflein am  
Morgen:  
Wirst du mir, mein lieber Widder, grünes Heu besorgen?"

"Muss der gerade jetzt singen!" ärgert sich der Oberhirt und zählt seine Einritzungen von Neuem.

"Weiss doch nicht, ob strengen Winter wir wohl haben  
werden,  
Ob du lebend in die Täler wiederkehrst mit Herden..."

endet der Feuerhüter und tritt in die Sennhütte. Verrusst, schwarz, beugt er sich über der Flamme, und seine weissen Zähne leuchten. Das Feuer knistert leise.

Die Milch im Kessel wird gelb und dickflüssig. Der Oberhirt neigt sich darüber gesammelt, ernst. Er knöpft langsam seinen Ärmel bis zum Ellenbogen auf und tunkt in den Milchkübel seine entblössten, behaarten Arme. Dann bleibt er darüber unbewegt.

Jetzt muss alles in der Senne ganz still sein, die Tür wird geschlossen, und sogar der Feuerhüter darf aus keinem Augenwinkel die Milch schauen, solange der Oberhirt zaubert. Alles erstarrt in stummer Erwartung: die Bottiche verbergen in sich ihre Stimmen, die Käselaiber ducken sich auf den Wandbrettern, die Wände und Bänke versinken in schweren Schlaf, die Flamme atmet kaum, und sogar der Rauch flieht verschämt durch das Fenster. Nur an der leichten Bewegung der Armadern des Oberhirten wird man gewahr, dass unten, in dem Gefäss, etwas vor sich geht. Die Arme beleben sich allmählich, erheben und senken sich, runden die Ellenbogen, schlagen, quetschen und glätten etwas dort innen, und auf einmal erhebt

sich aus dem Kübelgrund unter der Milch ein runder Quarklaib, der auf irgendeine wunderbare Weise zur Welt gekommen ist. Er wächst, wendet seine beklopften Seiten, taucht ins weisse Bad unter, selbst weiss und zart, und als der Oberhirt ihn schliesslich in die Höhe hebt, strömt klangvoll die Geburtflüssigkeit in das Gefäss zurück...

Der Oberhirt atmet erleichtert auf. Jetzt darf auch der Feuerhüter hinschauen. Ein prachvoller Schafkäse ist zur Welt gekommen, dem Oberhirten zur Freude, den Menschen zum Nutzen...

Die Tür geht weit auf, der Wind bläst von der Dachöffnung, die Flamme leckt vor Freude den schwarzen Kessel, worin nun die Molke eine Kolomyjka tanzt, und mitten im Rauch und Feuer blitzen die Zähne des Feuerhüters.

Als die Sonne untergeht, trägt der Oberhirt seine Trembita aus der Senne hinaus und bläst siegreich über alle öden Berge, dass der Tag in Frieden zu Ende gegangen, dass der Käse gelungen und der Maisbrei bereit sei, und dass die Melkgefässer auf neue Milch warten.

Während seines Aufenthaltes auf der Alm erlebte Iwan so manches Abenteuer. Einmal sah er ein sonderliches Bild. Er war gerade dabei, seine Schafe zur Senne zu treiben, als er zufällig einen Blick auf den nahen Gipfel warf. Der Nebel war herabgefallen und hatte den Wald eingehüllt. Der Gipfel erschien leicht und grau, wie ein Gespenst. Nur eine Lichtung ergrünte davor, wo eine einsame Fichte sich schwarz erhob. Doch auf einmal begann die Fichte zu rauchen und zu wachsen. Sie wurde immer höher, und dann trat daraus ein Mann hervor. Er stellte sich gross und weiss mitten in die Lichtung und rief in den Wald zurück. Es kamen Hirsche heraus, einer nach dem anderen, und jedesmal mit schönerem und lustigerem Geweih. Rehe liefen in Rudeln hinaus, zitterten auf ihren schmalen Beinen und begannen zu grasen. Jedesmal, wenn die Rehe sich zerstreuten, trieb ein Bär sie zusammen, wie ein Schäferhund die Schafe zusammentreibt. So weidete jener Nebelmensch und rief seinem Vieh etwas zu. Auf einmal erhob sich ein Windstoss, und die ganze Herde stob auseinander und verschwand, wie der Beschlag auf einer

angehauchten Fensterscheibe, als wäre nichts gewesen. Iwan zeigte das alles den Anderen, doch sie wunderten sich nur: "Wo? Da ist nur Nebel."

Innerhalb von zwei Wochen zerriss der Grosse, auch so nannten die Schäfer flüsternd den Bären, noch fünf Kühe.

Oft überraschte der Nebel die Schafe auf der Alm. Alles verschwand im dichten, milchweissen Dunst: der Himmel, die Berge, die Wälder, die Hirten. "Hei!" rief Iwan vor sich hin. "Hei!" antwortete etwas auf sein Rufen wie aus der Tiefe des Gewässers, aber wo war jener, der da schrie, das wusste niemand. Die Schafe tummelten sich im grauen Nebel zu seinen Füßen, dann verschwanden auch sie. Iwan ging hilflos, seine Hände vor sich streckend, als ob er fürchtete, gegen etwas zu stossen, und rief: "Hei!" "Wo bist du?" hörte er von hinten kommen, und er musste stehenbleiben. Ratlos, verloren stand er nun da im klebrigen Nebel, und als er die Trembita zur Antwort an seine Lippen setzte, verschwamm ihre Spitze im Nebel, und ihre gedämpfte Stimme fiel ihm gleich zu Füßen nieder. So verloren die Hirten manche Schafe.

Der "Onkel" tötete noch zwei Kühe, aber es war schon das letzte Mal: als er sich nachts in die Senne stahl, hatte er sich an einem Pfahl aufgespiesst. Nun trocknete das Bärenfell von Holzkeilen gespannt, und die Hunde bellten es an.

Manchmal platzte ein heftiges Gewitter auf die Alm nieder. Der heilige Elias kämpfte gegen *Jene*, mögen sie verenden! Er blitzte mit seinem Schwert und sein Gewehr krachte — Gott sei uns gnädig! — dass der Himmel in Stücke fiel und über Berge versank. Bei jedem Knall wand sich etwas Schwarzes ins Knäuel, sauste hin und her und verschwand unter dem Gestein... *Jener*, dass er doch verreckte! hämte über Gott, zeigte seinen Hintern, und ein Hirte hatte seine Not damit: vor Angst geplagt, wurde er noch bis auf die Haut durchnässt...

Zu Petrifasten fiel ein so schwerer Schnee, dass er drei Tage nicht schmelzen wollte. Da gingen viele Schafe zugrunde.

Selten kamen Menschen aus dem Tale. Die Hirten umkreisten sie gleich und fragten durcheinander: "Was gibt es Neues im Dorf?" Und wie Kinder hörten sie den

einfachen Berichten zu: wieviel Heu die Menschen eingebracht hatten, dass es keine Kartoffeln gab, dass der Mais karg geraten und die Ilena von Motscharnyk gestorben wäre.

Dann tranken sie alle zusammen auf das Wohl der Herden, die Gäste nahmen Schafquark in ihren Bottichen mit und gingen in Frieden in die Täler zurück.

Am Abend brannten die Flammen um die Sennhütte. Die Hirten zogen ihre Kleider aus und schütteten die Läuse über dem Feuer aus, oder versammelten sich, über den Sommer nach Frauen ausgehungert, und führten endlose gepfefferte Gespräche. Ihr Lachen übertönte selbst das schläfrige Seufzen der Kühe.

Vor dem Schlafen rief Iwan immer den sangeslustigen und gesprächigen Mykola zu sich:

“Mykola! Komm her zu mir, Brüderchen!”

“Wart mal, Brüderchen Iwan, ich komme gleich!” rief der Feuerhüter von der Senne, und schon kam von dort sein Lied zu Iwan geflogen:

“Tschornohora gibt kein Brot her, trägt auch keine Ähren,  
Hegt mit Liebe junge Hirten — niemand kann's ihr  
wehren...”

Mykola war ein Waisenkind, auf der Alm grossgeworden. “Die Schafe haben mich grossgezogen”, sprach er von sich, indem er seine widerspenstigen Locken glättete. Als er mit seiner Arbeit fertig war, legte er sich neben Iwan, so schwarz und von Rauch durchtränkt wie er war, und bleckte an der Herdflamme seine weissen Zähne. Iwan kam näher zu ihm, legte seinen Arm um Mykolas Hals und bat:

“Erzähle, Brüderchen, ein Märchen, du kennst ja so viele...” Aus dem schwarzen Himmel tropften die Sterne, und weisschäumend floss der Himmelfluss dahin. In den Tälern schlummerten die Berge.

“Es scheint, dass sie wachsen”, sagte Iwan zu sich selbst.

“Wer?”

“Die Berge.”

“Früher wuchsen sie, doch jetzt haben sie schon aufgehört...” Mykola verstummte, und dann fuhr er leise fort: “In der Urzeit gab es keine Berge, nur Wasser...”

Wasser wie ein Meer ohne Ufer. Und Gott ging auf dem Wasser. Da sah er Schaum auf den Wellen wirbeln. — Wer bist du? — fragte Gott. Und es antwortete: — Ich weiss es nicht, ich bin lebendig, doch ich kann nicht laufen. — Und das war Aridnyk. Gott wusste nichts von ihm, aber er war wie Gott von je her. Also gab ihm Gott Hände und Füsse, und sie gingen nun als Gefährte zusammen. Dann wurden sie dessen überdrüssig, immer auf dem Wasser zu laufen. Gott gedachte, die Erde zu erschaffen, nur wusste er nicht, wie er aus dem Meeresboden Lehm holen sollte, denn er kannte wohl alles in der Welt, konnte aber nichts tun. Aridnyk jedoch hatte Kraft zu allem und sagte: — Ich würde tauchen. — So tauche! — Da liess sich der Teufel auf den Grund hinab, kratzte etwas Lehm zusammen, den Rest verbarg er sich im Mund. Gott nahm den Lehm aus seiner Hand und streute ihn aus. — Gibt es keinen mehr? — Nein. — Gott segnete also jenen Lehm, und er begann zu wachsen. Der Lehm im Teufelsmunde wuchs auch. Er wurde immer grösser, stopfte seinen Rachen, verhinderte den Atem, die Augen traten ihm aus dem Gesicht hervor. — Spucke! — rief ihm Gott zu. Aridnyk begann zu speien, und wo er hinspie, da wuchsen Berge, einer höher als der andere, sie reichten bis zum Himmel hinauf. Sie hätten wohl den Himmel durchbohrt, wenn Gott sie nicht verzaubert hätte. Von da an hörten sie auf zu wachsen. . . .”

Es war Iwan sonderlich zumute, dass so schöne, fröhliche Berge vom Bösen erschaffen wurden.

“Erzähle mehr, Brüderchen”, bat er, und Mykola fuhr fort:

“Aridnyk war für alles geschickt, und was er einmal vorhatte, das führte er auch aus. Und wenn Gott etwas haben wollte, so musste er es dem Aridnyk abhandeln oder ablisten. Der schuf sich Schafe, machte sich eine Geige und begann zu spielen. Gott sah es, nahm sie ihm heimlich weg, und schon weideten sie beide. Was es auf der Welt nur gibt an Erfindungen und allerlei Kunststücken, das alles kommt von ihm, vom Teufel. Wo es nur einen Wagen, ein Pferd, eine Musik, eine Mühle oder ein Haus gibt, alles hat er sich ausgedacht. . . Und Gott entwendete es ihm und gab diese Dinge den Menschen. So war es. . .

Einmal fror Aridnyk, und um sich zu erwärmen, hatte er das Feuer erfunden. Gott kam zum Feuer und schaute in die Flamme. Der Teufel wusste gleich, was Gott wollte, und sagte: — Alles hast du mir weggenommen, aber das gebe ich dir nicht! — Eines Tages sah er, wie auch Gott Feuer anlegte. Aridnyk wurde so ärgerlich, dass er in die göttliche Flamme spuckte. Aus diesem Speichel erhob sich Rauch über dem Feuer. Die erste Flamme nämlich war ohne Rauch, rein, aber seitdem qualmt sie..."

Lange erzählte Mykola, und wenn er zufällig sich an den Teufel erinnerte, bekreuzigte sich Iwan unter seiner Schafjacke. Mykola spie dann, damit der Böse über ihn keine Macht hätte...

Mykola ist erkrankt, und Iwan hütet statt seiner das Feuer. Auf einer Bank, der Flamme gegenüber, schläft der Oberhirt, und dort in der Ecke, wo die Schatten der Holzkrüge unruhig wogen, ächzt der Kranke. Im verrussten Kessel kocht das Wasser, der Rauch steigt in die Höhe unter die Decke und dringt zwischen den Dachschildeln hinaus. Ab und zu bläst der Bösewicht in die Ritze, dann ätzt der Rauch die Augen, aber es ist gut so, denn es hindert einen daran einzunicken. Der Schlaf wird aufdringlich. Um ihn zu vertreiben, starrt Iwan in die lebendige Flamme. Er muss diese Almseele hüten, denn er weiss, was geschehen würde, wenn er sie vernachlässigte! Die lustige Glut lacht ihn an unter der schweren Bürde hervor, doch auf einmal verschwindet sie. Über die Wiese laufen die weissen Füsse Maritschkas. Sie wirft den Rechen in das gemähte Gras und streckt ihre Arme nach ihm aus. In dem Augenblick, als Iwan beinahe schon ihren Körper auf seiner Brust spürt, stürzt aus dem Walde brüllend ein Bär heraus, und die weissen Schafe zerstieben sich seitwärts und trennen ihn von Maritschka. "Tjfu, verschwinde, du Spuk!.. Sollte ich geschlafen haben?" Die Feuerglut zwinkert mit den Augen, der Oberhirt schnarcht, unter der schwarzen Decke beweglicher Schatten keucht Mykola.

Ist es nicht Zeit, den Hirten den Maisbrei zu bereiten?

Iwan geht hinaus. Stille und Kälte umringen ihn. Irgendwo in den Umzäunungen atmen die lieben Tiere,

Schafe pressen sich zu Wollknäueln zusammen, schwach glänzen die Almfeuer an den Zäunen. Die Schäferhunde umspringen Iwan, strecken ihre eingeschlafenen Glieder, kratzen und reiben sich an seinen Beinen. Schwarze Berge, einer Riesenherde gleich, scheinen die Täler zu füllen. Sie bleiben ewig in solcher Stille, worin sie sogar das Atmen des Viehs vernehmen. Und über ihnen breitet sich der Himmel aus, diese Gottesalm, wo die Sterne weissen Schafen gleich auseinanderstieben. Gibt es etwas anderes in der Welt ausser diesen zwei Almen? Die eine ruht unten, die andere oben, und zwischen ihnen, wie ein kleiner Punkt, die dunkle Gestalt des Hirten.

Doch vielleicht ist nichts da. Vielleicht hat die Nacht die Berge zusammengeschoben, versenkt, alles Lebendige vertilgt, und nur Iwans Herz schlägt dumpf unter der Schafjacke in diesen grenzenlosen toten Räumen.

Die Einsamkeit beginnt wie Zahnschmerz an seinem Herzen zu nagen. Etwas Grosses, Feindseliges würgt ihn: diese versteinerte Stille, diese gleichgültige Ruhe, dieser Traum vom Nichtsein. Ungeduld klopft in seinem Schädel, Unruhe schnürt seinen Hals — und jäh fährt er auf: mit Geschrei, Jaulen und Klagen rennt er auf die Alm, mitten im Gebell der Hunde durchbricht wie ein wild heulendes Knäuel die Stille, zersplittert die Nacht wie der Stein eine Scheibe. O-o-o-o! hallen die geweckten Berge... Ha-ha-ha... erwidern aufgeregte ferne Gipfel, und wieder schliesst sich die zerschlagene Stille. Die Schäferhunde laufen zurück, blecken vor Iwan ihre Zähne und wedeln mit dem Schweif.

Es wird Iwan noch trauriger zumute. Er sehnt sich nach Sonne, nach frühlingshaftem Flussrauschen, nach warmem Haushauch, nach Gespräch. Wehmut, süsse Sehnsucht pressen sein Herz. Erinnerungen übermannen ihn, wogen vor seinen Augen... Und plötzlich hört er leise: — I-wa-an! — Jemand ruft ihn. Und wieder: — I-wa-an!

Sollte es Maritschka sein? Woher kommt sie denn? Wieso ist sie auf der Alm? Bei Nacht? Hat sie sich verirrt und ruft ihn? Oder vielleicht scheint es ihm nur so? Nein, sie ist nah. Das Herz hämmert in Iwans Brust, aber er zögert noch. Wohin soll er gehen? Und wieder,

zum dritten Mal kommt es zu ihm von irgendwoher geflogen: — I-wa-an!.. — Maritschka... Sie ist es, gewiss... Er läuft geradeaus, pfadlos, dorthin, woher die Stimme kommt, und bleibt vor einer Schlucht stehen; hier kann er weder hinabsteigen, noch könnte er wieder auf die Alm zurückkehren. So steht er da und starrt in den schwarzen Abgrund. Da wird es ihm klar, dass ihn eine Waldelfe lockt. Er geht zur Hütte zurück, und sich bekreuzigend schaut er sich ängstlich um.

Nun ist es Zeit, die Maisspeise zu bereiten. Er schüttet Mehl, auf das er mit dem Messer ein Kreuzzeichen macht, in den Kessel mit siedendem Wasser, und bald darauf vermengt sich der duftende Dampf mit dem Rauchgeruch. Der Oberhirt reckt sich schon, es beginnt zu tagen... Wer hat ihn gerufen? Vielleicht ist es dennoch Maritschka gewesen?

Es wird heller, und ihn zieht es, noch einmal die Stelle zu schauen. Er geht auf die Alm hinaus. Kalter Tau setzt sich ihm auf die Bundschuhe, der Himmel rötet sich, die Sterne erblassen. Iwan erreicht den Gipfel — und plötzlich wird er starr. Wo befindet er sich? Was geschieht mit ihm? Wo bleiben die Höhen? Gewässer umspülen die Alm, versenken die Gipfel, die Weide schwimmt einsam auf dem grenzenlosen Meer. Von Tschornohora her bläst der Wind, die überquellenden Gewässer wogen leise, man kann spüren, wie die noch immer unsichtbare Sonne in der Tiefe wächst. Und siehe: da bohrt sich aus dem Meer ein ganzer grauer Gipfel hervor, daraus Bäche hinunterströmen. Die Kälte atmet stärker, Meereswogen wachsen und eine nach der anderen Bergspitzen durchbricht den weissen Schaum. Die Welt scheint von Neuem geboren zu werden. Die Rinnsale fliessen von den Höhen herab und strömen bereits zu seinen Füßen in die Tiefe, die Sonne breitet am Himmel ihre Krone aus und ist bereit, ihr Gesicht zu zeigen, aus der Sennhütte kommt ein wehmütiger Trembitalaut geflogen und weckt die Alm aus ihrem Traum.

So hatte Iwan seinen Sommer auf der Alm verbracht, bis diese leer wurde. Die Herden wurden von den Eigentümern auseinandergeführt und trabten die Täler hinab, Trembita spielte ihr Lied zu Ende, zerstampfte Gräser lagen

breit da, und der Wind wehklagte über ihnen wie über einem Toten. Es blieben nur der Oberhirt und der Feuerhüter zurück. Sie mussten warten, bis die Almflamme, die von selbst auf die Welt gekommen war, wie eine einschlafende Gottheit auch von selbst erlosch. Und als auch sie fortgegangen waren, kamen Gespenster auf die traurige Alm gezogen und schnüffelten in der Sennhütte und in den Gehegen herum, ob etwas für sie übriggeblieben war.

Vergeblich hatte sich Iwan von der Alm beeilt — er fand Maritschka nicht mehr lebend vor. Einen Tag früher, als sie durch den Tscheremosch gewatet war, hatte das Wasser sie mit sich fortgerissen. Überschwemmung überraschte alle, wütende Wogen schlugen Maritschka um, warfen sie dann in den Wasserfall und rissen sie unter Felsen hinabwärts. Der Fluss trug Maritschka fort, die Menschen sahen, wie die Wellen sie drehten, hörten ihr Geschrei und Flehen und konnten sie doch nicht retten.

Iwan glaubte es nicht. Es waren sicherlich Lügenmärchen der Familie Huteniuk. Sie hatten wohl von ihrer Liebe erfahren und Maritschka versteckt.

Jedoch, als er von allen Seiten nur Gleiches hörte, entschloss er sich, ihren Körper zu suchen. Er musste doch irgendwo an einen Damm gelangt sein; irgendwo mussten ihn Leute ans Ufer gebracht haben. So ging er den Fluss entlang, voll brennenden Zornes und voll Wut gegen sein ewiges Rauschen, gegen die schäumende Bosheit.

In einem Dorf fand er wirklich die Leiche. Man hatte sie bereits auf die Schotterbank gezogen, aber er erkannte Maritschka nicht darin. Sie war es nicht, sondern irgendein nasser Wollsack, eine blaue, blutige Masse, vom Flussgestein wie in einer Mühle zermalmt...

Tiefe Trauer bemächtigte sich seines Herzens. Am Anfang fühlte er Lust, vom Felsen in den Wasserwirbel zu springen: "Da hast du, friss auch mich!" Aber später trieb ihn die schmerzende Sehnsucht in die Berge, fern vom Fluss. Er hielt sich die Ohren zu, um das verräterische Brausen nicht zu hören, das den letzten Odem seiner Maritschka empfangen hatte. Er strauchelte im Walde,

mitten unter Steinen, in Felsklüften, wie ein Bär, der seine Wunden leckt, und sogar der Hunger konnte ihn nicht ins Dorf treiben. Er fand Brom- und Preisselbeeren, trank Wasser der Bäche — und so nährte er sich. Dann verschwand er. Die Menschen glaubten, dass er von grosser Trauer gestorben war, und Mädchen erfanden Lieder über ihrer beider Liebe und ihren Tod, die sich weit auf den Bergen verbreiteten. Sechs Jahre lang hörte man nichts von ihm, im siebenten aber erschien er unerwartet. Hager, gebräunt, für seine Jahre viel älter aussehend, aber ruhig. Er erzählte, dass er auf der ungarischen Seite Herden gehütet habe. Noch ein Jahr lief er so herum, dann heiratete er. Er musste auch Hauswirt werden.

Als die Pistolenschüsse schwiegen und die Hochzeit zu Ende gesungen wurde, und als die Frau ihre Schafe und Kühe in die Umzäunung trieb, war Iwan sogar zufrieden. Seine Palahna stammte aus einer reichen Familie, ein stolzes, gesundes Mädchel mit tiefer Stimme und breitem Nacken. Zwar liebte sie prächtige Kleider, und sicher würde nicht wenig Geld für Seidentücher und teure Kreuzketten ausgegeben werden, aber das tat nichts! Wenn er seine Schafe anschaute, die in den Umfriedungen blökten, seine bunte Herde, seine Kühe, die auf Waldweiden läuteten und wiederkäuerten, hatte er keine Sorgen.

Nun konnte er sich um etwas kümmern. Er war nicht gierig nach Reichtum — nicht deswegen lebt ein Huzule in der Welt — die Pflege der Tiere selbst erfüllte sein Herz mit Freude. Was ein Kind seiner Mutter bedeutet, das bedeutete ihm das Vieh. Die ganze Zeit hindurch sorgten sich seine Gedanken um das Heu, um das Wohlsein seiner Tiere: dass sie nicht erkrankten, dass keiner ihnen einen bösen Blick zuwürfe, dass die Schafe sich glücklich vermehrten, dass die Kühe trächtig würden. Überall und von allen Seiten lauerte Gefahr, man musste das Vieh vor Schlangen, Waldtieren und Hexen hüten, die auf jegliche Weise den Kühen Milch entzogen und die Herden verdarben. Man musste vieles wissen: beräuchern, zaubern, Heilpflanzen sammeln und besprechen. Palahna half ihm. Sie war eine tüchtige Hausfrau, und er teilte mit ihr seine ewigen Sorgen.

“Was für Nachbarn hat uns Herrgott gegeben!” klagte sie ihrem Mann. “Da kam Chyma in die Krippe, schaute

die Lämmer an und schlug entzückt ihre Hände zusammen. — Ei, wie schön sind sie! — Da hast du die Bescherung, dachte ich mir. Kaum überschritt sie die Schwelle, da krümmten sich zwei Lämmer auf der Stelle und fielen gleich tot um. . . Hol dich der Böse, du Hexe!”

“Und ich gehe nachts an ihrem Haus vorbei”, erzählte Iwan, “und sehe etwas Rundes, wie eine aufgeblähte Schweineblase, rollen. Es leuchtet wie ein Stern. Ich bleibe stehen, und es überquert die Weide, hüpfte über den Zaun und verschwindet in Chymas Tür. . . So wahr ich lebe! Wenn ich doch gleich daran gedacht hätte, würde ich meine Hosen ausgezogen haben, vielleicht wäre es mir gelungen, damit die Hexe zu fangen, aber jetzt ist es zu spät!”

Von der andern Seite, auf dem nächsten Hügel, lebte Jura. Die Leute erzählten, dass er zaubere. Jener Hagelbeschwörer und Hexenmeister glich einem Gott, war wissend und mächtig. In seinen starken Händen vereinigte er himmlische und irdische Kräfte, Tod und Leben, Gesundheit der Herden und der Menschen. Man fürchtete ihn, aber alle brauchten ihn. Es kam vor, dass auch Iwan sich an ihn wandte, aber jedesmal begegnete ihm ein Blick aus den schwarzen, brennenden Augen des Zauberers, und Iwan spie heimlich aus: “Salz in dein Auge!”

Mit Chyma hatten sie jedoch die grösste Pein. Das alte, schmeichelnde Weib, immer so freundlich, verwandelte sich abends in einen weissen Hund und naschte in den nachbarlichen Umzäunungen. Iwan warf oft eine Axt nach ihr, holte mit der Mistgabel aus und vertrieb sie. Man konnte mit dem blossen Auge sehen, wie die schekige Kuh immer magerer wurde und immer weniger Milch gab. Palahna wusste, wessen Werk es war. Heimlich beobachtete sie, sprach Beschwörungen, einige Male am Abend lief sie zu den Kühen, stand sogar nachts auf. Einmal machte sie einen solchen Lärm, dass Iwan wie ein Wahnsinniger in die Umzäunung gelaufen kam und eine grosse Kröte von der Schwelle vertreiben musste, die in den Schweinestall hinein wollte. Doch die Kröte verschwand plötzlich irgendwohin, und vom Zaun her kreischte schon Chymas Stimme:

“Einen guten Abend euch, meine lieben Nachbarn, he-he. . .”

Die Schamlose!

Was tat sie nicht alles, diese leibhaftige Hexe! Sie verwandelte sich in Leinen, das in der Dämmerung weiss am Walde sich ausbreitete, sie kroch in die Gestalt einer Otter, oder sie rollte durch den Hügel als durchsichtiges Knäuel. Sie trank schliesslich den Mond aus, damit es dunkel wurde, wenn sie zum fremden Vieh ging. Mehr als einer schwor, dass er gesehen hatte, wie sie einen hölzernen Sattel melkte: schlug euterähnliche Keile und melkte einen Kübel voll Milch!

Wieviel Sorgen plagten Iwan! Er hatte keine Zeit zur Besinnung. Die Hauswirtschaft verlangte dauernd Arbeit, das Leben der Tiere verband sich fest mit dem der Menschen, so dass es alle anderen Gedanken verscheuchte. Doch manchmal, ganz unerwartet, wenn er sein Auge zu den grünen Wiesen erhob, wo Heu aufgestapelt lag, oder zu dem tiefen, sinnenden Wald, kam zu ihm eine bekannte Stimme geflogen:

“Denke an mich, Liebster, zweimal in der Tagesrunde,  
Und ich werde dein gedenken zehnmal in der Stunde...”

Dann warf er die Arbeit beiseite und verschwand, niemand wusste, wohin.

Die stolze Palahna, die gewohnt war, sechs Tage in der Woche zu arbeiten und nur am Sonntag auszuruhen und sich dann mit prachtvollen Kleidern brüstete, war böse und machte ihm Vorwürfe über seine Launen. Er antwortete ihr ärgerlich:

“Halt den Mund! Kümmere dich um deine Sachen und lass mich in Ruhe!..” Er war ärgerlich über sich selbst: Was half es? — und ging schuldbewusst zum Vieh. Er brachte den Tieren Brot oder ein Stück Salz mit. Ein Weisschen oder ein Grauchen näherten sich ihm mit vertrauendem Muhen und streckte seine warme, rote Zunge heraus, und zusammen mit dem Salz leckte es auch seine Hände. Die feuchten, glänzenden Augen schauten ihn freundlich an, der laue Geruch des vollen Euters und der Mistladen gaben ihm die verlorene Ruhe und das Gleichgewicht wieder.

Im Hürdenschlag umspülte ihn gänzlich das Meer der kleinen, runden Lämmer. Sie kannten ihren Hausherrn, diese Böcke und Schafe, und mit frohem Blöken rieben

sie sich an seinen Beinen. Er versenkte seine Finger in die flockige Wolle, oder nahm mit väterlicher Empfindung ein Lamm auf seinen Arm, und der Almgeist wehte dann über ihn und rief ihn in die Berge. Davon wurde ihm ruhiger und wärmer ums Herz.

Darin bestand seine Freude.

Liebte Iwan Palahna? Dieser Gedanke beschäftigte ihn niemals. Er war der Hausherr, sie die Hausfrau, und wenn sie auch kinderlos waren, so hatten sie doch die lieben Tiere, was sollte man mehr wünschen? In der neuen Wirtschaft nahm Palahna an Umfang zu; sie wurde voll und rotwangig, rauchte ihre Pfeife, wie die Mutter von Iwan, trug kostbare Seidentücher, und auf ihrem Stiernacken glänzten so viele Korallenketten, dass die Dorf Frauen vor Neid schier platzten! Sie ritten zusammen in die Stadt oder zur Kermesse. Palahna sattelte selbst ihr Pferd und setzte ihren roten Bundschuh so stolz in den Steigbügel, als ob alle Berge herum ihr allein gehörten. In der Kermesse gab es viel Volk, ferne Verwandtschaft traf sich. Es schäumte das Bier, man vergoss den Branntwein, von entfernten Bergen kamen Neuigkeiten herbeigeflogen, Iwan umarmte verheiratete Frauen, Palahna wurde von fremden Männern geküsst — was war schon dabei? — und zufrieden, dass sie die Zeit so angenehm verbracht hatten, kehrten sie wieder zu ihren Alltagsorgen zurück.

Auch ehrbare Bauern kamen zu ihnen als Gäste.

“Gegrüsst sei Jesus! Wie geht es der Frau, dem Vieh? Sind alle gesund?”

“Sie sind wohl. Und Ihr selbst?”

Sie setzten sich, schwer von ihrer Tracht aus Schafwolle, hinter den geschnitzten Tisch und verspeisten zusammen den frischen Maiskuchen und den scharfen Schafyoghurt, von dem sich die Zunge schälte.

So verging das Leben. Der Alltag war für die Arbeit, das Fest — für den Zauber.

Am Heiligen Abend war Iwan immer in einer sonderbaren Stimmung. Wie ausgefüllt von etwas Geheimem, Priesterhaftem, tat er alles gemächlich, als läse er eine

Messe. Er fachte für Palahna die lebendige Flamme zum Bereiten der Speisen an, breitete auf und unter dem Tische Heu aus, und voll Glaubens muhte er dabei wie eine Kuh, blökte wie ein Schaf und wieherte wie ein Pferd, damit die Tiere gedeihen möchten. Er beräucherte mit dem Weihrauch das Haus und den Hürdenschlag, um das wilde Getier und die Hexen zu bannen, und als die von so viel Betrieb rote Palahna mitten in all dem Rauch schliesslich verkündete, dass all die zwölf am Heiligen Abend gebräuchlichen Speisen bereit seien, trug er, bevor er sich hinsetzte, die heilige Mahlzeit seinen Tieren. Diese mussten zuerst die Krautwickel, Kompott aus trockenen Pflaumen, Bohnen und Gerstengraupen kosten, die Palahna für Iwan sorgfältig zubereitet hatte. Doch das war noch nicht alles. Es geziemte sich, zum heiligen Mahl alle feindlichen Mächte einzuladen, vor denen er sich das ganze Leben gehütet hatte. Er nahm in eine Hand die Schüssel mit der Speise, in die andere eine Axt und ging hinaus. Die grünen Berge, in weisse Pelzjacken gekleidet, horchten hin, wie an dem Himmel das Gold der Sterne läutete, der Frost blitzte mit seinem silbernen Schwert und zerschnitt alle Töne in der Luft. Iwan streckte seine Hand in diese vom Winter geknechtete Einöde und rief zur heiligen Mahlzeit zu sich alle Zauberer, Hexenmeister, Sternbeschwörer, Waldwölfe und Bären. Er rief den Sturm, er solle sich so freundlich erweisen und bei ihm zu Gaste sein, seine fetten Speisen, seinen Branntwein, seine heilige Mahlzeit zu kosten. Doch sie zeigten sich nicht gnädig, und niemand erschien, obwohl Iwan sie dreimal darum ersucht hatte. Also beschwor er sie, niemals einzukehren — und atmete erleichtert auf.

Palahna wartete daheim. Die Flamme im Herd ruhte ermüdet, leise als Glut schlummernd, die Speisen erholten sich im Heu, der weihnachtliche Friede glitt von den dunklen Ecken herab, der Hunger zog zum Essen, doch sie durften sich noch nicht an den Tisch setzen. Palahna sah zu ihrem Mann auf — und in Eintracht bogen sie gemeinsam ihre Knie und baten Gott, er möge erlauben, dass an dem heiligen Mahle alle die Seelen teilnähmen, die niemand kannte, die ins Nichts verschwunden waren, von Bäumen erschlagen, von Wegen verwundet, von Gewässern ertränkt. Niemand dachte an sie beim Aufstehen und beim Schlafengehen, niemand erinnerte sich ihrer unterwegs,

während diese armen Seelen dereinst in der bitteren Hölle in der Erwartung des Heiligen Abends weilten...

Und als sie so beteten, war Iwan überzeugt, dass hinter seinem Rücken Maritschka weinte und die Seelen der plötzlich Verstorbenen unsichtbar auf den Bänken Platz nahmen.

“Puste, ehe du dich hinsetzt!” forderte Palahna. Aber das wusste er ohne sie. Sorgfältig blies er die Stelle auf der Bank sauber, um keine Seele zu erdrücken, und liess sich zum Abendessen nieder.

In der Neujahrsnacht besuchte der Herrgott persönlich die Herden in der Umzäunung. Am hohen Himmel brannten hell die Sterne, der Frost knisterte böse, und der greise Gott ging barfuss über dem weichen Schnee und öffnete leise die Tür des Hürdenschlages. Nachts aufgewacht horchte Iwan, und es dünkte ihm, dass eine sanfte Stimme das Vieh befragte:

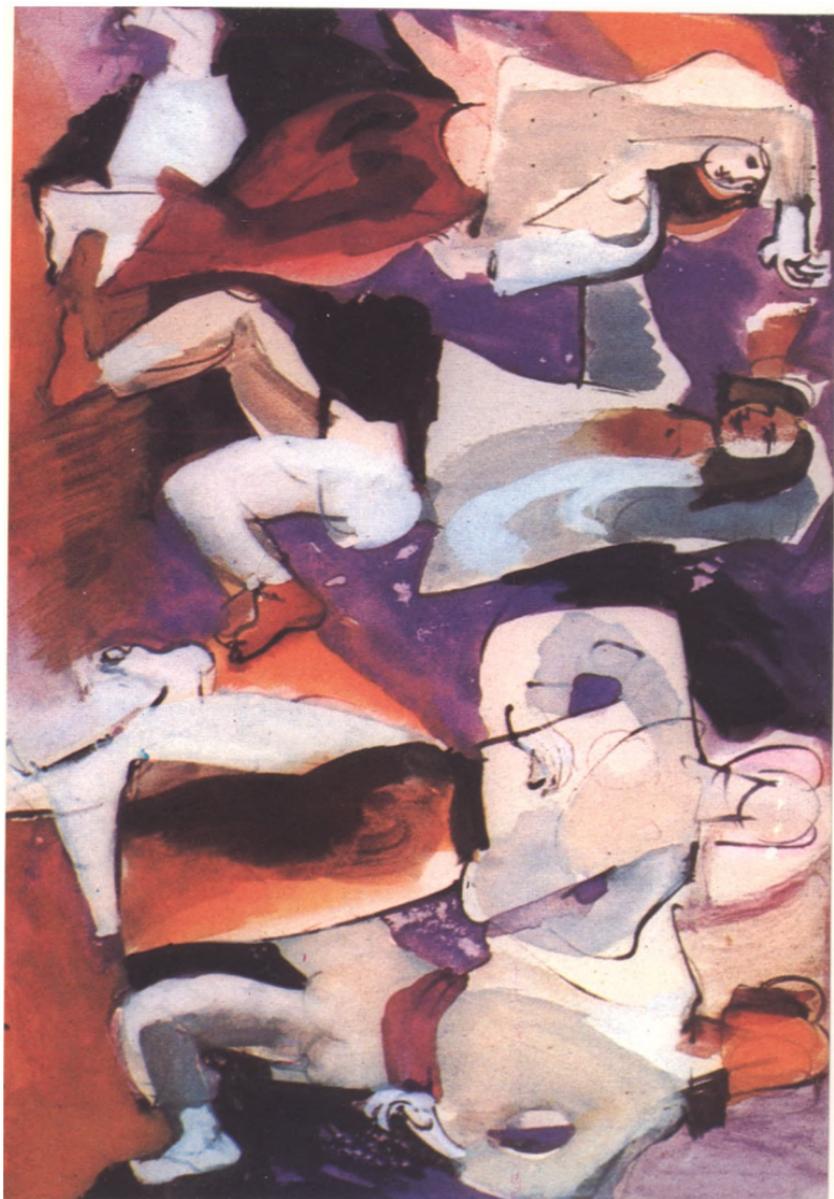
“Seid ihr wohl genährt und getränkt, ihr lieben Tiere? Sorgt der Hauswirt gut für euch?” Freudig blökten die Schafe, mit lustigem Muhen antworteten die Kühe, — der Hausherr pflegte sie gut und gewissenhaft, tränkte und fütterte sie, und sogar heute hürstete er ihnen das Fell. Nun würde der Herrgott ihn bestimmt mit neuem Tiernachwuchs segnen.

Und Gott gewährte ihm den Nachwuchs. Die Schafe bekamen friedlich ihre Lämmer, die Kühe kalbten glücklich.

Palahna war immer um ihre Zaubereien besorgt. Sie fachte Feuer mitten unter dem Vieh auf, damit es schön leuchtete wie das göttliche Licht, damit der Böse ihm nichts anhätte. Sie tat, was nur in ihrer Macht war, damit das Vieh so fügsam, wie die Wurzel in der Erde, so überquellend an Milch, wie das Wasser im Bach wäre. Sanft sprach sie zu den Tieren:

“Ihr füttert mich und meinen Hausherrn, und ich werde euch pflegen, dass ihr einen angenehmen Schlaf habt und selten brüllt, damit die Zauberin nicht herausfindet, wo ihr die Nacht verbringt, wo ihr ruht, damit keiner euch einen bösen Blick zuwirft...”

So floss das Leben der Tiere und der Menschen, das wie zwei Rinnsale im Gebirge sich in einen Bach vereinte..





Morgen ist ein grosser Festtag. Der sommerliche Georg uernimmt vom winterlichen Demetrius die Welt-schiessel, um über die Erde zu walten. Die vollen Gewässer, auf denen die Erde flutet, nähern sich der Sonne, der heilige Georg schmückt Wälder und Wiesen, die Schafe bekommen ein üppiges Fell, wie die Erde sommerliches Gras, und die Heuwiesen erholen sich von dem lieben Vien und decken sich mit dichten Kräutern. Morgen ist Frühling, ein Tag der Freude und Sonne, und schon heute erbluhen die Berge von Feuern, und der graue Rauch umhüllt Fichten mit einem durchsichtigen Schleier. Als die Sonne sich senkt, verblühen die Feuer, der Rauch fliegt zum Himmel zurück, das Vieh, durch die zerstreute Glut getrieben, tut sich mit freudigem Gebrüll kund. Es soll nun im Sommer so heissblütig wie die Flamme sein und sich so vermehren, wie die Asche, welche sich durch das Feuer anhäuft.

Spät am Vorabend des Georgfestes legten sich die Menschen zur Ruhe, obwohl sie früh aufstehen sollten. Palahna wurde wach, als es gerade zu dämmern begann. "Ist es nicht zu früh?" dachte sie laut, doch sie erinnerte sich sofort, dass sie auf die Weide gehen sollte. Sie warf beiseite die warme Schafwolldecke und stand auf. Iwan schlief noch, das schwarze Ofenmaul gähnte in der Stubenecke und darunter zirpte traurig eine Grille. Palahna knöpfte ihr Hemd auf und streifte es ab, blieb nackt mitten in der Stube stehen, und ängstlich auf Iwan zurückblickend ging sie zur Tür. Diese knarrte, und die Morgenkühle umfing Palahnas Körper. Die Berge schliefen noch. Fichtenwälder glichen strengen Mönchen und waren im Halbschlaf versunken, die über Nacht ergrauten silbernen Gipfel zerrannen im Nebel. Der Dunst hob sich aus den Tälern und streckte seine weissen, flockigen Pfoten zu den schwarzen Fichten. Unter bleichem Himmel erzählte Tscheremosch seinen Traum.

Palahna schritt über die betauten Gräser und zitterte in der Morgenkühle. Sie war sicher, dass niemand sie sehen konnte, und wenn schon — was wäre dabei? Es täte ihr nur Leid ihrer Zauberei wegen. Einen anderen Gedanken hatte sie nicht. Noch an Mariae Verkündigung hatte sie in einen Ameisenhaufen Salz, Weissbrot und Korallenketten vergraben; heute musste sie das alles

herausnehmen. Allmählich gewöhnte sie sich an die Kühle. Ihr fester Körper, der noch keine Mutterschaft kannte, schwamm frei und stolz in jungen Wiesengräsern so rosig und trisch, wie eine vergoldete Wolke voll frühlingsharten Regens. Endlich blieb sie unter einer Buche stehen. Aber ehe sie den Ameisenhaufen aufgrub, hob sie ihre Hände und streckte voller Wonne den ganzen Körper, dass ihre Gelenke knackten. Auf einmal fühlte sie, dass ihre Kraft schwand. Es wurde ihr übel. Sie liess die Arme lose hängen, sah vor sich hin, und plötzlich tauchte sie in einen schwarzen, feurigen Schlund, der sie nicht freiliess.

Jura, der Zauberer, stand an der anderen Seite der Umzäunung und schaute sie an. Sie wollte ihn anschreien — und konnte es nicht. Sie wollte ihre Brüste mit Händen bedecken — und fand keine Kraft. Sie versuchte zu fliehen — und wurzelte fest in der Erde. Machtlos stand sie fast ohnmächtig da, aber trotzig blickte sie die zwei schwarzen Glutkerne, die aus ihr alle Kraft gesogen hatten.

Endlich regte sich Wut in ihr. Die ganze Zauberei war hin! Palahna wandte Kraft auf, um diese Wut noch zu heben, und sprach ihn erzürnt an:

“Was starrst du da? Hast du wohl noch nie gesehen?”

Ohne von ihr die Augen zu wenden, mit denen er sie gänzlich gefangenhielt, blitzte Jura mit seinen Zähnen:

“So eine wie Euch, Palahna, habe ich wirklich noch nie gesehen!”

Und er setzte sein Bein über den Zaun. Sie sah genau, wie zu ihr jene zwei Glutkerne schwammen, die ihren Willen zu Asche brannten, und sie stand noch immer gebannt — war es in süsser, oder war es in schrecklicher Erwartung?

Er war schon nahe. Sie sah die verzierten Nähte seiner Schafjacke, die glänzenden Zähne im geöffneten Mund... die halbgehobene Hand... Die Wärme seines Körpers wehte sie aus der Nähe an, und sie stand immer noch starr da. Erst als eiserne Finger ihre Hand pressten und an sich zogen, riss sie sich schreiend los und lief nach Hause.

Der Zauberer stand da mit geblähten Nüstern und schaute ihr nach, wie ihr Körper sich über den Gräsern gleich Tscheremoschwellen wand. Erst als Palahna schon verschwunden war, kletterte er wieder über die Umzäunung

und begann von Neuem, die Asche vom gestrigen Feuer über die Weide zu streuen, damit die Kühe und Schafe, die dort weideten, prächtigen Nachwuchs bekämen, damit jedes Muttertier Zwillinge trüge...

Palahna kam wütend zu Hause an. Noch gut, dass Iwan nichts bemerkt hatte! Da hast du einen sauberen Nachbarn, hol dich der Böse! Konnte er keine andere Gelegenheit finden, sie zu belästigen?.. Pfui Teufel! Und dass die Zauberei verlorengegangen war, daran konnte man eben nichts mehr ändern... Sie zögerte, ob sie Iwan etwas über Jura sagen oder die Sache auf sich beruhen lassen sollte. Es könnten daraus Händel entstehen, und man brauchte mit dem Zauberer nur etwas anzufangen... Sie hätte ihn ins Gesicht schlagen sollen und fertig... Aber Palahna wusste, dass sie nicht im Stande war, ihre Hand gegen ihn zu heben. Wenn sie nur daran dachte, fühlte sie eine Schwäche im ganzen Körper, in den Armen und Beinen, irgendeine süsse Ohnmacht. Sie empfand etwas wie Spinnweben auf ihrem ganzen Leib vom heissen Blick schwarzer Augen, vom Glanz der Zähne in dem gierigen, geöffneten Mund. Und was sie auch an diesem Tage täte, der Blick des Zauberers hielt sie gefesselt.

Es waren seither etwa zwei Wochen vergangen, und Palahna verschwieg Iwan ihre Begegnung mit Jura. Sie schaute sich inzwischen ihren Mann genau an. Etwas Schweres lag in ihm, irgendeine Sorge nagte an ihm und zehrte seinen Körper, etwas Gealtertes, Wässeriges glänzte in seinen müden Augen. Er nahm zusehends ab, wurde gleichgültig. Nein, Jura war schöner. Wenn sie einen Liebhaber haben wollte, würde sie Jura wählen. Aber Palahna war stolz, man konnte sie nicht mit Zwang nehmen. Ausserdem war sie dem Zauberer auch böse.

Einmal trafen sie sich am Flusse. Palahna hatte in dem Augenblick das Gefühl, als ob sie nackt wäre und feine Spinnweben ihren ganzen Körper umgarnt hätten. Wie im Traum hörte sie:

“Wie habt Ihr geschlafen, Seelchen Palahna?”

Auf ihrer Zunge wand sich schon die Antwort bereit: “Gut, und Ihr selbst?”, aber sie hielt an, zog überheblich ihre Unterlippe hoch, erhob stolz ihren Kopf und ging vorbei, als ob sie ihn nicht gesehen hätte.

“Geht es Euch gut?” hörte sie von hinten wieder. Aber sie drehte sich nicht um. — Nun kannst du Unheil erwarten! — dachte sie ängstlich. Und wirklich, kaum erschien sie daheim, als Iwan sie mit der Nachricht empfang, dass ein Schaf eingegangen war. Doch sonderlicherweise tat ihr das Schaf gar nicht leid. Sie war sogar zornig, dass Iwan es so sehr bejammerte.

Jura kreuzte nicht mehr Palahnas Wege. Aber ihre Gedanken wandten sich immer öfter ihm zu. Neugierig und willig lauschte sie den Erzählungen von seiner Stärke, und sie wunderte sich, wieviel er vermochte, jener feurige Jura, der keine Schönere als Palahna gesehen hatte! Er war mächtig, kraftvoll, wusste alles. Von einem seiner Worte kam das Vieh sofort um, ein Mensch magerte ab, dunkelte dahin wie Rauch. Jura konnte Tod und Leben senden, eine Wolke auseinanderjagen, den Hagel anhalten, mit der Glut seines schwarzen Auges die Feinde einäschern und im Frauenherz Liebe entzünden. Er war ein Erdgott, jener Jura, der Palahna begehrte, der nach ihr seine Hände ausstreckte, in denen er Weltkräfte hielt.

Ihre Liebe zu den Kühen und zum Gatten welkte; sie verblasste und zerging wie ein Nebel, der sich eine kurze Weile auf die Fichte niederlässt. Voll Misstimmung ging sie auf die Weide, unter die Buche, und dort fühlte sie auf ihrer Brust den heissen Atem von Jura, die eisernen Finger seiner Hand. Er würde sie ganz gehabt haben, wenn er dann erschienen wäre.

Doch er kam nicht.

Es war ein heisser Tag. Der Berg Ihrez rauchte, die Erde dampfte, vom Tscheremosch her kamen unruhige Wolken und Regen ergossen sich, von der Sonne seitwärts beschienen. Es war so schwül, dass Palahna um nichts in der Welt auf die Bergspitze geklettert wäre, wenn sie nicht einen Traum gehabt hätte, der dem Vieh Unheil verhies. Sie wollte ihre Kühe im Walde aufsuchen. Um sie herum qualmten die Berge vom Nebel, als ob die Bergbäche verdampften, Tscheremosch rauschte unten. Er hatte ein hartes Lager auf Felsen und sprang von Stein zu Stein. Aber kaum hatte Palahna es fertig gebracht, die Spitze zu erklimmen, als von Tschornohora her der Wind mit seinem

Flügel fegte und die Bäume aufwühlte. — Wenn nur kein Sturm kommt! — dachte sie und wandte ihr Gesicht gegen den Wind. Da war er schon. . . Dort dröhnte die schwere blauweisse Wolke. Es schien, dass Tschornohora persönlich in den Himmel aufgefahren war und nun sich anschickte, auf die Erde zu fallen und sie zu erdrücken. Der Wind lief vor ihr her und schob Fichten auseinander, und Berg und Tal verkohlten wie nach einem Feuerbrand. Es war nicht daran zu denken weiterzugehen. Von Weitem rollte sanft der Donner. Schatten liefen schnell durch die Berge und verwischten alle Farben, und hohe Tannen bogen sich zur Erde auf fernen Höhen. — Wenn nur kein Hagel fällt, — erschrak Palahna und hüllte sich in ihre Pelzjacke.

Über ihrem Kopf rauschte es schon. Sicherlich dort, auf Tschornohora, zerhackten die Zauberer das Eis gefrorener Seen, und die Seelen der gewaltsam Verstorbenen taten es in Säcke und rannten damit auf den Wolken, um es auf die Erde zu schütten. — Aus ist es mit der Heuernte! Die armen Tiere werden hungrig brüllen, — dachte sie bitter. Der Gedanke war noch nicht zu Ende, als ein Blitz aufschlug. Die Berge schwankten, die Tannen fielen mit ihren Wipfeln zu Boden nieder, die Erde bäumte sich, und alles schwirrte im Wirbel. Kaum gelang es Palahna, sich am Baumstamm festzuhalten, als sie wie durch Nebel plötzlich einen Mann den Berg hochklettern sah. Er kämpfte gegen den Wind, bewegte einem Krebs ähnlich seine Beine, hielt sich mit Händen am Felsen fest und stieg immer höher. Er war schon nahe, bückte sich und lief — und stand endlich auf dem Gipfel. Palahna erkannte Jura.

— Er kommt bestimmt meinetwegen! — erschrak sie, aber Jura schien sie nicht bemerkt zu haben.

Er stellte sich vor das Gewölk, setzte einen Fuss vor den anderen und kreuzte seine Hände auf der Brust. Er warf den Kopf mit dem bleichen Gesicht zurück, und sein trüber Blick stemmte sich gegen die Wolke. So blieb er lange stehen, und die Wolke kam auf ihn zu. Auf einmal, mit einer starken Gebärde, warf er seinen Hut auf die Erde. Der Wind fegte ihn hinab und fing die langen Haare auf Juras Kopf auf. Da hob Jura seinen Stecken gegen die Wolke und schrie in das blaue Gedröhn:

“Halt an! Ich lasse dich nicht weiter!”

Die Wolke dachte ein wenig nach, dann warf sie als Antwort einen feurigen Pfeil.

“Ai!” Palahna verdeckte ihre Augen mit der Hand, als die Berge auseinanderbarsten.

Doch Jura stand fest wie zuvor, und seine Locken wanden sich um seinen Kopf wie Schlangen im Nest.

“Aha, so bist du!” rief er zur Wolke. “So muss ich dich beschwören. Ich beschwöre euch, Donner gross und klein, Stürme und Sturmbrut, ich zerstreue dich, du Unwetter, linkswärts, über Wälder und Gewässer. Verschwinde, verliere dich wie der Wind durch die Welt! Zerberste und zerstiebe, du hast hier keine Macht...”

Aber die Wolke blinzelte nur verächtlich mit ihrem linken Flügel und begann, sich nach rechts, über die Weiden, zu drehen.

— Welch ein Unglück! — schlug Palahna die Hände zusammen. — Nun ist das Heu dahin! —

Doch Jura wollte sich nicht geschlagen geben. Er wurde nur noch bleicher, seine Augen sahen finster aus. Wenn die Wolke sich nach rechts wandte, lief auch er nach rechts, wich sie nach links — er ihr nach. Gegen den Wind ringend, folgte er ihr, fuchtelte mit seinen Armen, drohte mit dem Stecken. Er wand sich wie ein Aal auf dem Berge, trieb die Wolke zurück, mass sich mit ihr, leistete ihr Widerstand... Noch ein wenig, bald war es so weit, noch von dieser Seite... Er fühlte Kraft in seiner Brust, warf Blitze aus seinen Augen, hob seine Arme in die Höhe und sprach Zaubersprüche. Der Wind blies seine Jacke auf und schlug gegen seine Brust, und die Wolke knurrte, betäubte mit Donnerschlägen, spritzte seine Augen voll Regen, hing gallertartig über seinem Kopf, bereit niederzufallen. Jedoch er, vom Schweiss übergossen, beinahe des Atems beraubt, warf sich besinnungslos auf dem Gipfel hin und her, in Furcht, seine letzten Kräfte zu verlieren. Schon fühlte er, dass sie ihn verliessen, dass die Brust sich leerte, dass der Wind seine Stimme riss und der Regen seine Augen überschwemmte. Die Wolke siegte, aber mit letzter Anstrengung erhob er zum Himmel seinen kurzen Stecken:

“Halt an!”

Und die Wolke blieb auf einmal stehen. Sie lüftete erstaunt ihren Saum, stützte sich wie ein Ross auf die Hinterbeine, dröhnte voll innerer Wut und nun bat sie schon in ihrer Ohnmacht:

“Lass mich los! Wo soll ich denn bleiben?”

“Ich lasse dich nicht!”

“Lass uns frei, sonst kommen wir um!” jammerten die Seelen, die sich unter der Last der Hagelsäcke krümmten.

“Ah! Nun bittest du! . . Ich beschwöre dich, verschwinde in Wüsten und Schluchten, wo man das Wiehern der Pferde, das Muhen der Kühe, das Blöken der Schafe nicht hört, wohin die Raben nicht fliegen, wo man keine christliche Stimme vernimmt. . . Dahin lasse ich dich ziehen!”

Und sonderbar: die Wolke ergab sich, wandte sich gefügig nach links und öffnete die Säcke über dem Fluss, mit dichtem Hagel das steinige Ufer übersäend. Ein weisser Vorhang bedeckte die Berge, und in dem tiefen Tal polterte, zerbarst und rauschte etwas dumpf. Jura fiel zur Erde und keuchte schwer.

Und als die Sonne durch die Wolken brach und die nassen Gräser wieder lächelten, sah Jura wie im Traum, wie Palahna auf ihn zulief. Sie schien so freundlich wie die Sonne selbst, als sie sich über ihn mit sorgenvoller Frage neigte:

“Ist dir, lieber Jura, nichts Böses zugestossen?”

“Nichts, meine Seele Palahna, nichts. . . Siehst du, ich habe den Sturm vertrieben. . .”

Und er streckte seine Arme nach ihr aus.

So wurde Palahna Juras Geliebte.

Iwan wunderte sich über Palahna. Schon früher liebte sie teure Kleider, jetzt aber schien es, als ob etwas in sie gefahren wäre: sogar am Alltag trug sie auffallende seidene, kunstvoll bedruckte Tücher, glänzende, mit Metallfäden durchwirkte Doppelröcke, und schwere Messingkreuzketten bogen ihren Nacken. Manchmal verschwand sie und kam spät nach Hause, rot und zerzaust, wie angetrunken.

“Wo treibst du dich herum?” ärgerte sich Iwan. “Schau zu, Frau!”

Aber Palahna lachte nur.

“So etwas! Soll ich nicht mehr ausgehen können? Ich will meine Freude haben... Wir leben nur einmal auf dieser Welt...”

Was wahr ist, ist wahr, kurz ist unser Leben: leuchtet auf und erlischt. Iwan selbst dachte so, nur dass Palahna es übertrieb. Jeden Tag betrank sie sich in der Schenke mit Jura, dem Zauberer. Sie küssten und umarmten sich öffentlich, ohne einen Hehl daraus zu machen, dass er ihr Liebhaber war. Als ob sie die erste wäre! Seit die Welt bestand, gab es das nicht, dass man sich nur an einen hielt.

Alle sprachen über Palahna und Jura. Iwan hörte es auch, aber er nahm es gleichgültig hin. Nur Zauberer ist eben Zauberer. Palahna blühte auf und erfreute sich, und Iwan welkte und schrumpfte, die Kraft verliess ihn. Er selbst wunderte sich über diese Wandlung. Was war mit ihm geschehen? Die Augen, so zerstreut und wässerig, steckten tief in den Stirnhöhlen. Das Leben verlor an Geschmack, sogar das liebe Vieh bereitete ihm nicht mehr die frühere Freude. Hatte ihm jemand etwas angetan, wurde er von einem bösen Blick getroffen? Er machte Palahna keine Vorwürfe, und nicht einmal im Herzen fühlte er das ihm angetane Unrecht, obwohl er mit Jura um Palahna stritt. Nicht aus Wut, sondern um der Ehre willen, als die Menschen sie gegeneinander gestellt hatten. Wäre nicht sein Stammesbruder Ssemen gewesen, der für Iwan auftrat, vielleicht hätte es auch keinen Streit gegeben. Denn als sie sich einmal in der Schenke getroffen hatten, schlug Ssemen Jura ins Gesicht.

“Und du, Schurke, lass von Palahna ab. Bleib bei deiner eigenen Frau!”

Da schämte sich Iwan und sprang zu Jura:

“Kümmere dich um deine Hafia, lass von der Meinen ab!” Und er schwenkte seine Wanderaxt vor Juras Gesicht.

“Hast du sie auf dem Markt gekauft?” flammte Jura auf. Seine Axt blitzte vor Iwans Gesicht.

“Der Schlag soll dich treffen!”

“Du Dieb!”

“Da, nimm!”

Iwan schlug als erster, direkt in die Stirn. Doch Jura, in Blut gebadet, gelang es, Iwan mitten zwischen die Augen einen Hieb zu versetzen und ihn rot bis an die Brust zu besudeln. Beide wurden von der heissen Blutwelle geblendet, die ihre Augen übergoss. Axt um Axt schlugen Funken und hämmerten gegen die Brust. Sie tanzten den tödlichen Tanz, diese roten Masken, aus denen das heisse Blut dampfte. Jura hatte bereits eine verwundete Hand, da brach er mit einem verwegenen Schlag Iwans Axt entzwei. Iwan bückte sich in Todeserwartung, aber Jura zähmte im Anlauf seine Wut und mit einer schönen, grosszügigen Gebärde warf er seine Wanderaxt beiseite.

“Ich greife einen Wehrlosen nicht an!”

Dann packten sie sich an den Schultern.

Mit Mühe wurden sie auseinandergetrennt.

Und was weiter? Iwan wusch seine Wunden, färbte den Tscheremosch mit seinem Blut und ging unter die Schafe. Dort fand er sein Gleichgewicht und seinen Trost.

Aber der Streit hatte zu nichts geholfen: alles blieb beim Alten. Palahna hielt sich nicht an das Haus, Iwan magerte weiter ab. Seine Haut dunkelte und umklebte die Knochen, die Augen sanken noch tiefer, Fieber, Geiztheit, Unruhe zehrten ihn aus. Er verlor sogar die Lust am Essen. — Nichts anderes als Machwerk des Zauberers, — dachte er bitter. — Er trachtet nach meinem Leben, will mich aus dieser Welt schaffen, dörrt mich aus! . .

Er ging zu einer Zauberin, diese besprach ihn, aber es half nichts: sicher war der Hexenmeister stärker.

Iwan hatte sogar einen Beweis dafür. Als er einmal am Juras Haus vorbeiging, hörte er Palahnas Stimme. Sollte sie es wirklich sein? Es verschlug ihm den Atem. Er presste die Hände auf sein Herz und legte das Ohr ans Tor. In der Tat, er irrte sich nicht. Dort war Palahna. Iwan suchte nach einem Spalt, um hineinzuschauen, und leise schob er sich am Zaun entlang. Endlich fand er darin eine kleine Ritze und sah dadurch Palahna und den Zauberer Jura. Jura hielt vor Palahna gebeugt eine Tonpuppe und tupfte sie vom Kopf bis Fuss mit seinem Finger ab.

“Schlage ich hier einen Keil”, lispelte er böse, “trocknen ihm Arme und Beine. In den Magen — da jammert er und kann nicht mehr essen.”

„Und wenn man den Keil in den Kopf schläge?“ fragte neugierig Palahna.

„Dann stirbt er augenblicklich...“

So hatten sie auf sein Leben abgesehen und verschworen sich...

Der Gedanke daran umnebelte Iwans Kopf. Sollte er über den Zaun springen und die beiden erschlagen? Er presste seine Wanderaxt in der Hand, mass mit den Augen den Zaun, doch plötzlich wurde er welk. Fahlheit und Gleichgültigkeit umgarnten seinen Körper. Wozu denn? Für wen? Anscheinend war das sein Schicksal. Es wurde ihm sogleich kalt, er liess die Axt fallen und schlich davon. Er strauchelte leer, ohne den Boden unter den Füßen zu füllen, pfadlos. Rote Kreise flatterten vor seinen Augen und zerschwammen auf den Bergen.

Wohin ging er nur? Er hatte keine Ahnung. Er irrte ziellos, kletterte Höhen auf und ab, wie ihn seine Beine trugen. Endlich merkte er, dass er sich am Fluss befand. Es dröhnte und rauschte unter seinen Füßen, dieses grüne Blut der grünen Berge, und er schaute gedankenlos dem Lauf der Wellen zu, bis endlich in seinem müden Hirn der erste klare Gedanke aufleuchtete: an dieser Stelle war einst Maritschka gewatet! Hier hatte sie das Hochwasser mitgerissen.

Dann begannen die Erinnerungen aufzutauchen, eine nach der anderen, und sie gossen die leere Brust voll. Er sah Maritschka wieder, ihr liebes Gesicht, ihre einfache, freundliche Anmut, er hörte ihre Stimme, ihre Lieder: „denke an mich, Liebster, zweimal in der Tagesrunde, und ich werde dein gedenken zehnmal in der Stunde...“ Und nun war das alles nicht mehr. Es war nun vorüber, und es würde niemals wiederkommen, wie niemals der Flusschaum vom Tal zurückkehren könnte. Einst Maritschka, nun war er selbst an der Reihe... Sein Stern hielt sich nur mühsam am Himmel, bereit niederzufallen. Denn was ist unser Leben? Ein Wetterleuchten am Himmel, eine Kirschblüte... unhaltbar und vergänglich...

Die Sonne verbarg sich hinter den Bergen, in stillen Abendschatten rauchten die huzulischen Hütten. Blauer Rauch wand sich durch die Dachschildeln, umwickelte die Häuser, die auf den Bergen wie grosse lichtblaue Blumen aufblühten.

Trauer drang in Iwans Herz, seine Seele sehnte sich nach etwas Schönerem, obwohl Unbekanntem, sie zog ihn in andere, bessere Welten, wo man ruhen konnte.

Und als die Nacht kam und die schwarzen Berge mit Lichtern einsamer Siedlungen wie mit bösen Untieraugen blitzten, fühlte Iwan, dass die feindlichen Mächte stärker waren, und dass er bereits im Kampf erlegen war.

Iwan wachte auf.

“Steh auf!” weckte ihn Maritschka. “Steh auf, lass uns gehen!”

Er schaute sie an und wunderte sich nicht einmal. Gut, dass Maritschka endlich gekommen war.

Iwan erhob sich und folgte ihr. Sie gingen nach oben, und obwohl es schon Nacht war, sah er klar im Sternenschein ihr Gesicht. Sie stiegen über die Umfriedung, welche die Wiese vom Walde trennte, und traten in das Dickicht der Fichten.

“Warum bist du so hager? Bist du etwa krank?” fragte sie.

“Deinetwegen, meine Seele Maritschka... Ich habe mich nach dir gesehnt...” Er fragte nicht, wohin sie gingen. Es war ihm so gut mit ihr.

“Denkst du noch daran, mein Herz, wie wir uns hier in diesem Wald trafen, wie du mir auf der Hirtenflöte spieltest? Ich umarmte dich und küsste dein liebes krauses Haar...”

“Ich erinnere mich, Maritschka, und werde es nie vergessen...”

Er sah vor sich Maritschka, aber es war wunderbar: er wusste zugleich, dass es nicht Maritschka, sondern eine Niawka war. Iwan ging an ihrer Seite und fürchtete sich, Maritschka voran gehen zu lassen, um jenes blutige Loch auf ihrem Rücken nicht zu sehen, wodurch man Herz, Leber und alles andere sehen konnte, wie das bei einer Niawka so üblich war. Auf engen Pfaden schmiegte er sich an sie, um dicht bei ihr zu gehen und nicht zurückzubleiben, und er fühlte ihre Körperwärme.

“Ich wollte dich schon lange fragen: weshalb du mich ins Gesicht geschlagen hast? Damals, erinnerst du dich,

als unsere Familien sich stritten und ich unter dem Wagen zitterte, als ich Blut sah..."

"Du liefst davon, ich warf deine Zopfbänder ins Wasser, und du gabst mir eine Zuckerstange."

"Ich liebte dich vom ersten Augenblick..."

Sie gingen immer tiefer in den Wald hinein. Schwarze Fichten streckten gutmütig über ihnen ihre bewachsenen Tatzen aus, als ob sie die beiden segnen wollten. Überall herrschte ernste, in sich geschlossene Stille, nur in den Tälern zerbrach sich im Rauschen die schäumende Willkür der Bäche.

"Einst wollte ich dich erschrecken und versteckte mich. Ich grub mich ins Moos ein, verkroch mich unter die Farne und lag still. Du riefst mich, suchtest mich und warst nahe am Weinen. Ich lag aber da und erstickte in mir das Lachen. Und als du mich endlich fandest, weisst du noch, was du mit mir gemacht hattest?"

"Ha-ha!"

"Du Schamloser!"

Sie blähte lieblich ihren Mund und schaute ihn schelmisch an.

"Ha-ha!" lachte Iwan.

"Ha-ha!" lachten sie beide, sich aneinander schmiegend.

Sie erinnerte ihn an all ihre Kinderspiele, kalte Bäder im Bach, Scherze und Lieder, Schrecken und Freuden, heisse Umarmungen und Qualen der Trennung. All die lieben Einzelheiten, die ihre Herzen erwärmten.

"Warum bist du so lange auf der Alm geblieben, Iwanko, was hast du dort gemacht?"

Iwan brannte darauf, ihr zu erzählen, wie eine Niawka, Maritschkas Stimme nachahmend, ihn von der Alm gelockt hatte, aber er wich dieser Erinnerung aus. Sein Bewusstsein spaltete sich. Er fühlte neben sich Maritschka und wusste zugleich, dass Maritschka nicht mehr lebte, dass jemand anderer ihn in die Wildnis, auf öde Berggipfel führte, um ihn dort zu verderben. Und dennoch war ihm so wohl zumute, er folgte ihrem Lachen, ihrem mädchenhaften Zwitschern, fürchtete nichts, war leicht und glücklich wie einstmals.

Alle seine Sorgen, Kummer und Todesangst, Palahna und der feindliche Zauberer verschwanden, verflohen, als ob es dergleichen niemals gegeben hätte. Sorgenlose Jugend und Freude führten ihn wieder durch diese menschenleeren Höhen, so tot und einsam, dass sogar das Waldgeflüster dort nicht verweilen konnte und mit dem Rauschen der Bäche ins Tal hinabfloss.

“Ich habe immer nach dir Ausschau gehalten, immer auf dich gewartet, wann du wohl von der Alm zurückkehrtest. Ich konnte weder essen noch schlafen, habe meine Lieder verloren, die Welt welkte mir dahin. . . Denn solange wir uns liebten, blühten trockne Eichen, als wir auseinandergingen, verdorrten die grünen. . .”

“Sprich nicht so, Maritschka, sag es nicht, mein Herz. Nun sind wir zusammen und bleiben ewig beieinander. . .”

“Ewig? Ha-ha!”

Iwan schauderte und blieb stehen. Ein trockenes, boshaftes Lachen schnitt in sein Herz. Er schaute sie ungläubig an.

“Du lachst, Maritschka?”

“Was sagst du, Iwanko! Ich habe nicht gelacht. Es schien dir nur so. Du bist schon stehengeblieben? Wird es dir schwer zu gehen? Gehen wir noch ein bisschen. Gehen wir! . . .”

Sie flehte ihn an — und er ging weiter. Schulter an Schulter fest geschmiegt, mit einem Wunsch — so fortzufahren, nicht zurückzubleiben und nicht zu sehen, dass bei Maritschka statt des Kleides, statt des Rückens. . . Ach, was. . . er wollte nicht daran denken.

Der Wald wurde immer dichter. Schwüler Dampf fauler Stämme, der Hauch des Waldfriedhofs wehte sie vom Dickicht an, wo tote Fichten moderten und giftige Pilze nisteten: der Satanspilz und der rote Täubling. Grosse, kalte Steinblöcke erkalteten unter dem schlüpfrigen Moos, von einer Schicht trockener Nadel bedeckt, verwirrten die Pfade.

Sie gingen unentwegt weiter, gelangten in die kühle und unheimliche Tiefe der Bergwälder. Dann erreichten sie eine Lichtung. Hier war es ein wenig heimischer, die Fichten schienen hinter sich die Finsternis der tiefen Nacht verhängt zu haben.

Auf einmal erbebte Maritschka und blieb stehen. Sie zog ihren Hals hoch und lauschte. Iwan merkte, wie Angst über ihr Gesicht glitt, ihre Brauen zusammenführte. Was war geschehen? Aber Maritschka hielt ungeduldig seine Frage auf, tat den Finger auf die Lippen als Zeichen des Schweigens und verschwand plötzlich. Das alles geschah so unerwartet und sonderbar, dass Iwan dessen kaum gewahr wurde.

Weswegen erschrak sie, warum und wohin war sie weggelaufen? Er blieb eine Weile auf der Stelle stehen in Hoffnung, dass sie bald wiederkehren würde, aber als sie lange nicht erschien, rief er leise:

„Maritschka!..“

Der weiche Vorhang der Fichtenzweige schluckte diesen Ruf, und wieder wurde es still.

Iwan wurde bange zumute. Er wollte Maritschka suchen, doch wusste er nicht, welche Richtung er einschlagen sollte, denn er hatte nicht bemerkt wohin sie verschwunden war. Sie könnte sich im Walde verlaufen, oder in eine Schlucht fallen. Sollte er nicht ein Feuer anzünden? Sie würde die Flamme sehen und wissen, wohin sie zurückkehren musste.

Er häufte trockene Zweige auf und fachte sie an. Das Feuer knisterte ein wenig darunter und trieb den Qualm aus. Und als der Rauch über dem Feuer auftanzte, tanzten auch die Schatten der zottigen Fichten und bevölkerten die Lichtung.

Iwan setzte sich auf einen Baumstumpf und sah sich um. Die ganze Lichtung war mit morschen Stämmen, mit einem Stachelnetz spitzer Wipfel beworfen, worunter wilde Himbeerranken sich wanden. Untere Fichtenzweige, dünn und trocken, hingen wie ein rostiger Bart herab.

Trauer umfing Iwan wieder. Er war von neuem allein. Maritschka kam nicht. Er zündete seine Pfeife an und vertiefte seinen Blick ins Feuer, um mit irgendetwas die Wartezeit zu kürzen. Maritschka musste doch endlich wiederkommen. Es schien ihm sogar, dass er ihren Schritt hörte, das Knistern der Zweige unter den Füßen. O! Endlich nahte sie... Er wollte sich erheben und ihr entgegengehen, aber er hatte keine Zeit dazu.

Die trockenen Zweige schoben sich leise auseinander, und aus dem Wald trat ein Mann. Er war unbekleidet..

Weiche, dunkle Haare bedeckten seinen ganzen Leib, umgaben seine runden, gutmütigen Augen, spitzten sich am Kinn und hingen auf die Brust herab. Er legte die vom Fell bewachsenen Hände auf seinen grossen Bauch und kam an Iwan heran.

Da erkannte er ihn sofort. Es war der fröhliche Tschuhajster, der gute Waldgeist, der Menschen vor Niawkas verteidigt. Er war ihr Tod: sobald er eine fing, riss er sie entzwei.

Tschuhajster lächelte gütig, blinzelte schelmisch mit dem Auge und fragte Iwan:

“Wohin ist sie gelaufen?”

“Wer?”

“Niawka.”

— Er meint Maritschka! — dachte Iwan erschrocken und sein Herz klopfte ihm laut in der Brust, — deswegen ist sie verschwunden!..

“Ich weiss nicht... Hab nicht gesehen”, sagte er gleichgültig und forderte ihn auf:

“Setzt Euch!”

Tschuhajster setzte sich auf einen Stumpf, schüttelte sich vom trockenen Laub ab und streckte seine Füsse dem Feuer entgegen. Sie schwiegen beide. Der Waldmensch wärmte sich an der Flamme und rieb seinen runden Bauch, und Iwan dachte angestrengt, wie er ihn möglichst lange aufhalten könne, um Maritschka zur Flucht zu verhelfen. Doch Tschuhajster half selbst nach. Er blinzelte Iwan schelmischen Auges an und fragte:

“Wie wär's, wenn wir beide miteinander ein wenig tanzten?”

“Warum nicht?” erhob sich freudig Iwan.

Er tat etwas Reissig in die Flamme, warf einen Blick auf seine Bundschuhe, zupfte sein Hemd zurecht und stellte sich zum Tanz. Tschuhajster stemmte seine haarigen Hände gegen die Hüften und schwenkte sich bereits.

“Nun, beginne!”

Und der Tanz ging los! Iwan stampfte mit dem Fuss, setzte ein Bein vor, schüttelte den ganzen Körper und schwamm im leichten huzulischen Schritt dahin. Vor ihm wackelte komisch Tschuhajster. Er schloss halbwegs seine Augen, schmatzte, schüttelte den Bauch, und seine bären-

gleich bewachsenen Beine hüpfen ungelenkt auf einem Fleck, beugten und richteten sich auf, wie dicke Felgen. Der Tanz erhitzte ihn offensichtlich. Er sprang schon höher, machte tiefere Kniebeugen, freudiges Knurren verstärkte seinen Mut, und er keuchte wie ein Blasebalg. Schweiß trat in Tropfen um seine Augen auf, lief in Rinnalen von der Stirn zum Mund, unter den Achselhöhlen und auf dem Bauch glänzte es bei ihm wie bei einem Pferd. Tschuhajster war schon ganz aufgetaut.

“Hei-ha! Noch einmal! Und noch so!” rief er Iwan zu und schlug mit den Fersen gegen den Boden.

“Wie ein Blinder, wie ein Krummer!” feuerte Iwan ihn an. “Ha-ha! Wenn schon tanzen, dann richtig!”

“So ist es recht!” klatschte Tschuhajster in die Hände, fiel in die Sitzhaltung und drehte sich im Kreis.

“Ha-ha-ha!” schlug sich Iwan auf die Schenkel. Konnte er etwa nicht tanzen?

Das Feuer loderte mit fröhlicher Flamme auf und trennte die Schatten der Tanzenden, die auf der mit Helligkeit überströmten Lichtung schrumpften und sich schlugen.

Tschuhajster wurde müde, hob immerwährend seine Hand mit den langen schmutzigen Klauen zur Stirn und wischte den Schweiß ab. Er sprang nicht mehr, schüttelte nur seinen behaarten Körper auf der Stelle.

“Vielleicht langt es?” schnaufte er.

“Noch nicht... Noch ein wenig.”

Iwan selbst fiel vor Erschöpfung beinahe um. Er glühte, ganz vom Schweiß gebadet, seine Beine schmerzten und die Brust rang nach Atem.

“Ich spiele noch zum Tanz auf!” rief er Tschuhajster zu und holte seine Schalmei hinter dem Gürtel hervor. “So eine Weise hast du, mein Freund, noch nie gehört...”

Er spielte das Lied, das er dem Teufel im Wald abgelauscht hatte: “Meine Ziegen sind da... Meine Ziegen sind da...” und Tschuhajster, von den Tönen des Liedes neu aufgemuntert, begann höher die Ferse zu schlagen, schloss vor Vergnügen seine Augen und vergass scheinbar alle Müdigkeit.

Nun konnte Maritschka beruhigt sein.

“Fliehe, Maritschka... sei nicht bange, mein Herz... dein Feind tanzt”, sang die Schalmei.

Das Fell umklebte Tschuhajsters Leib, als wäre er aus dem Wasser gestiegen, der Speichel rann in Rinnsalen aus seinem durch die Tanzlust geöffneten Mund, er glänzte am Feuer, und Iwan erhöhte noch seine Tanzfreude mit dem fröhlichen Spiel. Wie geistesabwesend, in gänzlicher Selbstvergessenheit, schlugen seine Füße, von denen schon die Schuhe zerfallen waren, gegen den Stein der Lichtung.

Endlich war Tschuhajster ganz erschöpft.

“Es langt, ich kann nicht mehr.”

Er fiel ins Gras und keuchte schwer, mit geschlossenen Augen. Iwan liess sich zusammen mit ihm auf die Erde fallen, und beide schnauften schwer. Dann kicherte Tschuhajster leise:

“Na, heute habe ich mich fein geschwenkt!”

Er knetete zufrieden seinen runden Bauch, krächzte, glättete seine Brusthaare und verabschiedete sich:

“Schönen Dank für den Tanz.”

“Lasst Euch gut gehen.”

“Gehab dich wohl. . .”

Tschuhajster schob die trockenen Fichtenzweige auseinander und versank im Wald. Die Lichtung wurde wieder vom Dunkel und von der Stille umfassen. Die verglühende Flamme blinzelte in der Finsternis mit einem roten Auge.

Wo blieb jedoch Maritschka? Iwan hatte ihr noch so viel zu sagen. Er spürte das Verlangen, ihr sein ganzes Leben zu erzählen: von seiner Sehnsucht nach ihr, seinen freudlosen Tagen, seiner Einsamkeit mitten unter Feinden, seiner unglücklichen Ehe. . . Aber wo blieb sie denn? Wo hin war sie gegangen? Vielleicht nach links? Es schien ihm, dass er sie zuletzt an der linken Seite gesehen hatte.

Iwan ging linkswärts. Da war Dickicht. Die Fichten standen so eng nebeneinander, dass es schwer war, sich unter ihren rauhen Stämmen hindurchzuzwängen. Die trockenen Unterzweige stachen ihn ins Gesicht. Aber er ging weiter. Er watete in vollkommener Dunkelheit, stolperte und schlug ohne Unterlass gegen die Stämme. Manchmal schien es ihm, dass ihn jemand rief. Er blieb stehen, hielt den Atem an und horchte. Doch der Wald war mit Stille gefüllt, das Rascheln der trockenen Zweige, um die er sich rieb, dröhnte so laut, wie ein von der Waldaxt

gefällter Stamm. Iwan drang weiter vor, streckte seine Arme nach vorn aus, wie ein Blinder, der mit seinen Händen nach Luft greift in der Angst, gegen einen Gegenstand zu stossen.

Auf einmal schlug ein leiser, kaum bemerkbarer Hauch an sein Ohr:

“Iwa-an!..”

Die Stimme kam von hinten, irgendwo aus der Tiefe geflogen, als ob sie ein Meer von Fichtennadeln durchdrang.

Also war Maritschka nicht in der Nähe. Iwan musste zurückkehren. Er beeilte sich, schlug mit den Knien gegen die Fichten, bog die Zweige ab und schloss seine Augen, um sie sich nicht an den Nadeln auszustechen. Die Nacht schien an seinen Fussohlen zu heften, liess ihn nicht los, und er schleifte sie hinter sich her und schob sie mit seiner Brust auseinander. Lange schon irrte er so umher und fand die Lichtung nicht mehr. Da begann der Boden unter seinen Füßen sich zu senken. Grobe Steine lagen auf seinem Weg. Er umging sie, glitt immer wieder auf dem glitschigen Moos aus, stolperte über die harten Wurzeln und hielt sich am Gras fest, um nicht hinabzufallen.

Und wieder, aus der Schlucht zu seinen Füßen, kam zu ihm ein schwacher, vom Wald gedämpfter Ruf:

“Iwa-an!..”

Er wollte laut auf Maritschkas Stimme antworten, aber er wagte es nicht, damit es Tschuhajster nicht hörte.

Nun wusste er schon, wo sie zu suchen war. Er musste sich nach rechts begeben und hinabsteigen. Doch da war es noch steiler, es schien sonderbar, wie Maritschka an dieser Seite hinabklettern konnte. Kleine Steine brachen ab, rollten unter seinen Füßen und fielen mit dumpfem Knurren in den schwarzen Abgrund nieder. Jedoch er, geschickt und an die Berge gewöhnt, blieb am Rande der Kluft stehen und suchte eine neue Stütze für seine Füße. Allmählich wurde es immer mühsamer hinabzusteigen. Einmal wäre er beinahe gestürzt, doch er fing sich an einem Felsvorsprung und blieb an den Armen hängen. Er wusste nicht, was unter ihm lag, doch er fühlte Kälte und listiges Atmen des Abgunds, der seinen unersättlichen Rachen aufsperrte.

“Iwa-an!..” stöhnte Maritschka irgendwo aus der Tiefe, und ihre Stimme war Lockruf der Liebe und der Qual.

— Ich komme, Maritschka! — drängte in Iwans Brust die Antwort, doch fürchtete, sich zu offenbaren.

Nun vergass er alle Vorsicht. Er sprang von Stein zu Stein, einem wilden Widder gleich, kaum Atem mit offenem Mund schnappend, verletzte seine Glieder, fiel mit der Brust gegen einen kantigen Felsen, verlor den Boden unter den Füßen und im Sturzz, durch den heissen Nebel des Verlangens, hörte er noch, wie die teure Stimme ihn trieb:

“Iwa-an!..”

“Hier bin ich!” rief Iwan und fühlte zugleich, dass der Abgrund sich seiner bemächtigte. Er packte ihn am Hals und bog ihn nach hinten. Iwan griff Luft mit den Händen, hielt mit seinen Füßen den von ihm abgerissenen Stein fest und spürte seinen Körper voll Kühle und sonderbarer Leere. Der schwarze, schwere Berg breitete seine Fichtenflügel aus und hob sich vor Iwan wie ein Vogel in den Himmel. Eine scharfe, tödliche Neugier flammte in seinem Hirn auf: woran würde sein Kopf zerschmettern? Er spürte das Krachen seiner Knochen, ein scharfer, unerträglicher Schmerz krümmte seinen Körper — und alles zerschwamm im roten Feuer, darin sein Leben verkohlte.

Am anderen Tag fanden die Hirten den leblosen Iwan.

Traurig verkündete die Trembita den Bergen vom Tode. Denn der Tod hatte hier seine Stimme, mit der er zu den einsamen Gipfeln sprach. Pferdehufe schlugen auf die felsigen Pfade, Bundschuhe raschelten in der Nachtfinsternis, aus den verlorenen Berghöfen zogen die Nachbarn zu den “späten Feuern”. Sie beugten vor dem Körper ihre Knie, legten ihm Münzen auf die Brust für die Überfahrt der Seele und setzten sich schweigend auf die Bänke. Das graue Haar vermengte sich mit dem Feuer roter Kopftücher, die rosigen Wangen mit dem gelben Wachs verrunzelter Gesichter.

Das Totenlicht wob ein Netz gleichmässiger Schatten auf dem Gesicht des Verstorbenen und der Lebenden. Die kropfigen Hälse reicher Bäuerinnen bebten, ruhig schim-

merkten alte Augen vor dem Todesernst, weise Stille: vereinigte Leben und Tod, und grobe, abgehärmte Hände ruhten ihnen allen schwer auf den Knien.

Palahna glättete das Leinen über dem Toten, und ihre Finger spürten dann seine Leichenkühle, während warmer, süßlicher Duft des Wachses, das an den Kerzen herabglitt, die Klage von der Brust zur Kehle trieb.

Unter den Fenstern weinten die Trembiten.

Das gelbe Antlitz Iwans lag ruhig auf dem Leinentuch und verschloss in sich etwas nur ihm Bekanntes. Das rechte Auge schaute höhnisch unter dem etwas gehobenen Lid auf das Häufchen kupferner Münzen auf seiner Brust und auf die gefalteten Hände, in denen eine Kerze brannte.

Am Haupt der Leiche verweilte unsichtbar die Seele; sie durfte noch nicht das Haus verlassen. Palahna richtete sich an diese einsame Seele ihres Mannes, die sich wie eine Waise an den unbeweglichen Körper schmiegte.

“Warum sprichst du nicht zu mir, warum schaust du mich nicht an, verbindest nicht die Schwielen an meinen Fingerspitzen? Welchen Weg wirst du gehen, mein lieber Gatte, woher soll ich dich wieder erwarten?” klagte Palahna, und ihre tiefe, traurig klingende Stimme unterbrach sich.

“Schön klagt sie...” wackelten mit ihren Köpfen alte Nachbarinnen, und ihnen antworteten Seufzer, die im Gemurmeln menschlicher Stimmen zergingen.

“Wir hüteten zusammen Schafe auf der Alm... Als wir einmal weideten, da entstand ein kalter Wind, wie im Winter... So ein Sturm wirbelte herum, dass man die Gotteswelt nicht sehen konnte, und er, der Selige...” erzählte ein Bauer den Nachbarn. Die Lippen der Bauern bewegten sich von ihren Erinnerungen, denn es schickte sich, eine traurige, vom Leib getrennte Seele zu trösten.

“Du bist weggegangen und hast mich allein gelassen... Mit wem werde ich nun das Haus verwalten, die lieben Tiere versorgen?” befragte Palahna die Seele des Gatten.

In die geöffneten Türen, aus der dunklen Nacht, traten immer neue Gäste. Sie beugten vor dem Körper ihre Knie, Kupfermünzen klirrten auf Iwans Brust, auf den Bänken rückten Leute, um anderen Platz zu machen. Dicke Kerzen tauten, leise, zergingen in Wachstränen, der bleiche Schein

leckte die verbrauchte Luft, und blauer Qualm, gemischt mit dem süßlichen Wachsduft und Körperdunst, hing über dem dumpfen Stimmgewirr der Stube.

Es wurde eng. Gesichter neigten sich zu Gesichtern, der warme Atem vermengte sich, verschwitzte Stirnen spiegelten das Totenlicht wider, das die drahtgewirkten Doppelröcke, mit Metallverzierungen beschlagene Gürtel und Taschen aufleuchten liess. Im Haus häuften sich immer neue Gäste, die sich an der Schwelle drängten.

Der Körper begann sich zu zersetzen. Weissliche flechtenähnliche Flecken krochen darauf wie kaum merkbare Schatten.

“Mein süsser Gemahl, du hast mich der Not überlassen...” beklagte sich Palahna. “Ich werde niemanden haben, der in die Stadt fährt, der bringt, der gibt, der holt, der besorgt...”

Hinter den Fenstern gab es die Trembita wehmütig kund und goss noch mehr Leid zu ihren Klagen hinzu.

Hatte die arme Seele nicht reichlich Trauer geerntet?

So ein Gedanke schien sich unter der Wucht der nagenden Wehmut zu verstecken, denn von der Schwelle her begann schon die Aufmunterung. Die Füße trampelten noch scheu, die Ellenbogen schoben sich, manchmal polterte ein Schemel, die Stimmen unterbrachen sich und mischten sich ins gedämpfte Raunen der Menge. Und da auf einmal zerschnitt ein grelles weibliches Lachen die schweren Trauervorhänge und loderte über dem gezähmten Lärm wie eine Flamme unter der Haube des Rauches empor.

“He, du Nasiger, kaufe mir einen Hasen ab!” sprach aus der Mitte eine junge Basstimme, und das gedämpfte Gelächter antwortete:

“Ha-ha! Der Nasigel!”

“Ich will nicht.”

Das Spiel begann. Diejenigen, welche näher an der Tür sassen, wandten ihre Rücken zur Leiche, bereit, sich am Spiel zu beteiligen. Ein frohes Lächeln breitete sich auf ihren Gesichtern aus, die vor Kurzem noch in Schmerz gesammelt waren, und der “Hase” ging schon weiter und

weiter herum, gewann immer breitere Kreise, drang schon bis zum Toten vor.

“Ha-ha, Buckliger! Ha-ha, Krummer!..”

Das Licht flackerte vom Lachen, der Rauch qualmte. Einer nach dem anderen erhoben sich die Gäste von den Bänken und verteilten sich in die Ecken, wo es eng war und lustig zuging.

Auf dem Antlitz des Toten wuchsen immerfort Flecke, als ob geheimnisvolle Gedanken sich darin bewegten und ohne Unterlass seinen Ausdruck änderten. In den gehobenen Mundwinkeln schien der bittere Gedanke erstarrt: was ist schon unser Leben? Ein Wetterleuchten am Himmel, eine Kirschblüte...

Bei der Tür zur Diele küsste man sich schon.

“An wem hängst du?”

“An der schwarzhaarigen Annytschka.”

Annytschka tat, als ob sie nicht wollte und sträubte sich, aber Dutzende von Händen schoben sie aus der engen Masse vor und heisse Lippen sprachen ihr Mut zu:

“Geh, Mägdlein, geh...”

Und Annytschka umhalste den, der “an ihr hing” und küsste ihn mit Wonne auf den Mund unter allgemeinen freudigen Ausrufen.

Man hatte die Leiche vergessen. Nur drei alte Weiber blieben bei ihr und schauten gläsernen Auges traurig zu, wie über das gelbe, erstarrte Gesicht eine Fliege kroch.

Die Ehefrauen berauschten sich am Spiel. Mit Augen, aus denen noch nicht das Totenlicht entschwunden und das Bild des Verstorbenen verwischt war, gaben sie sich freudig den Küssen hin, gleichgültig vor ihren Ehemännern, die ebenso fremde Frauen umarmten und an sich zogen.

Schallende Küsse flochten sich ins Weinen der trauernden Trembita, die immer noch fernen Bergen den Tod auf dem einsamen Gipfel verkündete.

Palahna klagte nicht mehr. Es war spät, sie musste die Gäste bewirten.

Lustiges Lärmen war im Gang. Es wurde schwül, die Menschen schwitzten in ihren Schafjacken; sie atmeten

den Schweissdunst ein, das süßliche Qualmen des Wachses und den Geruch der Leiche, die schon am verwesen war. Alle sprachen laut, als hätten sie vergessen, weswegen sie hier versammelt waren, erzählten ihre Geschichten und lachten. Sie fuchtelten mit den Armen, schlugen einander auf den Rücken und blinzelten den Frauen zu.

Die im Haus keinen Platz gefunden hatten, fachten auf dem Hof ein Feuer an und trieben da vergnügte Spiele. In der Diele blies man das Licht aus, die Mädchen schrien wild und die Burschen drückten sich vor Lachen. Die Hauswände bebten vom Toben, und die Woge des Gelächters schlug gegen das ruhige Lager des Toten.

Das gelbe Feuer der Kerzen dämmerte in der dicken Luft.

Sogar die Alten nahmen an dem lustigen Treiben teil. Sorgloses Gekicher schüttelte ihre weissen Haare, glättete Runzeln und entblösste verfaulte Zahnstummel. Sie halfen den Jungen, das Frauenvolk zu fangen, indem sie ihre zittrigen Arme ausstreckten. Bei den jungen Frauen klirrten die Korallenketten auf dem Busen, das weibliche Gekreisch zerriss das Ohr, Schemel wankten, vom Platze geschoben, und schlugen gegen die Totenbare.

“Ha-ha!.. Ha-ha!..” hallte es von der Herrgottsecke unter den Heiligenbildern bis zu der Schwelle, und ganze Menschenreihen bogen sich vor Lachen und hielten ihre Bäuche mit den Händen.

Mitten in dem gellenden Gedränge knatterte ungeduldig eine hölzerne Mühle.

“Was hast du zum Mahlen?” rief herausfordernd der Müller aus.

“Wir haben Mais...” drängten sich an ihn Mädchen und zankten sich Krämer, die sich lange Flachsbarthe angehängt hatten.

Ein festgerolltes, nasses Handtuch holte aus und verteilte schallend links und rechts Nackenschläge. Man floh unter Gelächter und Geschrei, warf die im Wege Stehenden um, hob Staub und verdarb die Luft. Der Hausboden schwankte unter dem Gewicht junger Beine, auf der Bahre

wackelte die Leiche, schüttelte ihr gelbes Gesicht, aus dem noch immer nicht das rätselhafte Todeslächeln verschwunden war.

Auf der Brust klirrten leise Kupfermünzen, die von guten Seelen für die Überfahrt hingeworfen waren.

Jenseits der Fenster schluchzten traurige Trembiten.

---

*Composto e Impresso na*



COMPANHIA  
BRASILEIRA DE  
ARTES  
GRÁFICAS

RUA RIACHUELO, 128 TEL.: 222-3350, 232-9623 • 232-5783

---

Rio de Janeiro — RJ — Brasil

